



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia



CRISTIANO ARAÚJO SOARES

**ANÁLISE DA ESTRUTURA EDUCACIONAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA EM
TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19.**

UBERLÂNDIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia



CRISTIANO ARAÚJO SOARES

**ANÁLISE DA ESTRUTURA EDUCACIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA EM
TEMPO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, da linha de pesquisa: Educação Geográfica e Representações Sociais, no nível de Mestrado Acadêmico.

Orientação: Prof. Dr. Tulio Barbosa

UBERLÂNDIA
2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S676 Soares, Cristiano Araújo, 1978-
2023 ANÁLISE DA ESTRUTURA EDUCACIONAL E O ENSINO DE
GEOGRAFIA EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID 19. [recurso
eletrônico] / Cristiano Araújo Soares. - 2023.

Orientador: TULIO BARBOSA.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Geografia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.270>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. BARBOSA, TULIO,1979-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico; Número 543, PPGGEO				
Data:	02 de junho de 2023	Hora de início:	14h:00m	Hora de encerramento:	16h:30m
Matrícula do Discente:	12112GEO016				
Nome do Discente:	CRISTIANO ARAÚJO SOARES				
Título do Trabalho:	ANÁLISE DA ESTRUTURA EDUCACIONAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID 19				
Área de concentração:	DINÂMICAS TERRITORIAIS E ESTUDOS AMBIENTAIS				
Linha de pesquisa:	EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se no Campus Santa Mônica [[Google Meet](#)], Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: [Adriany de Ávila Melo Sampaio - IG-UFU](#); [Cilson César Fagiani - UNIUBE-MG](#) e [Túlio Barbosa - IG/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a). A Defesa aconteceu de forma remota.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). [Túlio Barbosa - IG/UFU](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado\(a\).](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tulio Barbosa, Presidente**, em 02/06/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cílson César Fagiani, Usuário Externo**, em 02/06/2023, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriany de Avila Melo Sampaio, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/06/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4479763** e o código CRC **6EF615AD**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, autor e consumidor de todas as coisas, e à memória de todos aqueles que perderam suas vidas para a COVID-19. Em especial a minha avó materna Sebastiana Araújo (1929-2021), que aos 91 anos, como já anunciava ela mesma: “foi morar na Glória”, deixando nos um legado de fé, amor ao próximo e humildade. Dedico também a memória do meu sogro Ladair Alves Ferreira (1955-2022), também conhecido como vovô Coca, pela simpatia que nos uniu, e será lembrada para sempre.

AGRADECIMENTO

No decorrer desta pós-graduação muitas pessoas contribuíram para que este trabalho se realizasse por isso venho ressaltá-las sem distinção: minha esposa Priscilla, meu filho João Pedro, meu pai Alcides, meus irmãos Alcides Júnior e Lúbson, a minha sogra Josely e demais familiares.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia, ao corpo docente, e administrativo, na pessoa da coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia, Prof^{ta} Dra. Gelze Serrat de S. Campos Rodrigues, ao orientador deste trabalho Prof^o Dr. Tulio Barbosa, que abrilhantou e contribuiu muito com este estudo, ao meu amigo Prof^o Dr. Herivelton Pereira Pires pela sua motivação e companheirismo, aos colegas mestrandos Turma 2021 pela parceria e acolhimento, aos colegas dos grupos de estudos Núcleo Teoria Anticolonial, ao GPEGPSHI-LAGEPOP (Laboratório de Geografia e Educação Popular) e também o LAGECULT (Laboratório de Geografia e Cultura), pelas discussões de temáticas que perpassaram pela dissertação. Agradeço aos professores que compuseram a banca examinadora Prof^{ta} Dr^a. Adrianly de Ávila Melo Sampaio e o Prof^o Dr. Cilson César Fagiani pelas assertivas considerações que muito contribuiu para nosso trabalho. Aos amigos que aceitaram nosso convite e que de uma forma direta ou indireta estiveram juntos conosco durante o tempo da pesquisa.

Aos colegas de trabalho, diretores, professores e aos alunos e pais dos alunos, que fizeram parte da construção desta dissertação.

Estou extremamente emocionado por chegar até aqui.

“SOLI DEO GLÓRIA!”

“A sobrevivência não é uma questão de força: ela
depende da capacidade de adaptação”
(Charles Darwin, Geólogo e Biólogo)

SOARES, Cristiano Araújo. **Análise da estrutura educacional e Ensino de Geografia em tempo da pandemia da COVID-19**. 2023. 195 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.270>

RESUMO

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo nas escolas brasileiras. Ocorreram mudanças significativas na estrutura escolar cotidiano com o fechamento das escolas e a passagem obrigatória do ensino presencial para o ensino remoto. A presente dissertação buscou compreender esse momento de mudanças no cotidiano escolar com suas consequências, uma vez que as escolas fechadas, as aulas foram ministradas remotamente e os alunos foram privados da normalidade do cotidiano escolar. A privação do ensino presencial e da socialização real tiveram consequências quanto ao processo de ensino-aprendizagem e trouxeram inúmeros desafios para todo corpo docente, discente e para a família. A análise que realizamos, numa sala de aula do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Uberlândia, localizada no Estado de Minas Gerais, permitiram compreender os desafios, os limites e as soluções pedagógicas para aquele momento de pandemia. A pesquisa trouxe contribuições importantes para entendermos os desafios quanto a constatação da perda nos processos de ensino e aprendizagem. A verificação dos problemas oriundos da conjuntura pandêmica para com alunos do ensino fundamental revelou as dificuldades de aprendizagem e a urgência nos processos pedagógicos que tiveram que ser adaptados, sem qualquer preparação ou investimento do Estado, quanto as questões postas pela pandemia. Entendemos que a pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo nas escolas e com isso o papel docente foi de grande relevância para superar os desafios pedagógicos e sociais garantindo aos alunos acesso a uma educação que prime qualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Pandemia; COVID-19; Educação Geográfica; Ensino Fundamental

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has had a significant impact on Brazilian schools. Significant changes occurred in the daily school structure with the closure of schools and the mandatory shift from face-to-face teaching to remote teaching. The present dissertation sought to understand this moment of changes in the school routine with its consequences, since the schools were closed, classes were taught remotely and students were deprived of the normality of the school routine. The deprivation of face-to-face teaching and real socialization had consequences for the teaching and learning process and brought numerous challenges for the entire faculty, students and family. The analysis we carried out, in a classroom of the 5th year of elementary education at a public school in Uberlândia, located in the State of Minas Gerais, allowed us to understand the challenges, limits and pedagogical solutions for that moment of pandemic. The research brought important contributions for us to understand the challenges regarding the verification of the loss in the teaching-learning processes. The verification of the problems arising from the pandemic situation with elementary school students revealed the learning difficulties and the urgency in the pedagogical processes that had to be adapted, without any preparation or investment by the State, regarding the issues posed by the pandemic. We understand that the COVID-19 pandemic had a significant impact on schools and, therefore, the teaching role was of great importance in overcoming pedagogical and social challenges, guaranteeing students access to an education of prime quality.

KEYWORDS: Pandemic; COVID-19; Geographical Education; Elementary School

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: COVID: 1º caso em Wuhan foi de vendedora de mercado de animais.....	20
Figura 2: Prefeitura de Uberlândia confirma primeiro caso de coronavírus na cidade.....	21
Figura 3: Auxílio Emergencial.	24
Figura 4: Quase 28 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza.	24
Figura 5: Dados da COVID-19.....	25
Figura 6: IBGE - um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet.	26
Figura 7: Brasil tem 11 milhões de analfabetos.....	29
Figura 8: Plataforma digital de aprendizagem.	31
Figura 9: Donos e sócios e sindicato patronal de escolas particulares tensionam à volta às aulas.	34
Figura 10: Bolsonaro em live diz que professor não quer trabalhar.....	39
Figura 11: O Deputado federal Ricardo Barros criticou os professores na manhã de hoje, abril de 2021.	40
Figura 12: É fake que professor/a não quer trabalhar.	40
Figura 13: Número por mortes na educação durante a pandemia	44
Figura 14: Número de desligamentos por morte.....	45
Figura 15: Número de desligamentos por morte, por estados.	46
Figura 16: Prefeitura de Uberlândia pede na justiça volta às aulas.....	47
Figura 17: Vacinação contra a COVID-19	48
Figura 18: Retorno às aulas presenciais passa a ser obrigatório em MG.	49
Figura 19: Informe da Agência do Estado de MG.....	49
Figura 20: Protocolo sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia.	51
Figura 21: Metragem para a sala de aula.	53
Figura 22: Adoecimento do professorado no Brasil.	56
Figura 23: Aumento de agressões domésticas.	57
Figura 24: Aumento de afastamento de saúde.	60
Figura 25: Saúde mental dos professores na pandemia.	61
Figura 26: Professores enfrentam adoecimento mental.	61
Figura 27: Imagens dos PETs.....	68
Figura 28: Alunas e alunos no ambiente virtual.	81
Figura 29: Imagens capas PETs, volume 1 e 2, 2020.	83
Figura 30: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020.	85
Figura 31: Atividades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020, p. 44-45.....	86
Figura 32: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020.	87
Figura 33: Atividades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020, p. 47-48.....	88
Figura 34: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 5, 2020.	89
Figura 35: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020.	90
Figura 36: Crescimento das cidades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020, p. 50-51.....	91
Figura 37: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 7, 2020.	92
Figura 38: INTERDISCIPLINAR. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 300 anos de Minas, 2020	92
Figura 39: Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume PET Final Avaliativo, 2020.	93
Figura 40: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2021.	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2020.....	95
Tabela 2: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 2, 2020.....	96
Tabela 3: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020.....	96
Tabela 4: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020.....	97
Tabela 5: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 5, 2020.....	98
Tabela 6: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020.....	98
Tabela 7: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 7, 2020.....	99
Tabela 8: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 8, 2020.....	100
Tabela 9: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume Avaliativo Final, 2020.....	100
Tabela 10: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2021.....	101
Tabela 11: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 2, 2021.....	102
Tabela 12: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2021.....	103
Tabela 13: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2021.....	104

SUMÁRIO

CAPÍTULO – 1	17
COMPREENSÃO DA PANDEMIA DE 2020 A 2021 E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	17
1.1 O MEC E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA PANDEMIA.....	27
1.2 SAÚDE E EDUCAÇÃO - A SAÚDE COMO COMPONENTE DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	55
CAPÍTULO – 2	63
ENSINO DE GEOGRAFIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA	63
2.1. ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR POR MEIO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PET GEOGRAFIA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	81
CAPÍTULO – 3	106
ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS- PANDEMIA.....	106
3.1 – ANÁLISE DAS QUESTÕES	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	148

INTRODUÇÃO

A presente dissertação objetiva elencar questões pertinentes para refletir o cotidiano escolar em diversas escalas políticas, econômicas e culturais no período de pandemia da COVID-19. A importância desse trabalho está na vivência cotidiana da sala de aula, da escola e das questões que foram experienciadas diretamente por docentes das escolas estaduais por meio das aulas virtuais, das reuniões pedagógicas, do convívio cotidiano ímpar a partir do isolamento social.

Diante disso, o presente trabalho busca consolidar reflexões quanto ao cotidiano escolar no ambiente virtual por meio do Ensino de Geografia, apresentando questões teóricas e práticas para a escola constituída historicamente antes da pandemia e durante a mesma. A escola como objeto de estudo, terá como análise múltiplas dimensões do processo de ensino e aprendizagem vinculado as especificidades do ambiente virtual.

Também buscaremos compreender o que é esse ambiente virtual para o processo de ensino e aprendizagem a partir da ineficiência digital, técnica e tecnológica do Estado de Minas Gerais, uma vez que o Estado não forneceu as bases para que o trabalho fosse realizado de forma ampla, integral e necessária. As políticas educacionais para a escola sempre estiveram ligadas aos interesses macroeconômicos e nesse momento de pandemia não foi diferente, pois a estrutura política e econômica subordinou a escola pública estadual de Minas Gerais a uma situação de não efetividade na construção do conhecimento, uma vez que os investimentos do Estado de Minas Gerais e do Governo Federal foram insuficientes para permitir que a educação “virtual” fosse uma educação real.

O cenário da pandemia na educação em Minas Gerais precisa partir da realidade docente e da escola para entender como os investimentos foram insignificantes, visto que muitos docentes precisaram comprar equipamentos como computadores, laptops, câmeras, microfones, bem como pagar algumas licenças para terem direito a acessarem alguns programas para enriquecerem o atendimento aos alunos, tudo isso somado ao custo quanto aos valores pagos pelos mesmos para terem acesso a uma internet com o mínimo de recomendações técnicas e tecnológicas, enfim, essa dissertação é importante por apresentar os cenários e as construções evidenciadas e vivenciadas durante a pandemia.

Também é importante compreender as questões cotidianas que envolvem discentes da educação básica e suas situações familiares, pois as condições econômicas e sociais tiveram pesos impactantes na elaboração do aprendizado realizado em casa.

A presente dissertação trata das questões educacionais e os desafios cotidianos em ser docente e discente no período pandêmico, bem como realiza questionamentos sobre a escola nas suas

múltiplas dimensões diárias e tenta consolidar uma organização estrutural para pensar o futuro da educação.

A dissertação está organizada em três capítulos. Os capítulos foram organizados para que as questões estruturais e as diferentes escalas fossem compreendidas na escola e na sala de aula virtual, ou seja, a ordem dos capítulos tem como objetivo, entender as dinâmicas sociais, políticas e econômicas da pandemia e suas consequências didáticas na sala de aula virtual e na organização da própria escola.

Somos docentes na escola estadual de Minas Gerais e buscamos compreender o momento pandêmico para que fosse possível projetarmos a escola também para além da pandemia; assim, as consequências dessa educação elaborada de forma negligente pelo Estado de Minas Gerais tiveram, como ainda terão, desdobramentos para a própria concepção de Escola. Desta maneira, a educação básica foi afetada diretamente pela pandemia e trouxe, com isso, consequências diretas para o processo de aprendizagem nos dias que seguiram pós-pandemia.

Tratamos no presente trabalho com uma Escola Estadual localizada no município de Uberlândia na região central da cidade. Trabalhamos com o quinto ano do ensino fundamental e nossas experiências e perquirições partiram do 5º ano escolar, em 2021, na referida escola. A justificativa para essa dissertação parte da importância em compreender pela vivência os processos de transformação da educação escolar em tempos de COVID-19, logo a dissertação tem relevância para o entendimento da realidade escolar a partir das políticas educacionais e dos papéis institucionais.

Para isso, metodologicamente, tratamos da vivência escolar como ponto de partida para a compreensão do processo de ensino e de aprendizagem. A compreensão da realidade, parte do método materialista histórico e dialético e a metodologia empreendida busca promover a composição escalar dos processos históricos que culminaram na realidade escolar presente e tiveram consequências a partir da pandemia.

A construção da metodologia da presente dissertação parte do problema que enfrentamos nesse trabalho: entender o momento da educação durante a pandemia de COVID-19 e as consequências dessa organização escolar, educacional e política. Metodologicamente, buscamos compreender as contradições dos processos formativos como ponto de partida dos educandos, por meio da situação vivenciada pelos mesmos, isto é, construímos um caminho metodológico que traga a realidade educacional a partir da consolidação de um discurso pedagógico, que não tem respaldo com a realidade.

A construção da metodologia na presente dissertação, tem como método, o materialismo histórico e dialético com o qual partimos da realidade vivida, por meio de questões derivadas do

processo educacional, a partir do isolamento social provocado pela coronavírus. A realidade vivenciada na posição de docente, nos permitiu compreender os mecanismos de aprendizagem e as contradições desse processo na estrutura do conhecimento e da realidade escolar por meio da atuação profissional e social com discentes da educação básica. A importância do materialismo histórico e dialético nos coloca diante das relações escalares e dos efeitos diretos do isolamento social como componente sociológico na compreensão das relações geográficas. Em outras palavras, a história do tempo presente nos colocou diante de situações, até então inéditas e com isso apresentou a composição de uma realidade escolar não vivenciada ainda na história brasileira.

A importância desse trabalho está na composição do tempo presente e dos desafios pedagógicos e geográficos quanto ao ineditismo da relação entre o Estado, o projeto de educação na pandemia e a escola como resultado desse processo. A sala de aula, portanto, tem grande relevância para entender as questões que foram decisivas para a educação virtual, visto que discentes no ambiente virtual foram distanciados do próprio sentido de escola, de sala de aula e até mesmo de comunidade. Assim, as análises das posturas do Estado brasileiro se mostram deficitárias e, desta forma, apresentaremos essas questões na presente dissertação.

A metodologia que trabalhamos parte da composição das notícias de jornais e revistas como forma de evidenciar as questões do tempo presente e o impacto comunicacional dessas questões no cotidiano; assim, ao trabalharmos com as evidências jornalísticas buscamos consolidar uma visão da totalidade quanto ao sentido narrativo da própria pandemia. As imagens que optamos por aqui apresentarmos no formato jornalístico buscamos evidenciar o momento histórico e como as narrativas foram processadas. As imagens, portanto, têm amplo significado para compormos a compreensão do tempo presente e das questões que estão inseridas no cotidiano da escola em ambiente virtual.

Assim, a construção pedagógica feita pelo Estado de Minas Gerais mostrou-se distante da realidade pandêmica, visto que as análises que deveriam ser realizadas para confeccionar material adequado e organizar virtualmente a escola foram negligenciadas, desta forma, metodologicamente colocamos as contradições do processo como ponto de partida.

As contradições, portanto, são fundamentais para compreendermos todo o processo educacional organizado durante a pandemia. Essas contradições partem de um diálogo dialético entre a escola que tínhamos antes da pandemia e a escola que foi transformada durante a pandemia, com isso temos uma terceira escola atualmente. Essa terceira escola, quando pensada dialeticamente, é resultado dos processos das contradições durante a pandemia, mas anterior a mesma a escola já vinha sofrendo com desgastes materiais, infraestrutura inadequada, plano de carreira docente limitado e insuficiente, material didático não adequado para a realidade dos mesmos, enfim, a escola antes da

pandemia tinha diversos problemas e esses não foram resolvidos, ao contrário foram somados com os problemas ocasionados nesse período pandêmico.

A escola, neste sentido, precisa ser pensada metodologicamente dentro da concepção materialista histórica e dialética, com isso a escola é resultado de processos históricos contínuos e ininterruptos, isto é, não existe uma escola estagnada, pois todas as escolas processam suas realidades estruturadas por meio da dinâmica das escalas de influência.

As contradições nos permitem compreender essas escalas de influência. Essas escalas têm papel fundamental no cotidiano escolar, pois as mesmas são escalas econômicas, políticas, culturais, sociais, tecnológicas e pedagógicas.

O presente trabalho versa sobre como essas escalas estão no cotidiano escolar a partir da formação de uma escola que resulta dos processos históricos pandêmicos e de uma sociedade capitalista. O poder político e econômico constitui a primeira escala de ação sobre a escola; assim, durante a pandemia esse poder resultou numa forma de reorganizar a escola para que a mesma fosse uma estrutura virtual, todavia tal estrutura pelo governo de Minas Gerais foi deficiente, incompleta e até mesmo irresponsável, visto que docentes foram abandonados à própria condição financeira para comprar equipamentos e pagar planos de internet.

Essa escala de poder econômico e político, portanto, não fundamentou, como não fundamenta, a concepção de uma escola realmente de qualidade, logo o que apresentamos na presente dissertação é uma escala de força que não atua para a construção de uma escola de qualidade nem em tempos não pandêmicos e muito menos em tempos pandêmicos. A escala econômica e política também determinou a escala pedagógica, visto que os investimentos realizados na educação não foram compatíveis com as necessidades e urgências das escolas em tempo de pandemia. Assim, metodologicamente nosso objeto de conhecimento, a escola, foi negligenciada na sua composição real, por isso partimos sempre de a realidade imediata vinculada aos processos escalares de promoção do conhecimento vinculado a uma lógica do poder político e econômico.

A relação entre poder político e econômico direcionou o sentido da própria educação no tempo de pandemia, visto que a realidade que deveria conter as contradições do processo produtivo foram negligenciadas, com isso as escalas de atuação da tecnologia tanto para discentes como para docentes foram insuficientes, logo o único recurso tecnológico foi o computador ligado à internet, isso significa que não existe uma organização pedagógica na produção e promoção de materiais adequados para o momento pandêmico. Ao analisarmos os materiais nos colocamos duplamente como docente em sala de aula em ambiente virtual e como pesquisador desse processo, logo as práticas no ambiente virtual quando tiveram êxito foram de total responsabilidade docente, por isso essa dissertação nos obriga a

refletir a capacidade criativa e o papel intelectual docente mesmo diante de tantas contradições e controvérsias educacionais promovidas pelo Estado de Minas Gerais.

A promoção de uma educação virtual não correspondeu a uma educação inovadora, visto que os recursos didáticos utilizados foram os mesmos das aulas presenciais; assim, esse processo formativo educacional não trouxe as questões próprias do tempo presente e com isso distanciaram alunos e alunas de sua própria realidade. O ambiente virtual mostrou-se insuficiente, visto que as dinâmicas pedagógicas constituíram normalidades inexistentes, com isso a realidade estruturada pela pandemia foi ignorada. Esse ignorar teve consequências diretas no processo de ensino e aprendizagem, bem como no tempo presente a partir do retorno às aulas presenciais.

Os processos estruturantes da escola virtual não foram suficientes para formular um processo pedagógico capaz de dialogar com a realidade, pois os processos constituintes da história foram ignorados e adaptados de forma negligente com a realidade pandêmica, por isso, metodologicamente após a análise das escalas que aqui citamos, trabalhamos com os processos contraditórios dessa educação e suas consequências para a realidade, vivida pelos alunos e alunas pós-pandemia no ambiente real e presencial da sala de aula.

A articulação entre a escala real e a escala virtual é o ponto nevrálgico desse processo metodológico, visto que as diferentes escalas processam um movimento de formação nos sujeitos que precisa ser analisado pelas relações dialéticas do processo de ensino e aprendizagem. A escala real ao ser trabalhada lida com o tempo presente antes da pandemia e pós-pandemia, isto é, trabalha com a escola no ambiente real e precisa compreender esse ambiente pelos processos históricos que a constitui, logo a relação entre a escala real pós-pandêmica, pela composição dialética, transforma a própria realidade a partir da passagem pelo ambiente virtual.

O ambiente virtual promove, portanto, um sentido real e com isso a dimensão virtual tem uma escala de articulação permanente entre o processo instituído de uma realidade que precisa ser reinterpretada e a vivência que se faz, sobretudo, em isolamento social e obrigatoriamente pela virtualidade.

Os impactos dessa articulação que buscou compreender as questões históricas e geográficas a partir da realidade da sala de aula nas dimensões escalares do real e do virtual são nossos objetos de análises; assim, o real se faz antes e depois da pandemia e o virtual, precisa ser verificado, ou seja, saber se o processo virtual constitui uma dimensão que interfere ainda no real.

A utilização de questionários e diálogos cotidianos com os pais e com os próprios alunos e alunas nos permitem vivenciar a relação entre o virtual e o real por meio da compreensão da dimensão simbólica das práticas pedagógicas.

Para que essa metodologia fosse possível, organizamos a presente dissertação em quatro capítulos:

No primeiro capítulo “Compreensão da situação atual da pandemia, 2020-2021, e sua relação com a educação brasileira” apresentamos a situação presente da escola a partir das consequências da pandemia motivadas pelas políticas nacionais e educacionais que tiveram repercussões diretas no cotidiano escolar. Assim, abordamos o surgimento do coronavírus e o processo de propagação mundial da doença COVID-19, bem como analisamos as primeiras sinalizações do Governo Federal do Brasil quanto as iniciativas do Ministério da Educação.

Entendemos nesse primeiro capítulo que as ações foram insuficientes e ao mesmo tempo incompatíveis quanto à realidade que o MEC tentou implementar. Assim, buscamos compreender os aspectos da realidade vivenciadas no processo educacional e as formas de organização dessa “escola virtual”, que tentou compreender os processos educativos como uma realidade mais simplificada.

Ainda nessa abordagem, realizamos uma análise conjuntural do processo histórico relativo ao cenário mundial e brasileiro quanto à educação. Neste capítulo também abordamos a ineficientes medidas implementadas pelo governo do Estado de Minas Gerais através da Secretaria Estadual de Educação e a omissão dos gestores públicos federais, estaduais e municipais, na perspectiva de quanto adotar medidas que considerassem vidas humanas como prioridade.

Desta forma, o presente capítulo buscou compreender como se deu o trabalho docente à distância e que o sucateamento e precarização da educação pública brasileira é fator corresponsável ao analfabetismo. Diante disso e com a nova forma de ensinar, de forma remota, somados à precarização já existente, se tornaram determinantes para que a escola não existisse para muitos estudantes ou que existisse de forma precarizada e que assim não cumprisse seu papel, na construção do conhecimento. Essa precarização é percebida na baixa remuneração dos trabalhadores e das trabalhadoras da educação, na falta de docentes de diversas disciplinas e na falta de recursos financeiros e didáticos necessários para promover uma educação de qualidade. Somados aos processos históricos existentes, nos deparamos com uma educação à distância que não acontece de forma plena, resultado dos diversos fatores históricos ou não da educação brasileira.

Nesse sentido o capítulo veio dar visibilidade ao estado atual da educação brasileira antes de 2019 e a importância do papel docente no período pandêmico da COVID-19. Deste modo, a importância desse trabalho está em evidenciar as condições de aprendizagem pela relação dos mecanismos de saúde e que busca equacionar as questões educacionais com os problemas econômicos, políticos e sanitários, desta forma, é responsabilidade do Estado garantir essa equação que seja efetivamente proveniente de uma situação que amplie permanentemente o aprendizado.

Importante para nossa fundamentação teórica e discussões que foram realizadas nos capítulos seguintes.

Referente ao capítulo 2 “Ensino de Geografia nos Anos Iniciais: Desafios em Tempos de pandemia e pós-pandemia” buscamos compreender como as atividades de ensino de Geografia são importantes para a formação discente na educação básica e apresentar os desafios para ensinar Geografia em tempos de pandemia.

Segundo Callai (2005) o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, tem como centralidade compreender as dinâmicas espaciais, sociais, históricas e da natureza, pois o objetivo central do ensino de Geografia é constituir um caminho amplo de entendimento das questões cotidianas vivenciadas pelos alunos e alunas. Nesse capítulo analisamos o cotidiano escolar antes, durante e depois do isolamento social, bem como o ensino de Geografia foi apresentado para os estudantes.

Assim, buscamos entender o cotidiano escolar virtual que existiu em bases deficitárias para o convívio social e o processo de aprendizagem, e compreender isso foi um dos grandes desafios para o ensino de Geografia; a proposta feita através do Plano de Estudo Tutorado (PET), onde se nega as categorias geográficas no processo cotidiano do mecanismo de ensino e aprendizagem se mostra eficiente na construção do distanciamento da realidade.

O Plano de Estudo Tutorado (PET), foi criado pelo Governo do Estado de Minas Gerais para subsidiar o ensino remoto no estado, contudo o material não contemplou um dos principais pilares da Geografia Humana, que é discutir a realidade vivida e assim levar ao discente a ampliar sua visão de mundo, interferir em seu cotidiano, se reconhecer como parte do espaço, e se ser capaz de se tornar cidadão crítico, à partir do seu lugar. E o PET não abarca essa discussão, pois o que foi percebido em seus volumes, foi uma discussão bastante tímida e alheia ao cenário pandêmico e global, em que construímos esta dissertação.

Visto que não houve esforços metodológicos e pedagógicos para pensar essa questão diretamente, ou seja, como é possível ensinar uma Geografia do cotidiano sem o cotidiano?

Nesse capítulo buscamos trazer uma compreensão quanto a leitura de mundo a partir da construção de um cotidiano que dialogue com o virtual e o real, pois segundo Callai (2005) ler o mundo é significativo para construir a alfabetização geográfica, todavia, Callai (2005) parte de uma escola ideal e não consegue conferir as contradições dela. No sentido das contradições compreendemos as diversas escalas de atuação do processo ensino e aprendizagem, a escala virtual e a escala real. Ambas as escalas consolidam uma forma de entender o mundo e possibilitar a alfabetização também geográfica.

Nessa perspectiva, buscamos trazer uma reflexão quanto a importância do Ensino de Geografia, sem trazer uma forma simplificada de ler o mundo. E sim fazer uma leitura da vida e do cotidiano, ou seja, analisar e discutir se na pandemia esses alunos tiveram essa capacidade de se posicionarem no mundo? Eles conseguiram fazer essa leitura de mundo e entender onde é que eles estavam? Como é essa leitura de mundo? Quais são os limites dessa leitura de mundo? Como esse sujeito no ambiente virtual poderia ler o espaço, a partir da casa dele? A casa dele como locus da aprendizagem, tinha ambiente suficiente para que o processo de aprendizagem fosse instituído de forma positiva? Na perspectiva desta análise, ler o mundo é apreender o significado daquilo que está em nossa volta: o valor social e afetivo da nossa realidade, com isso possibilitar uma autonomia, possibilitar a liberdade.

Para construção da nossa dissertação, buscamos a reflexão sobre a importância do professor e da professora, dialogando com o referencial teórico aqui proposto e a análise do processo de alfabetização e também da alfabetização geográfica e como foram as vivências a partir do que foi ofertado de recursos, de formação de material pedagógico nesse contexto da pandemia e o que pudemos considerar diante dos desafios desse novo espaço da sala de aula virtual, e o que foi ensinado e apreendido diante do uso ou não das ferramentas online da internet.

Quanto ao CAPÍTULO – 3: ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA, tivemos como objetivo promover as discussões a partir do diálogo com a pesquisa direta com alunas, alunos e família realizada em plena pandemia no ano de 2021.

E nessa análise visualizamos as condições que se deram as aulas durante o REANP - Regime Especial de Atividades Não Presenciais, a forma precarizada em que a escola pública brasileira se apresenta e o que pudemos perceber na prática, diante da realidade na escola analisada, em comparação aos noticiários e documentos de foram veiculados pela mídia oficial, e também na internet. Nessa oportunidade observamos o conteúdo didático e material trabalhado e o que é mais importante no processo de ensino e aprendizagem; buscamos compreender o papel dos estudantes em sua produtividade, se produziram ou deixaram de fazer diante do novo espaço da sala de aula virtual.

As desigualdades econômicas e sociais que já era um abismo entre a grande maioria brasileira em comparação com os mais abastados da sociedade brasileira, com a chegada da pandemia da COVID-19, foi o estopim para que essa desigualdade fosse evidenciada.

Na análise dos questionários aplicados durante nossa pesquisa, não foi diferente, ficou muito evidente a influência da pandemia causada inicialmente pelo vírus Sarscov2, pois as respostas dos pais dos alunos se relacionam o tempo todo com aquilo que significou a pandemia da COVID-19, o distanciamento social, o ensino remoto, a economia mundial e local, e as consequências das tomadas de decisões feitas por todas as pessoas que vivenciaram essa catástrofe sanitária mundial.

A influência da COVID-19 trouxe consequências educacionais atreladas às questões econômicas, sociais, familiares e de saúde física e psicológica, deste modo, pesaram de forma direta as questões cotidianas voltadas para a sobrevivência, bem como a ineficiência do papel do Estado.

Tais ineficiências estão atreladas em todo contexto educacional, seja ela por questões financeiras das famílias dos alunos, do professorado que não recebeu subsídio para financiar aquisição de equipamentos e conexão à internet compatíveis para que as aulas online ocorressem, pelo não planejamento e ação do Estado naquilo que lhe cabia enquanto gestor e provedor de recursos educacionais através de verbas públicas. Deste modo, destacamos a falta de acesso à tecnologia, bem como de formação para utilização das tecnologias por parte docente. Esses aspectos negativos estão também atrelados pelo adoecimento físico e mental da comunidade escolar.

Nessa perspectiva também observaremos os rumos e decisões tomados nesse contexto de distanciamento social e suas consequências, já perceptíveis durante a pandemia, com a aprovação automática de 2020 para 2021 e na volta gradativa das aulas presenciais: com o sistema híbrido, e posteriormente presencial, reassimilar o novo cenário da educação brasileira e também no Estado de Minas Gerais, nos trazem desafios bem maiores dos que os que já existiam, pois após quase dois anos de uma educação que retrocede em sua eficiência, reforçada pelo abismo que existiu entre as realidades da sociedade brasileira, principalmente ao redor daqueles que vivem na pobreza e extrema pobreza, em que a educação não lhe é garantida por falta de acesso e recursos, para o ensino remoto, online e/ou através do PET impresso (preto e branco), sem as explicações e direcionamentos dos professores, que por sua vez, não foram municiados para exercer sua função docente.

Analisando os diagnósticos aplicados e as avaliações realizadas pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, através do Sistema Mineiro de Avaliação (SIMAVE), a partir do PET AVALIATIVO, realizado no final do ano de 2020 e posteriormente através das Avaliações Diagnósticas, é percebido que aquilo que era previsto, não foi alcançado em sua totalidade:

Art. 3º - Para o desenvolvimento das atividades não presenciais previstas no art. 2º, as Escolas Estaduais deverão ofertar aos estudantes um Plano de Estudos Tutorado (PET), organizado de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais e com o Plano de Curso da unidade de ensino. §1º O Plano de Estudos Tutorado (PET) consiste em um instrumento de aprendizagem que visa permitir ao estudante, mesmo fora da unidade escolar, resolver questões e atividades escolares programadas, de forma auto instrucional, buscar informações sobre os conhecimentos desenvolvidos nos diversos componentes curriculares, de forma tutorada e, possibilitar ainda, o registro e o cômputo da carga horária semanal de atividade escolar vivida pelo estudante, em cada componente curricular. (...)

Art. 4º - Para o cumprimento da carga horária prevista nas matrizes curriculares devem ser computadas as atividades programadas fora da unidade escolar, descritas no Plano de Estudos Tutorado (PET).
RESOLUÇÃO SEE/MG Nº 4310 (2020, p.1)

Na sua composição os PETs não contemplaram o que é previsto no Currículo de Minas Gerais e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não alcançam sua propositura que seria ser acessível a todo estudante da rede pública mineira, pois o que foi visto, na maioria dos casos, além daqueles estudantes que vivem em áreas mais longínquas dos centros urbanos, analisando as devolutivas das atividades dos PETs, o que se viu foram atividades incompletas, sem um embasamento nas respostas dos alunos e alunas, inclusive pela falta de textos que compusessem sua contextualização teórica dos exercícios e atividades propostas, pela falta de acesso ao professor e vídeos de apoio que pudessem orientar quanto ao que se estava sendo trabalhado em cada semana. Outra questão que ficou muito marcada, foi o fato de que, o estudante ao devolver o material, seja de forma impressa, ou digital (através de fotos das atividades realizadas), bastava que o estudante preenchesse o nome no cabeçalho da atividade para que sua carga horária fosse computada, comparando aqueles estudantes que frequentam as escolas e não fazem as atividades propostas, mostrando aí a fragilidade do Regime Especial de Atividades Não Presenciais, fazendo da progressão automática, dramática e inevitável, ao final do ano letivo.

Cabe ainda salientar que aquele estudante que não entregou os PETs, com atividades feitas durante o período escolar, no final do ano, foi submetido a um PET de recuperação, para compensar a carga horária perdida, ou seja, mais uma vez garantindo a progressão automática, pois o critério da avaliação dos PETs, é primeiro computar a carga-horária do estudante, e não as capacidades e habilidades que deveriam ser consolidadas no ano letivo em curso.

CAPÍTULO – 1

COMPREENSÃO DA PANDEMIA DE 2020 A 2021 E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação na nossa vida enquanto educadores, é mecanismo de mudança social, pois é nela e através dela que me encontro pessoa em formação. Desde a graduação em Pedagogia em 2008, o cotidiano do ensino fundamental da Educação Básica, é uma oficina de constante aperfeiçoamento, pois nas relações vivas da sala de aula e em seus espaços anexos, há uma riqueza imensurável, tanto daquilo que contribuímos, quanto naquilo que usufruímos para nosso crescimento. Entender a importância da educação na sociedade e seus processos históricos do tempo presente, faz com que nos aproximemos da compreensão do que foi a educação em tempos da pandemia.

Romantizar o espaço da escola não é necessário, pois assim como todo espaço de convivência humana, há também suas tensões, fissuras, rupturas e retomadas em busca de algo maior. Contudo o nosso olhar, dará a nós enquanto sujeitos formadores e também inacabados, as possibilidades do vislumbrar as perspectivas positivas para a construção de uma educação que traga às pessoas vivas do seu processo as possibilidades dentro da formação cidadã e da ampliação crítica da visão de mundo. E assim, também construir uma compreensão histórica da precarização da educação e por consequência da profissão docente está relacionada diretamente pela baixa remuneração dos trabalhadores e das trabalhadoras da educação, na falta de pessoas que se habilitam para o desempenho do magistério, para além da falta de recursos financeiros e didáticos necessários para promover uma educação de qualidade.

Contudo é na perspectiva do professor pesquisador, que busca se aperfeiçoar seu conhecimento acadêmico, em plena terceira década do Século XXI, com o intuito de alcançar na práxis um ensino que faça sentido para o estudante, e que através de ensino haja uma construção de aprendizado pautado na superação, na formação do cidadão crítico e intelectual, e que não se detenha apenas naquilo que o capitalismo prega, que é aquilo o que a pessoa vale é aquilo que ela produz. A educação deve ampliar as possibilidades de formação do caráter, um cidadão ético, crítico e social, político e que seja capaz emocionalmente em sociedade.

Desde nosso ingresso na docência, em 2008, o cenário posto diante da desvalorização profissional, das precárias condições que se encontram as escolas, do não incentivo para a

continuidade da formação acadêmica, já era realidade, e mesmo antes disso, já vivíamos essa realidade enquanto estudante da escola pública estadual na cidade de Uberlândia-MG. Com isso mensuramos o tamanho do desafio que temos pela frente, para além da construção de um ensino que ressignifique algo para os estudantes.

Diante desse panorama histórico da nossa caminhada, é que vemos a importância de compreensão da educação a partir da relação entre os processos históricos do tempo presente que culminou na educação em tempos de pandemia. Trazer a possibilidade dessa dissertação é algo que nos inquieta e também nos instiga a continuar em nossa caminhada, na busca de uma educação de qualidade, e que seja digna aos seres humanos que dela participa, desde o professorado que tira desse processo para além de sua formação o sustento para uma vida digna, quanto aos estudantes que da educação se apropriam na sua formação enquanto indivíduos frutos da sociedade e da construção das relações sociais que exercem em sua trajetória, e para além disso, todos os trabalhadores e trabalhadoras que direta ou indiretamente sobrevivem do que a educação produz.

Com esse trabalho se acende uma luz, aos olhares de todos os que querem enxergar, o que temos enquanto educação pública no Estado de Minas Gerais e também na cidade de Uberlândia, lugar onde residimos, e para além disso, o legado é explicitado, dentro da nossa perspectiva anticolonial e contra a política neoliberal, nos mostrando as responsabilidades e caminhos possíveis para rupturas e a reconstrução de uma educação pública de qualidade, a qual defenda os interesses populares, não excludente e que não oprime.

Enquanto professores, assumimos o LUGAR de fala, quanto a carreira docente. É sempre um desafio estar e permanecer nela, a observação do espaço e do lugar no qual tudo aconteceu nos traz uma vivência com uma responsabilidade muito grande, ao contrário do que foi proposto através do RESOLUÇÃO SEE/MG Nº 4310 (2020), comparado com o que vimos, quando pensamos nos rumos que foram tomados e que a educação foi tratada de forma irresponsável pelos administradores públicos, quando pensamos nos investimentos feitos, no material usado, na omissão de se garantir o direito à vida, quando se tratando que muitos profissionais da educação morreram após terem sido contaminados pelo novo coronavírus, quando obrigados a voltar ao trabalho ainda com crescente número de casos de infectados e mortos. (SEE/MG-2021), entendemos o motivo de tantos impactos negativos na aprendizagem.

Pensar na construção desta dissertação, foi na perspectiva de assumir responsabilidades enquanto sujeito que interfere diretamente na formação cidadã e crítica dos estudantes, e com isso, passa a ser coparticipante de todo do sucesso e fracasso da educação na cidade de Uberlândia MG, com isso esse trabalho contribuirá com um legado, no qual o ensino de Geografia seja repensado a partir da realidade dos indivíduos que dela participam.

Foi também nessa calamidade instalada, nos anos de 2020 e 2021 que nos instigou a escrita desta dissertação a se debruçar sobre aquilo que tínhamos na educação antes da pandemia da COVID-19 e o que deixou de existir com a chegada do novo coronavírus e para além disso, o que pudemos perceber e o que aconteceu com a já precarizada educação brasileira. Para nós que vivenciamos a pandemia, ver nossos alunos e alunas sem qualquer assistência que os pudessem garantir acesso ao ensino com a qualidade necessária, no qual foi compreendido que os problemas de convívio social teriam resultados diretos na composição de uma didática eficiente, todavia tal didática não foi apresentada diretamente pelo programa educacional do governo do Estado de MG.

Entender o processo do ensino e aprendizagem, e também da alfabetização geográfica, será o nosso legado e nossa contribuição, para que se façam as intervenções necessárias, a partir das questões históricas da precarização da educação brasileira e que se tornou mais visível com o advento da pandemia da COVID-19.

Desta forma, buscamos denunciar a ausência de uma educação que seja capaz de transformar a vida e modo de pensar das crianças, e a instigar que os estudantes se tornem cidadãos críticos capazes de exercer cidadania, a fim de construirmos uma sociedade em sua coletividade capaz de oportunizar os direitos que competem a cada indivíduo.

O processo histórico da precarização permanente da educação, tem levado a construção de críticas que precisam passar pela realidade escolar, deste modo, à construção do conhecimento escolar está vinculada a estrutura do Estado e as perspectivas dele. Durante a pandemia o Estado não teve como centralidade desenvolver ações eficazes no processo de ensino e aprendizagem, visto que a realidade cotidiana, antes da pandemia, não trouxe questões para o uso da tecnologia e nem o Estado se preocupou com o processo de formação para docentes e para o aperfeiçoamento das atividades didáticas.

Neste sentido, quando tratamos da relação entre a escola e a pandemia não abandonamos os processos constituídos historicamente. O ano letivo de 2020 tinha a aparência

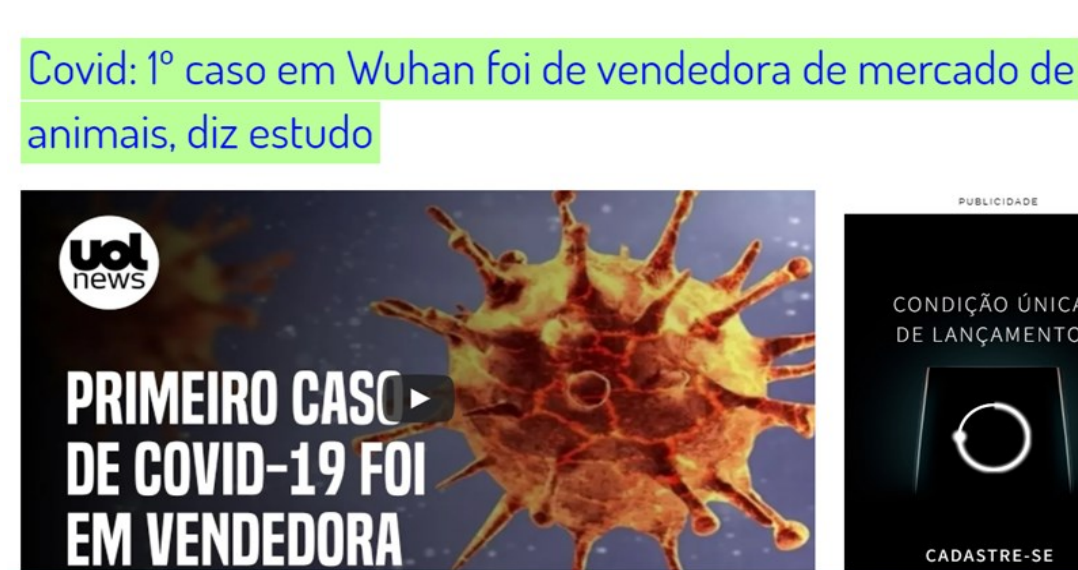
de normalidade, pois as escolas convocaram seus trabalhadores, e fizeram suas reuniões administrativas e pedagógicas protocolares, em seguida abriram suas portas para receber alunos e familiares.

Dentro de uma mesma perspectiva que há muitos anos anunciam um ensino tecnicista, sucateado, sem perspectiva de mudanças e que não tem como base de seus currículos formação de indivíduos críticos e pensantes e sim pessoas que sejam capazes de produzir riquezas para outras pessoas e tem o capital como balizador de suas ações, seus objetivos. Deste modo, o ensino tecnicista foi também testado na pandemia, sem alterações significativas par a educação. Quanto as mudanças nos últimos 27 anos, tivemos nossas formas de pensar a educação, mas jamais foi alterado o sentido da educação, como projeto capitalista.

Não obstante já nesse início do ano letivo de 2020 ouvimos rumores de uma nova doença que avançava contaminando pessoas rapidamente, cujos noticiários de todo o mundo anunciam o surgimento de um novo vírus:

O primeiro caso de COVID-19 identificado na cidade chinesa de Wuhan... foi demonstrado em um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). Essas são as conclusões da pesquisa publicada pelo virologista americano Michael Worobey, nesta quinta-feira (18), e publicadas em um estudo na revista científica Science [...] VivaBem.uol (2019)

Figura 1: COVID-19: 1º caso em Wuhan foi de vendedora de mercado de animais.



Fonte: UOL, 2019. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/rfi/2021/11/19/covid-1-caso-em-wuhan-foi-de-vendedora-de-mercado-de-animais-diz-estudo.htm>.

A pandemia em poucos meses alcançou o mundo todo e teve consequências diretas para o cotidiano de bilhões de pessoas. No mês de março de 2020, a pandemia chegou em Uberlândia e desde então motivou mudanças substanciais no cotidiano de toda a cidade com sucessivas políticas de distanciamento e isolamento social. Em poucos dias, todas as escolas de Uberlândia foram impactadas e impedidas de continuar suas atividades cotidianas.

As escolas foram fechadas e passaram a ter como regime de trabalho e educacional o ambiente virtual, todavia esse ambiente demorou para ser colocado em prática e não houve treinamentos ou instruções que tivessem uma grande contribuição para a subtração dos problemas orientados pela pandemia.

Figura 2: Prefeitura de Uberlândia confirma primeiro caso de coronavírus na cidade



TRIÂNGULO E ALTO PARANAÍBA 

Prefeitura de Uberlândia confirma primeiro caso de coronavírus na cidade

Informação foi dada pelo secretário de Saúde; contraprova será feita. Caso ainda não consta no boletim da Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais.

Por G1 Triângulo e Alto Paranaíba e MG1
17/03/2020 13h01 · Atualizado há um ano

Fonte: G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/03/17/prefeitura-de-uberlandia-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-na-cidade.ghtml>

Tudo caminhava dentro de uma perspectiva inesperada, pois sabia-se que já tínhamos vários problemas sociais e estruturais na educação pública brasileira, problemas estes que faremos esforços para evidenciar nas próximas linhas desta dissertação. Contudo as autoridades brasileiras em todas as instâncias: federal, estadual e municipal não acreditaram e assim omitiram de suas responsabilidades de proteger, no sentido de se antecipar, prevenir seus cidadãos contra a entrada do novo vírus no país. De acordo com o site Médicos Sem Fronteiras, afirmam que: “SARS-CoV-2: vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada COVID-19, por ser um microrganismo que até pouco tempo não era

transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus”.

Há um discurso muito forte por parte dos governantes, que a pandemia seja a culpada por várias calamidades instaladas no Brasil, assim como a questão escolar, econômica e também de desemprego. Crise econômica e desemprego já eram realidade antes da pandemia no Brasil.

Não há dúvidas de que a pandemia de COVID-19 trouxe impactos enormes para toda a sociedade, na saúde e na economia. Com a necessidade de se fazer o distanciamento social e diminuir a circulação das pessoas, para tentar desacelerar o contágio do coronavírus, os indicadores econômicos de 2020 dificilmente seriam positivos. No entanto, o processo de crescimento no número de desempregados já era algo notório desde 2016, com o aumento no número de desempregados e trabalhadores informais e de queda na renda dos brasileiros, conforme encontramos no site do SINTRIAL (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Dois Vizinho e Região, informou com base na pesquisa feita pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

A política econômica e as “reformas” implantadas pelos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro (como a Trabalhista e Previdenciária, que prometiam a geração de milhões de empregos e a melhora no ambiente econômico do país) tiveram pouco ou nenhum efeito. E pior: em alguns casos apenas contribuíram para a informalidade e a redução dos postos de trabalho com carteira assinada.

Entre os aspectos que mais chamam a atenção na pesquisa do Dieese está o aumento significativo do número de desalentados, isto é, aquelas pessoas que não estão empregadas mas desistiram de procurar emprego e de subocupados (aqueles que estão trabalhando menos horas do que poderiam).

Entre 2017 e 2019, o número de brasileiros nessa situação aumentou em mais de 681 mil pessoas. Dessa forma, de pouco adiantou a redução do número de desempregados no mesmo período, que encolheu apenas em 635 mil pessoas. Com a pandemia, ao final de 2020 já eram 3,5 milhões de brasileiros a mais em desalento ou subocupados, e mais de 14 milhões desempregados. (SINTRIAL, 2021, s/p).

De acordo com a FGV Social, quase 28 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil. Em 2019, antes da pandemia de COVID-19, eram pouco mais de 23 milhões de indivíduos nesta situação.

Diante do crescente número de desempregados em todo território nacional, o processo de crescimento do número de pessoas vivendo abaixo no nível de pobreza. Na miséria. De acordo com os noticiários, de dezembro de 2020, os registros indicavam que 67,9 milhões de pessoas haviam sido beneficiadas diretamente com o Auxílio Emergencial. Esses 67,9 milhões

de brasileiros que receberam o Auxílio Emergencial representam 1/3 da população brasileira, estimada em 211,75 milhões de habitantes para 2020, de acordo com o IBGE. Cabe lembrar que o Auxílio Emergencial, foi implementado para efetivamente proteger as famílias contra a perda de renda. Contudo, em pouco tempo, o governo federal recuava, mostrava pouco fôlego, para manter essa ajuda ao grande número de desempregados e trabalhadores informais em todo território nacional.

Figura 3: Auxílio Emergencial.

PANDEMIA

Auxílio Emergencial: governo apresenta perfil dos beneficiários em 2020: 55% são mulheres

Segundo relatório do Ministério da Cidadania, brasileiros que receberam equivalem a toda a população do Reino Unido.

09/03/2021 15:55:01 — 32,2 mil acessos

Fonte: CONTÁBEIS, 2021. Disponível em: <https://www.contabeis.com.br/noticias/46336/auxilio-emergencial-governo-apresenta-perfil-dos-beneficiarios-em-2020-55-sao-mulheres/#:~:text=Nesta%20data%2C%20os%20registros%20indicavam,de%20acordo%20com%20o%20IBGE>

De acordo com o site CNN BRASIL, 08-10-2021, o auxílio emergencial concedido pelo governo fez esse número de miseráveis cair, porém o efeito foi anestésico. “À medida que o benefício caía, a pobreza subia”. Diante do desabastecimento provocado pelo fechamento de vários setores de trabalhos, e o caos mundial, mesmo que o número de casos de infectados e mortos viesse a diminuir, o aumento do preço do gás de cozinha e dos alimentos não tem deixado dinheiro para os menos favorecidos pagarem o aluguel. Segundo o diretor do FGV Social, Marcelo Neri, a combinação de inflação e desemprego altos “tem afetado muito mais os mais pobres”.

Figura 4: Quase 28 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza.



Fonte: CNN, 2021. <https://www.cnnbrasil.com.br/business/quase-28-milhoes-de-pessoas-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-no-brasil/>

A reação dos governantes brasileiros seguiu longe daquilo que se precisava para uma ação assertiva, tanto no que se refere à prevenção ao contágio, quanto à busca da cura do novo

vírus. Fato este reforçado pelos números de óbitos, causados pela doença COVID-19, até janeiro de 2022, em que foram ceifadas pela COVID-19 mais de 623.000 mil vidas, e nos meses mais críticos da doença chegou-se à média de mais de três mil mortes por dia.

Figura 5: Dados da COVID-19.



Fonte: CSSEGIS. 2021. <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>

Para além disso, a educação é tratada sob o interesse da extrema direita e do capitalismo neoliberal, onde suas instituições de estado seguem fiéis em defesa do capital, e da produção acima de qualquer interesse, inclusive da preservação da vida. Com o crescente número de infectados e de mortos, o Ministério da Educação (MEC), publica seus manuais sinalizando ações sugeridas para esse novo cenário pandêmico que se instalou rapidamente.

Analisando “A base do MEC em resposta à pandemia da COVID-19”, documento este publicado para direcionar as ações no que se refere a educação em suas diversas esferas, foi notado que através de portarias o MEC declara emergência em Saúde Pública Nacional, com base em informações da Organização Mundial da Saúde (ONU) e nos dados fornecidos por estados e prefeituras Municipais. Nesse sentido, foram criados protocolos para o enfrentamento da COVID-19 e neles foram contemplados também os riscos de contágio e da suspensão das atividades escolares presenciais. Todavia, precisamos analisar as inconsistências entre o trabalho apresentado pelo MEC e o desenvolvimento real das atividades de combate a pandemia do Governo Federal.

Assim, é importante salientar que o MEC não trouxe imediatamente as respostas esperadas para que o combate a pandemia fosse efetivado a partir da escola, mas fez com que todo o processo de construção de um caminho que impedisse traçado muito mais como ações pouco eficazes e que não trouxeram para a realidade brasileira uma resposta efetiva da educação.

A incompatibilidade entre as ações do MEC e a REALIDADE BRASILEIRA no enfrentamento a COVID-19, nos evidenciou um distanciamento da possibilidade de ter uma educação, de fato, organizada pelo governo federal, no sentido de suprir todas as carências e problemas nacionais, ao contrário o MEC sinalizou um projeto imparcial de educação nacional e deixou que os municípios e estados da federação assumissem integralmente a responsabilidade.

A ausência de uma política nacional de educação do governo federal, fez com que os estados e municípios também tivessem uma demora acentuada na construção de um projeto de educação para a pandemia, desta forma, a pandemia revelou ao mesmo tempo que todas as instâncias de poder estão subordinadas ao governo federal, seja na forma da lei ou na construção simbólica, bem como apresentou a ineficiência do Estado na proposição e efetivação de uma política real para o povo brasileiro na questão educacional.

Figura 6: IBGE - um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet.

TECNOLOGIA

IBGE: um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet

Em 2019, 21,7% da população com idade acima de 10 anos estava 'desconectada', segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

Por **Estadão Conteúdo**
 Publicado em: 14/04/2021 às 11h54
 Alterado em: 14/04/2021 às 12h14
 Tempo de leitura: 5 min

WhatsApp LinkedIn Telegram Twitter Facebook Email Link

Fonte: EXAME. 2021. <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/>

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), **um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet**, ou seja, em 2019, 21,7% da população

com idade acima de 10 anos estava desconectada, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Ou seja, no último trimestre antes que a pandemia de COVID-19 se agravasse no Brasil, 12,646 milhões de famílias ainda não tinham acesso à internet em casa. Cerca de 39,8 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais de idade não usavam a rede, e ainda havia 34,9 milhões de pessoas nessa faixa etária sem aparelho de telefone celular; afirma a Revista Exame, edição especial de 55 anos, publicado em 14-04-2021, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação 2019, a Pnad TIC, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado dessa pesquisa mostra o tamanho do desafio que está posto para a inclusão digital que caminha longe de ser uma realidade de todos os brasileiros e brasileiras. Com a pandemia da COVID-19, o confinamento social, como forma de prevenção ao contágio com o vírus, a internet passa a ser ferramenta essencial para vários tipos de serviços, inclusive na educação, que teve que se reinventar. Até os mecanismos utilizados pelo governo para o pagamento de benefícios junto ao INSS, e ainda os órgãos públicos, passaram a utilizar a ferramenta da internet como acesso principal para vários serviços públicos.

1.1 O MEC E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA PANDEMIA

Desde o surgimento do Ministério da Educação até os dias atuais ocorreram várias mudanças, contudo há de se pensar que a educação brasileira é criada a partir dos interesses políticos de exploração, onde para suprir a necessidade de transformar analfabetos em autômatos a serem explorados pela nascente indústria brasileira a partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, surge a escola secundária¹.

De acordo com o Portal do MEC (2022, s/p):

O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública, a instituição desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios, como saúde, esporte, educação e meio ambiente. Até então, os assuntos ligados à educação eram tratados pelo Departamento Nacional do Ensino, ligado ao Ministério da Justiça. Já em 1932, um grupo de intelectuais preocupado em elaborar um programa de política educacional amplo e integrado lança o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de

¹ Fonte: BRASIL. Decreto 19.980 de 18 de abril de 1931: Dispõe sobre a organização do ensino secundário. **Câmara Legislativa**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-republicacao-141247-pe.html> Acessado em 24-04-2023.

Azevedo e assinado por outros conceituados educadores, como Anísio Teixeira.

Segundo o site do MEC² historicamente o Ministério da Educação e Saúde inicialmente se orientou a partir do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), que serviu para que o Estado organizasse um plano geral de educação e que definisse como seria a escola pública brasileira, e que fosse única em seu modo de organização, laica, obrigatória e gratuita. Nessa época, a igreja era concorrente do Estado na área da educação. Com a nova Constituição Federal de 1934, a educação passa ser vista como um direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos poderes públicos.

Os anos seguintes foram marcados pela reforma dos ensinos secundário e universitário. Nessa época, o Brasil já implantava as bases da educação nacional. O Ministério da Educação e Cultura, com a sigla MEC, ganha pauta exclusiva nos anos de 1953, quando é desmembrado da Saúde.

Nessa perspectiva sabe-se que o sistema educacional brasileiro até 1960 era centralizado e o modelo era seguido por todos os estados e municípios. Com a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1961, os órgãos estaduais e municipais ganharam mais autonomia, diminuindo a centralização do MEC.

De lá para os dias atuais houve várias mudanças, cada governo deu ao MEC, seu destaque, diante de suas concepções e entendimento da importância que este ministério tem para a sociedade brasileira. Na verdade, desde 1996 existe uma padronização da educação brasileira, então essa afirmação precisa ser revista, pois desde o governo Itamar Franco até o governo Lula a organização estrutural da educação continuou a mesma, sendo direcionadas principalmente pela LDB.

E o mais importante destacar que o mesmo no governo Bolsonaro (2019-2022), o Ministério da Educação perdeu o status de ministério, passa a ser compreendido como algo auxiliar, porque o governo não empreende o mesmo como uma política de Estado. E por isso pudemos perceber durante os últimos anos que a educação no nosso país tem sofrido drásticas mudanças, afetando diretamente todos os que estão envolvidos nela, sejam esses estudantes ou professores.

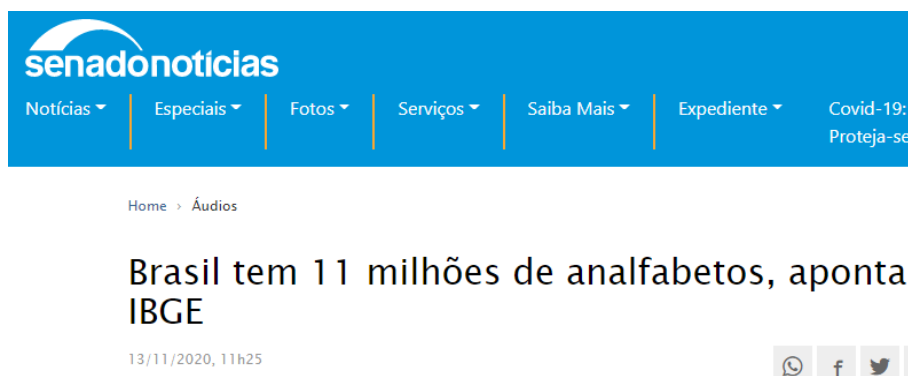
É importante frisar que no governo Bolsonaro, o Ministério da Cultura deixou de ser ministério, dessa forma, a educação brasileira passou a ser compreendida como algo distante

² Fonte: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia> acessado em 24-04-2023.

dos processos culturais e teve como centralidade maior as questões morais e de conhecimento técnico, todavia nem mesmo esse conhecimento foi apresentado.

Antes de qualquer pontuação, é importante retomar que atualmente e de acordo com o IBGE, 11 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever³. A meta do Plano Nacional de Educação é erradicar o analfabetismo até 2024. Mas com a suspensão das aulas presenciais, por causa da pandemia de COVID-19, a alfabetização foi prejudicada.

Figura 7: Brasil tem 11 milhões de analfabetos.



Fonte: Senado Federal, 2020. <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>

O governo federal, Jair Bolsonaro, adota uma postura negacionista: é recusar e negar uma realidade cientificamente comprovada, e seu discurso se apoia, na ideia de que a COVID-19 não é algo sério, “não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”⁴, diz o presidente em relação ao coronavírus, em entrevista ao site Folha, no dia 20/03/2020. Comportamento pessoal este que é seguido no sentido de se opor a medidas de distanciamento social, uso obrigatório de máscara, vacinação como meio de prevenção aos efeitos da doença e ainda um incentivo publicamente feito ao uso de medicamentos que foram conhecidos como “kit pré COVID” hidroxicloroquina, a azitromicina, a ivermectina e a nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D e que não tem nenhum estudo comprovado e avalizado por entidades sanitárias e de medicina brasileiras.

Com isso para as atividades educacionais, não se percebe grandes avanços, pois o Governo Federal, na pessoa do MEC, mantém seus projetos e execução orçamentária de baixo

³ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) considera todos com mais de 15 anos de idade que não sabem ler e nem escrever como analfabetos.

⁴ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>

investimento no que tange a valorização profissional e instrumentalização dos trabalhadores em educação, desde o não fornecimento de equipamentos e também internet de qualidade para o acesso remoto e nem o que é importante para além de tutoriais de acesso às plataformas utilizadas para replicação das aulas, o professorado não recebeu cursos e treinamentos que visassem novas práticas pedagógicas que contemplassem o nosso cenário educacional, dentro de um momento pandêmico nas aulas virtuais.

Dentro desta perspectiva o “Relatório de atividades, ações do MEC em resposta a Pandemia de COVID-19, de março/2020 a março/2021”, veio trazer a falsa sensação de que a educação é um serviço essencial. Essencial para o convívio social das crianças, saúde e bem-estar de se relacionar com colegas da mesma etapa, essencial por considerar que a merenda escolar possa ser a refeição principal de crianças de baixa renda, pertencente a grupos vulneráveis. Contudo, para a sobrevivência das pessoas, não se pode afirmar isso.

O que é percebido nos Manuais que o MEC publica nesse momento de crise sanitária e calamidade pública mundial, que se atribui às responsabilidades, sem se quer propor ações que viessem contribuir diretamente com a solução dos problemas da educação brasileira, que emergem como resultado de um longo processo histórico e tornam mais evidentes na pandemia. Nesses documentos, relatórios e protocolos produzidos pelo MEC, o tecnicismo que perpassa desde a sua elaboração, o uso de verbos que não condizem com o vocabulário de quem se deveria ser atingido com esses documentos, distanciamento da realidade como por exemplo o termo técnico “mitigar” que aparece várias vezes em seus textos assim como seria uma atribuição da família promover a “literacia”. Pesquisando no dicionário, descobri que o termo literacia é o conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, que a criança vivencia com seus pais ou cuidadores. Agora cabe aqui a pergunta: Nesse momento pandêmico, onde milhões de brasileiros foram submetidos a situação de extrema pobreza e escassez de recursos, como ainda promover literacia? Como acessar os projetos online sem equipamentos compatíveis, como permanecer conectado se muitos não conseguem custear uma internet que responda a altura para permanecer conectado aos vídeos e tutoriais dos cursos à distância, muitos trabalhadores, pais, estudantes e professores esgotaram seus planos de dados móveis e mesmo assim, não conseguiram permanecer conectados.

O texto do discurso é muito bonito, digo falacioso, pois na prática não se viu e nem se sentiu tanto esforço como foi proposto, no texto:

... o MEC está empenhado na promoção de medidas, em caráter de urgência, para reduzir tanto as perdas decorrentes da suspensão de aulas presenciais quanto às dificuldades estruturais dos sistemas de ensino – muitas das quais já existiam antes mesmo da pandemia de COVID-19 (grifo nosso). Garantir que todos os estudantes tenham acesso às escolas reabertas é um compromisso assumido pela pasta. Para isso, o Ministério está criando condições para que o retorno às aulas se adeque ao modelo híbrido de ensino, com aulas presenciais e remotas. É importante também destacar os esforços do Ministério para garantir a segurança dos profissionais da educação no retorno às atividades presenciais, considerando-os como integrantes do público prioritário no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19.” (Ações do MEC em resposta à pandemia março 2020 a março 2021, p.5)

A criação de uma Plataforma MEC de Recursos Educacionais Digitais, plataforma integrada, com recursos educacionais digitais, materiais de formação e coleções dos usuários, foi aquilo que se trouxe para somar ao cenário de calamidade pública instaurado, longe de sanar os problemas estruturais da educação, que já existiam antes mesmo da pandemia de COVID-19. Outra questão que chama a atenção é que no site/plataforma, há muitos recursos que foram implementados como vídeos musicais com tradutores e intérpretes em libras, cursos para capacitação com tutoriais em diversas áreas educacionais, e ainda pode-se perceber que esta ação não foi assertiva, analisando que os recursos baixados do site, não chegam a meio por cento ao mês, dos recursos disponíveis, de acordo com o painel online que aparece na plataforma.

Figura 8: Plataforma digital de aprendizagem.



Fonte: MEC RED, 2022. <https://plataformaintegrada.mec.gov.br/>

Não conseguiu por quê? Essa pergunta é respondida pelo texto: “O trabalho docente em tempos de pandemia: relatório técnico”, traz dados interessantes que retratam as novas rotinas do trabalho docente, no ensino remoto. Eles afirmam que 71,1% do professorado

nacional, não tem facilidade para o uso das tecnologias, 53,6 % não receberam formação para o uso de tecnologias digitais nas redes municipais, e 24,6% nas redes estaduais. Somados a inaptidão dos trabalhadores da educação, a mesma pesquisa mostra que os equipamentos utilizados por eles, foram adquiridos com recursos próprios, o mais utilizado é o celular sendo 91,1%, dos entrevistados, com conexão à internet também custeada por esses profissionais da educação básica que não receberam subsídio para o custeio, manutenção e treinamento para se alcançar melhores resultados no período em que se utilizou como forma emergencial o ensino remoto, REANP - Regime Especial de Atividades Não Presenciais.

O REANP não atingiu seus objetivos quanto ao ensino e aprendizagem por causa da realidade brasileira, pois não permitiu igualdade de direitos frente aos novos e antigos desafios digitais, postos à classe de trabalhadoras e trabalhadores da educação brasileira. Desta forma, é importante salientar que a pobreza é uma construção histórica no Brasil e a mesma não foi inventada na pandemia, isso significa que todos os problemas da educação relacionados ao modo virtual não foram iniciados neste momento, pois as condições de vida da classe trabalhadora não foram historicamente constituídas para terem um avanço considerável no modo de vida. A pandemia apresentou a educação como ela sempre foi: feita para uma classe trabalhadora destituída de benefícios sociais e de igualdade estrutural.

Entre as Unidades Federativas Brasileiras não se comportam de formas diferentes, dentro da mesma perspectiva, além de não reconhecer as comorbidades que trariam maior risco aos trabalhadores em educação no contato com o vírus SARS-CoV2, buscou subterfúgios para mascarar uma realidade e utilizando de estratégias neoliberais, para drenar o recurso da educação pública estadual, contratando empresas da iniciativa privada, na perspectiva de passar uma falsa impressão de que os problemas da educação foram resolvidos.

Nesse sentido, especialmente em Minas Gerais, sob o comando do governador Romeu Zema Neto (Partido Novo – PN), na pessoa da Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais, Julia Figueiredo Goytacaz Sant'Anna, que veio a público em uma coletiva virtual, veiculada pelo site DeFato.Online⁵, no dia 13 de maio de 2020, explicando como foi criado o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP), e nesse sistema surgiu o Plano de Estudo Tutorado (PET). A secretária em suas palavras afirma: “Não haverá atividades de

⁵ Fonte: <https://defatoonline.com.br/secretaria-de-educacao-detalha-regime-de-aulas-online-da-rede-estadual/>

professores e alunos em escolas", disse. "Não há com o que se preocupar. Professores não têm que se dirigir às escolas, esse acompanhamento deverá ser feito, integralmente, de suas casas".

Há de se pensar que há uma incoerência nessa fala, quando analisamos que o professor público estadual de Minas Gerais, não recebeu equipamentos de conexão à internet para trabalhar de sua própria casa, nem tão pouco foi subsidiado em seus planos de internet, que suportassem o uso da internet para o que se pretendia como por exemplo: grupos de whatsapp, aulas online, acesso a plataformas de postagens e entregas de atividades. O que de fato se observou é que os trabalhadores em educação, em especial os professores, analistas pedagógicos, diretores e vice-diretores, tiveram que utilizar seus próprios equipamentos como celulares, notebooks, tabletes, seus planos de dados móveis 4G, 5G, internet de banda larga, etc., para que a educação não parasse.

Diante disso, é significativo compreender que as instâncias federais da educação também não tiveram uma participação efetiva no processo de construção de uma escola à distância, pois não houve linhas de crédito e nem financiamentos públicos para a compra de equipamentos para professores de todo país, bem como não houve um acompanhamento direto da situação de saúde de cada profissional da educação. A pandemia revelou um grande projeto de sucateamento da educação brasileira, pois todas as demandas que deveriam ser desenvolvidas foram apresentadas como soluções não plenas, mas apenas imediatas.

Diante da pressão do Conselho Nacional de Educação (CNE), composto por seus representantes em sua maioria, donos de escolas particulares, a volta às aulas, mesmo com o aumento do número de infectados por dia e casos e de vidas perdidas em alta, era algo anunciado. Esse movimento de volta às aulas não teve qualquer consideração com o papel docente nessa pandemia.

Em Uberlândia-MG, não foi diferente, pois houve até audiência pública na Câmara Municipal, encabeçada por donos e sócios de escolas particulares de Uberlândia, empresários que compõe a rede de serviços da área de educação, e pela presidente da do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Triângulo Mineiro (Sinepe-TM), Átila Rodrigues, ações estas que representam os interesses patronais da categoria.

Figura 9: Donos e sócios e sindicato patronal de escolas particulares tencionam à volta às aulas.



Fonte: CÂMARA MUNICIPAL UBERLÂNDIA, 2021.
<https://www.camarauberlandia.mg.gov.br/retorno-as-aulas-marca-inicio-das-audiencias-publicas-na-camara-municipal>

A discussão se deu com a justificativa de que entre as crianças do ensino fundamental, a taxa de transmissibilidade não havia números e casos confirmados que justificassem a permanência das aulas online das redes públicas e principalmente privadas. Outras questões foram levantadas pelos propositores da audiência, de que houve perdas de receitas e as dificuldades que a categoria patronal estava enfrentando, até justificando seguridade às crianças estando no espaço físico da escola. Segundo o site da Câmara Municipal⁶, os representantes e donos de escolas particulares foram irredutíveis mesmo diante da fala da Secretária Municipal de Educação, Sra. Tânia Toledo “em se tratando de crianças das escolas públicas, a situação é mais complexa, tendo em vista dificuldade de aprendizado via sistema remoto ocasionada pela falta de acesso à internet e a bons equipamentos que facilitem o aprendizado à distância.” Para além disse comitê municipal, que acompanha os casos de infecção da COVID-19 em Uberlândia, sinalizava crescente o número de infectados e mortos.

Os governos federal, municipal e estadual também não conseguiram promover um caminho narrativo para construir uma correspondência entre a sala de aula real e a sala de aula virtual, pois todos esses esforços foram dos professores. A construção de um espaço virtual de aprendizagem foi negado como espaço real pela comunidade, já que não houve campanhas

⁶ Fonte: <https://www.camarauberlandia.mg.gov.br/retorno-as-aulas-marca-inicio-das-audiencias-publicas-na-camara-municipal>

educacionais para que a população compreendesse diretamente o sentido das aulas no ambiente virtual.

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função. Com o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo de pensar sobre outras formas de ser e fazer a aula, acaba sendo redimensionado para outros espaços de formação. Sempre falamos na transformação da escola, que precisamos repensar novos modelos, eis que a pandemia nos obrigou a mudar. (KIRCHNER, 2020, p. 46).

Os vínculos de conhecimento que destaca (Kirchner, 2020) são elementos que se tornaram muito importantes nesse novo modelo de ensino e aprendizagem, nem o MEC, nem as SEE, nem as SME, não fizeram campanhas no sentido de incentivar aos estudantes a esse novo espaço que se desenhava na educação mundial, houve uma negligência.

A pandemia não obrigou a mudar, e sim mudou a linguagem e a forma de ministrar aulas, do modo presencial e físico, passando para o modo virtual e remoto, pois não houve nenhum treinamento, nenhum aplicativo diferente do já se tinha. Mudou-se a forma, diga-se de passagem, com poucas novidades, com o mesmo conteúdo, a mesma essência que se ensinava antes desse cenário pandêmico.

Relatos de docentes que trabalharam na educação básica no período em análise tiveram que se superar, pois diante das ferramentas que foram oferecidas como as Ferramentas Google, Conexão Escola 2.0, Teleaulas transmitidas pela televisão aberta, não conseguiram atingir seus objetivos dentro da perspectiva do ensino e aprendizagem. Com isso, a saída encontrada foi se reinventar na busca de se fazer vínculos de relação com os estudantes, e na busca de fazer a educação com o protagonismo do professor, como o diferencial no processo educacional.

Para que as explicações pudessem ser mais didáticas, além das imagens muito se usou dos vídeos que já circulavam na internet, como foi o caso do YouTube.com, site de vídeos que foi muito utilizado para trazer ao estudante a possibilidade de visualizar aquilo que estava escrito nos textos trabalhados nos PETs e também nos livros didáticos.

A possibilidade de se fazer a aula online, através dos vídeos conferências, foi espaço da sala de aula, que teve sua função na possibilidade de comunicação entre o professor e estudante, contudo nada além de câmera e microfone, conectados à internet. As salas de aulas

virtuais, também conhecidas como GOOGLE SALA DE AULA, foram grandes depósitos de atividades, tanto as que o professor postava, quanto aquelas que estudantes postavam após a execução. Dentro dos instrumentos de correção e visualização das atividades, são ferramentas muito limitadas, que, de um modo geral, de difícil manejo, onde a devolutiva, diante do fluxo que se criou, passou a ser apenas por amostragem e também para computação da carga horária cumprida pelo discente. Fato este que maquia a possibilidade de se perceber de forma fidedigna, como foi o processo de ensino e aprendizagem, e a consolidação das habilidades previstas dentro do que se espera na relação série/idade.

Grandes foram os desafios, escrever usando o teclado, desenhar e calcular utilizando o mouse do computador (no jamboard), conversar olhando em uma tela de vídeo e ser ouvido com auxílio de um microfone e caixas de som e internet. Episódios que de fato chamam atenção foram quando se era necessário fazer uma correção de atividades escolares ao vivo, e nas casas dos professores que cumpriam os isolamentos sociais, não se tinha câmeras modernas, apontadas ao quadro ou lousa, ausência de iluminação adequada, a acústica desse novo espaço se confundia com os sons de uma residência, pois esses espaços foram compartilhados, e se misturaram por diversas vezes.

Quanto aos conteúdos e textos que deveriam ser ensinados não houve muitas escolhas, os materiais já estavam prontos, os PETs, impostos pelo governo, foram de fato amarras, mordanças, quem tentaram submeter ao professorado, para além das legislações que há décadas vem tentando apagar o direito de liberdade intelectual das trabalhadoras e trabalhadores em educação, sobretudo o professorado, reforçados pelos interesses do capital, da produção e da manutenção de uma classe dominante em detrimento de outra, explorada que não usufrui dos benefícios do seu trabalho.

Cabe pontuar que muitas estratégias possíveis não foram sugeridas por aqueles que idealizaram as apostilas usadas na pandemia, e que poderiam ter melhores resultados do que o tradicional papel, lápis e borracha, e que não passou dos vídeos do YouTube e vídeo aulas nos canais abertos de televisão, como por exemplo os jogos interativos: “carrot”, “tabuada divertida”, “padlet”, Word Wall, e também as Geotecnologias, Google Earth, Stellarium Web, entre outros.

Somados às novas demandas, a responsabilização do professorado é a sobrecarga moral, posta o elemento mais fraco dessa relação, pois o docente tem que discernir e seguir corretamente às estratégias de valorização do capital humano. Essa responsabilização se converte discursiva e eticamente no

trabalhador, no estudante, no pobre, nos pais, etc. Naqueles cujo o dever moral é buscar auto investimento, perspicaz e estratégias empreendedoras e de autocuidado. (BROWN, 2018. p. 37)

A forma de trabalho à distância não contemplou o que se precisava dentro do processo de alfabetização. Pensar em outras possibilidades de intervenção pedagógica, não foram contempladas nas preocupações dos gestores em educação pública.

Cabe relatar que tínhamos outros desafios que eram, diante do isolamento social, transformar a sala de aula, de forma a acontecer em outros espaços e tempos, diferentes do modo convencional, com poucos sucessos, como já se anunciava anteriormente ao período pandêmico. E mesmo com as novas demandas, não houve iniciativas por parte dos governos, um diálogo para que de forma coletiva pudéssemos construir estratégias assertivas na busca de um novo ensino, pedagógico e didaticamente falando, que contemplasse as exigências do novo espaço de sala de aula virtual.

O que foi percebido é que não houve diálogo amistoso, entre o MEC, as SEE dos estados e as SME dos municípios brasileiros, o que se percebeu foi um trabalho fragmentado, onde o protagonismo do professorado, mesmo com o esforço que foi empenhado pelos trabalhadores, não houve contrapartidas que contemplassem o necessário para o desempenho função docente, principalmente pela falta de suporte na formação para este novo ensino virtual, para além de questões estruturais, de exclusão da grande massa de brasileiras e brasileiros. Reafirmamos este trabalho desarticulado quando analisamos a plataforma do MEC, oferecendo recursos que não foram utilizados como se poderia pelos professores das redes de ensino, cabe aqui algumas inquietações: seria falha de comunicação? Falta de interesse de quem? Por que nos PETs impostos pelos governos estaduais e municipais, não foi sugerido os subsídios que o site do MEC oferece? Nesse momento de ajuda emergencial, será que culpabilizar o professorado seria coerente, diante dos apertos que a categoria passou no ensino remoto, na busca de se reinventar?

Para além das inquietações impostas pelo momento pandêmico, da insegurança que estava por vir, o medo do vírus, as incertezas, e as emoções que acompanhou todos os acontecimentos, o crescimento acelerado dos infectados e também do número de mortos pela nova COVID-19, era sabido que não se podia ficar parado.

Contudo a inércia das secretarias de educação, nos deixaram mais impactados e fragilizados emocionalmente. A ausência de reuniões que efetivamente apresentassem

propostas, apontando para uma formação que de fato contemplasse uma nova prática pedagógica, não somente para os programas e ferramentas, através de estudos autônomos e de tutoriais, frios e mecanicistas.

As ações propostas não dialogaram entre os sistemas educacionais, tantos nas esferas federais, quanto nas estaduais e municipais, não houveram reuniões e nem atuação direta dos professores. O que coube foram os próprios professores se reinventando com seus próprios conceitos e limitações, de uma forma nunca imaginada de atendimento, interagir com crianças/adolescentes e com seus familiares por grupos de aplicativos de WhatsApp.

Mesmo que desassistidos o que se percebe na fala, e ações, da maioria das professoras e professores dos anos iniciais da Educação Básica, é que garantir e fortalecer o vínculo entre família e a escola, seria o caminho a percorrer, mesmo que se tivesse de perder a privacidade com as aulas online, com as câmeras abertas, e que as demandas de trabalho extrapolariam o horário de aulas contratados.

Os PETs propostos, juntamente com o livro didático não trouxeram nada tão significativo às práticas docentes, que mudassem contribuir no processo ensino e aprendizado que a educação brasileira minimamente tem oferecido, um ensino pautado em uma legislação voltada para a produção e acúmulo de capital, desarticulada com a realidade dos estudantes e também da construção crítica, intelectual e da cidadania, como por exemplo: PCN, BNCC, PCMG.

Mesmo com os sinais de que os materiais propostos para serem ministrados não atendiam as necessidades da nova forma de dar aulas, os professores não foram consultados, com isso não houve aprimoramentos, no desenvolver das aulas, que fizessem grande diferença ao que já se estava posto antes do ano de 2019. Nos processos de mediação pedagógica, não foi recebida nenhuma ajuda tanto nos processos de co-criação de significados à partir da prática docente e suas relações identitárias, quanto na compreensão e construção/reconstrução do conhecimento de forma mais enriquecedora.

Para entender a eficiência das ações se tornou imprescindível conhecer as realidades de cada família para que as aulas online pudessem acontecer, e que a construção do conhecimento ocorresse de forma a produzir registros daquilo que se era proposto como forma de computar carga horária mínima anual de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB/1996). Vimos que para a maioria dos trabalhadores de educação e familiares a construção do conhecimento e a formação crítica intelectual e cidadã passou a ser secundária.

As demandas desse momento se exigiram a ouvir também as famílias dos estudantes, contudo essa sutileza nas ações nesse processo de acompanhar e observar como estavam sendo realizadas as atividades neste contexto pandêmico não aconteceu. E ainda houve retaliação aos professores que foram acusados de não terem trabalhado na pandemia e muitas pessoas ofenderam professores querendo que voltassem para o espaço presencial, mesmo que isso custasse a vida de muitos. Triste a lembrança que o governo obriga a volta das aulas presenciais, ao ser pressionado por sindicatos patronais e também por pais que acreditam nas propostas da escola pautada nos interesses do capital e na produção e do acúmulo como objetivo principal da formação.

Figura 10: Bolsonaro em *live* diz que professor não quer trabalhar.

Sexta, 18 Setembro 2020 15:49

Bolsonaro pede aula presencial e diz que professor não quer trabalhar

Avalie este item  (6 votos)



Fonte: CPP, 2020. <https://www.cpp.org.br/informacao/noticias/item/15869-bolsonaro-pede-aula-presencial-e-diz-que-professor-nao-quer-trabalhar>

Figura 11: O Deputado federal Ricardo Barros criticou os professores na manhã de hoje, abril de 2021.



Fonte: UOU, 2020. <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/20/ricardo-barros-governo-critica-professores.htm?cmpid=copiaecola>

Figura 12: É fake que professor/a não quer trabalhar.

01/05/2021 @ 17:13

É fake que professor/a não quer trabalhar



▶ Ouvir: a não quer trabalhar 0:00 último

Em meio à gravíssima crise sanitária e ao crescimento exponencial das contaminações e das mortes, somos obrigadas a conviver também com o fato de termos um governo aliado ao vírus e que diz que professor não quer trabalhar. A pandemia tem dado a Bolsonaro a oportunidade de passar a boiada sobre as políticas públicas garantidoras de direitos e conquistadas ao longo do século XX.



JORGETÂNIA FERREIRA

Professora na Universidade

Fonte: MIDIA NINJA, 2021. <https://midianinja.org/jorgetaniaferreira/e-fake-que-professora-nao-quer-trabalhar/>

O princípio da “Fake News” surgiu, de acordo com o site CNseg, publicado 21-02-2017, “no século 6, o historiador Procópio escreveu um texto chamado Anekdotia com o objetivo de, por meio de informações falsas, arruinar a reputação do imperador Justiniano, o que demonstra que o fenômeno hoje chamado de “fake news” não é recente”, contudo no meio político e também escolar, vem ocorrendo essas faltas notícias, que contemplam as meias verdades, manipulando a opinião pública e até mesmo enganando, causando sérios prejuízos a vários cidadãos. Esse problema é potencializado pelo fato de, cada vez mais, as pessoas

utilizarem as redes sociais para se informar, em detrimento dos grandes veículos de comunicação, com isso faremos um maior esforço em debruçar sobre essa temática: Fake News: Educação e o Ensino Geográfico, em tempo oportuno na construção da tese de doutoramento.

As intervenções de forma efetiva, ficaram longe de ocorrer, principalmente porque o professorado não recebeu formação que de fato o habilita para gravação de vídeos aulas, áudios, além do uso das tecnologias, reforçado pela timidez inerente a cada pessoa e também das condições do ambiente em que vive a maioria dos docentes, historicamente mal remunerados e de uma predominância e emergente de classes trabalhadoras de baixa renda. Ainda nesse processo, foi percebido a resistência e dificuldades dos estudantes e familiares no acesso às aulas e materiais digitais que foram disponibilizados, fatos reforçados pela falta de conhecimento técnico no manuseio das ferramentas digitais por parte da família, falta de equipamentos e internet compatível para as conexões com maior estabilidade de sinal e também pela timidez de mostrar sua casa aos colegas e professores que mediarão as aulas online.

Cabe destacar o papel dos docentes que foram fundamentais ao fazerem acontecer a educação em tempo de pandemia, que buscaram forças onde não se havia mais esperanças, pelas duras condições impostas à carreira docente, pois se estivessem esperando, a ajuda que é de responsabilidade dos gestores públicos, não teríamos tido aulas, e o prejuízo teria sido muito maior. Vivenciamos juntos, colegas que não sabiam ligar computadores, entrar em um e-mail institucional, operavam WhatsApp com muitas limitações, o que dirá gravar vídeos aulas, áudios instrucionais, fazer vídeos conferências, aulas online, operacionalizar correções com ajuda das tecnologias, postar aulas nas salas de aulas virtuais, e para além disso fazer intervenções que pedagogicamente contemplasse os estudantes, que estavam à distância.

Certamente que neste contexto, mesmo que às duras penas, houve aprendizados, como em toda relação de educação. Muitos aprenderam a usar as tecnologias mesmo que de forma limitada, estudantes e pais, passaram a entender a importância de ser pesquisador e a importância das professoras e professores no processo educacional, e certamente, o que foi positivo nesse contexto, não deixará de ser utilizado pós pandemia, ou seja, as aulas saíram dos muros das escolas, das paredes das salas de aula, os familiares tiveram acesso aos estudos dirigidos e tiveram que somar forças para a construção do conhecimento, mesmo diante da precariedade estrutural que se encontra há décadas na educação brasileira.

Entende-se que durante esse processo não avançamos nos planejamentos, não conseguimos repensar estratégias e metodologias, algo que deveria ser tratado como prioridade no contexto da gestão escolar, planejamento em rede, essa prática certamente faria grandes mudanças na pandemia e depois dela. E mesmo com todas as possibilidades que esse novo contexto trouxe, muito pouco se avançará pela inércia do interesse dos governantes, e também daqueles que defendem seus cargos, na manutenção do que está posto na educação pública brasileira. A valorização profissional das trabalhadoras e trabalhadores em educação e melhorias das condições de trabalho e também da formação remunerada, seriam implementações que poderiam ter maior êxito no contexto da educação brasileira.

Para que o modelo educacional brasileiro avance, seria razoável que as legislações já existentes fossem executadas com coerência com a realidade do país, coerente com seus ideais, e de acordo com as garantias que as legislações afirmam essa matéria, a partir das Constituição Brasileira de 1988 e demais textos como Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), entre outros e as garantias que nelas encontramos como direitos e deveres. Somados a isso conseguiríamos vislumbrar espaços escolares mais acolhedores, onde a atuação de seus profissionais satisfeitos com suas funções, capazes de externar essa satisfação de ser uma educadora ou educador mais acolhedor desde a preparação do ambiente para receber seus estudantes, de forma que se sintam acolhidos nesse espaço. Assim como os ambientes que visem resgatar e cultivar a alegria na escola e também o desenvolvimento das experiências de aprendizagem e que a saúde emocional seja cultivada, certamente é o que está previsto dentro do que se acredita as educadoras e educadores. Contudo as emoções e a saúde das trabalhadoras e trabalhadores em educação serão balizador fundante para que essa educação, que seus atores vejam nela a boniteza do ensino e aprendizado, de forma ampla e plena através dos vínculos afetivos entre adultos e crianças, onde as mediações e interações se fortalecerão.

Nossa prática tem demonstrado a doçura nas falas dos professores com as crianças, pois ouvir a voz através de boas palavras harmonizam os estados mentais e emocionais das pessoas. Isso significa dizer que o efeito produzido pela voz no contato humano com as crianças não pode ser substituído por qualquer meio eletrônico, por isso da grande importância da mediação dos professores. (KIRCHNER, 2020, p.52)

A valorização profissional das trabalhadoras e trabalhadores em educação, somados a melhores condições de trabalho e também na busca da saúde emocional impulsionará a tão sonhada transformação da educação que sempre é referido nos ambientes escolares, pois a escola está em crise desde que essa escola foi identificada com forma de ascensão social de

uma classe de trabalhadores assalariados e a partir do letramento, se tornariam capazes de ter sua própria opinião política e assim deixaria de ser massas de manobras dos interesses políticos de governantes detentores do capital, da propriedade e dos bens de consumo.

Segundo Kirchner, (2020), esse momento fez e continua nos colocando a responsabilidade de reinventar a educação e também possibilitou outros olhares, outros dizeres e novos fazeres, que ao nosso ver também tornou claro a ausência estatal no cumprimento das suas atribuições, para que o coletivo aconteça

Para que a educação de fato ocorra na perspectiva que Kirchner, (2020) é preciso constituir decisões que sejam coletivas e tragam contribuições diretas para a reflexão da sociedade em sala de aula, logo é fundamental compreender os mecanismos de acesso ao processo de ensino e aprendizagem.

[...] podemos decidir quais serão as marcas que queremos deixar em nossa passagem pela educação, pela vida e de que forma podemos colaborar para melhorar a educação, quais serão as mudanças que vão nos impulsionar a buscar a tão sonhada transformação da educação que sempre nos referimos. Durante toda a nossa vida profissional, atuando na área de educação, temos escutado, falado que a escola está em crise, que a educação está em crise. E agora esse momento fez e continua nos colocando na responsabilidade de reinventar a educação. (KIRCHNER, 2020, p. 52)

O que fazer com a educação? Como lidar com os seres humanos que compõem os quadros do magistério? Como reverter a questão de saúde emocional daqueles que a anos se adoeceram pelas duras imposições feitas pelo sistema educacional posto, que não valoriza e nem dá subsídios aos seus trabalhadores?

Assim, apresentamos que a estrutura da escola e sua forma de trabalho tem adoecido, historicamente, professores e professoras. Na pandemia esse processo se agravou [...] precisamos de dados de adoecimento docente antes e depois da pandemia.

Figura 13: Número por mortes na educação durante a pandemia



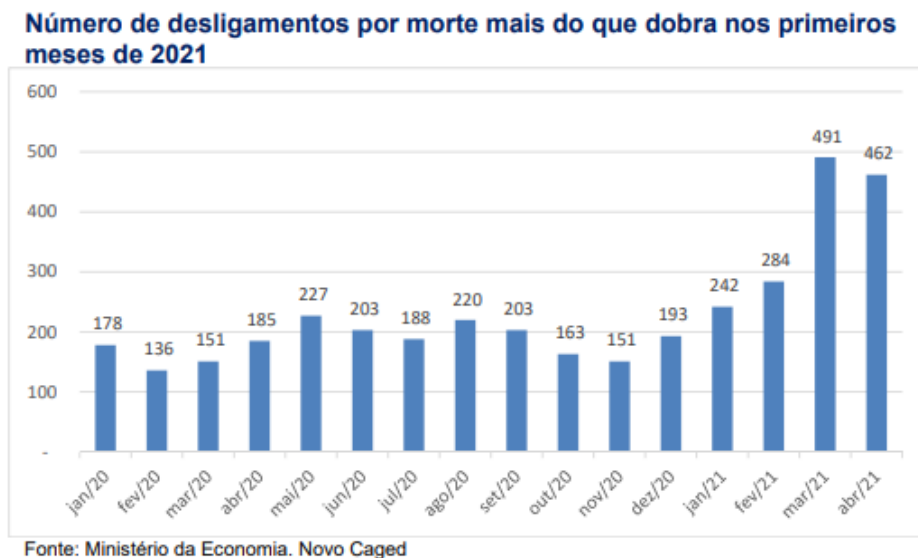
Fonte: DIEESE, 2021.

<https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf>

De acordo com o Boletim Emprego em Pauta, do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), divulgado em 21-07-2021, informa que “nos primeiros quatro meses de 2021, a quantidade de desligamentos de trabalhadores/as por morte no Brasil aumentou 89%, saindo de 18.580 para 35.125. Na educação, esse número mais do que dobrou. O setor foi o quarto com o maior registro de contratos formais extintos devido ao falecimento de trabalhadores/as.”

Ainda segundo o mesmo Boletim Emprego em Pauta, do DIEESE, “dos cinco setores com maior aumento da quantidade de desligamentos por morte, a educação é o que, em números absolutos, mais teve contratos extintos devido a óbitos”

Figura 14: Número de desligamentos por morte.



Fonte: DIEESE, 2021.

<https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf>

Entre as diferentes ocupações do setor, os profissionais do ensino (professores/as e coordenadores/as, entre outros) foram os que mais tiveram vínculos encerrados por morte: 612, em 2021. Os trabalhadores/as dos serviços – que apoiam as atividades dos/as professores/as - formaram o segundo subgrupo mais afetado, com 263 desligamentos por morte. Pertencem a esse grupo faxineiros/as, porteiros/as, zeladores/as e cozinheiros/as.

Figura 15: Número de desligamentos por morte, por estados.

Número de desligamentos por morte cresce mais nos três estados com as maiores taxas de mortalidade por covid-19				
Estado	Jan-abr de 2020	Jan-abr de 2021	Crescimento (em %)	Mortalidade por covid-19/100mil hab
Rondônia	1	17	1600%	339
Amazonas	4	41	925%	319
Mato Grosso	4	25	525%	329
Pará	7	30	329%	177
Amapá	1	4	300%	212
Paraná	28	98	250%	262
Piauí	5	17	240%	195
Sergipe	5	16	220%	241
Ceará	22	56	155%	242
São Paulo	210	531	153%	266
Santa Catarina	21	51	143%	228
Rio Grande do Norte	5	12	140%	188
Goias	17	38	124%	263
Alagoas	5	11	120%	154
Mato Grosso do Sul	7	15	114%	281
Rio Grande do Sul	29	59	103%	267
Espírito Santo	7	14	100%	281
Pernambuco	17	34	100%	181
Rio de Janeiro	107	185	73%	314
Distrito Federal	13	21	62%	302
Minas gerais	81	121	49%	210
Bahia	28	40	43%	156
Maranhão	12	14	17%	124
Paraíba	13	15	15%	209
Acre	1	1	0%	196
Roraima		8	-	281
Tocantins		5	-	197

Fonte: Ministério da Economia. Novo Caged; Secretarias Estaduais de Saúde (atualizado em 20/06/2021)

Fonte: DIEESE, 2021.

<https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf>

Em Minas Gerais os reflexos da saúde docente não foram diferentes, pois o processo de construção de uma educação de qualidade passa diretamente pela composição da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da educação. As escolas estaduais de Minas Gerais no tempo da pandemia tiveram como centralidade o respeito pela vida, todavia esse respeito ficou restrito às condições de distanciamento e em nenhum momento houve uma composição, de fato, que trouxesse a saúde como prática e discussão real.

Os mecanismos de aprendizagem passam pelo fortalecimento das relações sociais e sanitárias, ou seja, sem que exista saúde o aprendizado fica realmente comprometido. Aprender e ensinar, portanto, toma uma posição que parte da urgência em compreender a saúde. Os mecanismos sanitários do Estado de Minas Gerais precisam compor uma condição de associação com os mecanismos de aprendizagem.

A importância desse trabalho está em evidenciar as condições de aprendizagem pela relação dos mecanismos de saúde. É uma dissertação que busca equacionar as questões educacionais com os problemas econômicos, políticos e sanitários, desta forma, é responsabilidade do Estado garantir essa equação que seja efetivamente proveniente de uma situação que amplie permanentemente o aprendizado.

O aprendizado, portanto, depende do ensino e esse somente terá cumprido todo seu papel, se subtrair consideravelmente as consequências negativas da pandemia de COVID-19.

O governador de Minas Gerais, assim como o prefeito da cidade de Uberlândia-MG, Sr. Odelmo Leão Carneiro Sobrinho (Partido Progressista – PP), conforme G1 de 01-06-2021 e “O Tempo”, em 10-12-2020, tomaram decisões de formas a pressionar a volta às aulas presenciais, mesmo que se tenha que pagar com vidas.

Figura 16: Prefeitura de Uberlândia pede na justiça volta às aulas.

Covid-19: Justiça atende pedido da Prefeitura de Uberlândia e permite volta das aulas presenciais

No último sábado (29), a Prefeitura pediu ao TJMG para que o Município possa decidir quando e como será a retomada. De acordo com a assessoria da Prefeitura, Comitê de Enfrentamento à doença se reúne nesta terça-feira para deliberar sobre o assunto.

Por G1 Triângulo e Alto Paranaíba
01/06/2021 11h50 · Atualizado há um ano



Fonte: G1, 2021. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/06/01/covid-19-justica-atende-pedido-da-prefeitura-de-uberlandia-e-permite-volta-das-aulas-presenciais.ghtml>

Vejamos enquanto os protocolos sugeridos pelo MEC, já contemplavam os grupos de risco ao retorno das atividades presenciais, o Estado de Minas Gerais e a prefeitura de Uberlândia, já trabalhavam para diminuir os grupos de riscos, aumentando os critérios para conceder a possibilidade de continuidade dos profissionais trabalhadores dos serviços públicos estaduais e municipais, (teletrabalho) e estudantes no ensino remoto.

Figura 17: Vacinação contra a COVID-19



Fonte: PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2022.
<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/01/14/vacinacao-contr-a-covid-19-em-criancas-entre-5-e-11-anos/>

Mesmo anunciando dia 14-01-2022, que haveria o início da vacinação, a Prefeitura Municipal de Uberlândia, justifica seus atrasos na imunização de crianças entre 5 e 11 anos de idade, no “agendamento por parte do Governo de Minas, vai retirar na Superintendência Regional de Saúde de Minas Gerais (SRS-MG), a partir das 8h30 da próxima segunda-feira (17), as doses destinadas à vacinação de crianças de 5 a 11 anos” Cabe ainda destacar que esse processo se iniciou pelos grupos de riscos dessa faixa etária e depois os demais indivíduos. Fato esse que reforça a falta de planejamento do poder público que administra a educação brasileira, pois o início das aulas totalmente presenciais, no Estado de Minas se deu no dia 03-11-2021, de forma obrigatória, onde o grande público do ensino fundamental, não haviam recebido a primeira dose da vacina contra COVID-19.

Figura 18: Retorno às aulas presenciais passa a ser obrigatório em MG.



Fonte: G1, 2021. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/11/03/retorno-as-aulas-presenciais-passa-a-ser-obrigatorio-na-rede-estadual-de-mg-a-partir-desta-quarta-feira.ghtml>

Figura 19: Informe da Agência do Estado de MG.



Fonte: AGÊNCIA MINAS, 2022. <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/ano-letivo-2022-comeca-para-1-7-mi-alunos-da-rede-estadual>

No caso de estudantes ou profissionais da educação, fazem parte do grupo de risco quem possui: cardiopatias; doenças pulmonares crônicas; diabetes; obesidade mórbida; doenças imunossupressoras ou oncológicas; pessoas com mais de 60 anos; gestantes e lactantes. Para esses grupos, devem ser adotadas estratégias de realização de atividades não presenciais. (Guia de retorno das Atividades Presenciais na Educação Básica, 2021, p. 12)

Segundo o site fazenda.mg.gov.br o Comitê Extraordinário COVID-19, foi criado para elaborar medidas emergenciais de restrição e acessibilidade a determinados serviços e bens públicos e privados cotidianos, enquanto durar o estado de CALAMIDADE PÚBLICA em

decorrência da pandemia coronavírus – COVID-19, em todo o território do Estado. E com isso estabelece algumas deliberações, no caso da educação do Estado de Minas Gerais, o Comitê Extraordinário COVID-19. MG de 18/03/2020, Pág 2. De 17-03-2020, apresenta a deliberação nº 04 que:

Institui o regime especial de teletrabalho para os servidores públicos que menciona: - Art . 2º – Deverá executar suas atividades em regime especial de teletrabalho, enquanto perdurar a SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA em Saúde Pública no Estado declarada pelo Decreto NE nº 113, de 12 de março de 2020, o servidor que (Obrigatório ao Grupo de Risco): I – possuir idade igual ou superior a sessenta anos; II – portar doença crônica, tais como diabetes, hipertensão, cardiopatias, doença respiratória, pacientes oncológicos e imunossuprimidos, devidamente comprovada por atestado médico; III – for gestante ou lactante . § 1º – A comprovação das situações de que tratam os incisos I e III ocorrerão mediante autodeclaração, e a que trata o inciso II por meio de apresentação de atestado médico. § 2º – Os documentos de que trata o § 1º serão encaminhados à chefia imediata por meio de endereço eletrônico institucional, sob pena de responsabilização criminal e administrativa na hipótese de informações inverídicas.

O que se viu foi uma queda de braço, de um lado pessoas resistindo em luta pela vida e pela valorização profissional dos trabalhadores em educação, do outro lado os interesses patronais, das escolas particulares, apoiados pelos interesses políticos e econômicos, que banalizam a vida e a morte de milhares passa a ser apenas números nas estimativas.

Figura 20: Protocolo sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia.

Condições clínicas de risco para complicações da COVID-19 para colaboradores e funcionários	
Doenças cardíacas descompensadas	Insuficiência cardíaca mal controlada Doença cardíaca isquêmica descompensada
Doença cardíaca congênita	
Doenças respiratórias descompensadas	DOPC e asma mal controlada Doenças pulmonares intersticiais com complicações Fibrose cística com infecções recorrentes
Doenças renais crônicas em estágio avançado (graus 3, 4 e 5)	Pacientes em diálise
Imunossupressão ou imunodepressão por doença e/ ou medicamento	Quimioterapia / radioterapia Outros medicamentos Transplantados de órgãos sólidos / medula óssea
Portadores de doenças cromossômicas e com estados de fragilidade imunológica	Ex: Síndrome de Down
Diabetes, especialmente descompensada	
Gestante de alto risco	
Doença hepática em estágio avançado	
Obesidade (IMC > 40 kg/ m ²)	

Fonte: Comunidade Escolar, SEE/MG, 2021, p.5

No primeiro momento se viu através da Resolução SEE/MG N° 4310/2020, que as estabelece regras sob Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e a instituição do Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida. E ainda em período pandêmico é percebido o movimento contrário, no sentido de forçar a volta dos trabalhadores em educação e estudantes, à sala de aula, para o ensino híbrido e posteriormente presencial, mesmo diante das comorbidades dos envolvidos no processo educacional, e também diante da realidade da sala de aula, com turmas grandes, superlotadas, pouca ventilação natural, etc. Os Protocolos sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia - Comunidade Escolar, (SEE/MG-2021, p. 5) foram ficando cada vez mais restritos, fazendo que o grupo de risco inicialmente caracterizado por suas comorbidades, nesse momento, o motivo de não se estar em crise e/ou descompensada (termo usado no documento), já não são considerados grupo de risco, seria suficiente para que os indivíduos fossem obrigados a submeter ao contato do trabalho presencial nas escolas.

Cabe ainda aqui ressaltar que a resolução acima citada, vem inicialmente regulamentar as atividades que deveriam ser cumpridas pelo docente, em sua própria casa, e não os

instrumentalizar para as tarefas, desconsiderando o aporte técnico e metodológico que não foi contemplado nem tão pouco a capacitação necessária com metodologias e didáticas que exigem esse novo cenário e educação à distância, realizada através do teletrabalho no Ensino Remoto.




O Guia de retorno das Atividades Presenciais na Educação Básica, publicado pelo MEC, que diz na página 5 assim: a “cooperação e espírito de solidariedade” e afirma que as atitudes de muitos professores e alunos são “tempestivas e criativas” para seguir “ensinando e aprendendo”. E ainda que seus personagens educativos, são capazes de preparar-se com segurança sanitária para a retomada das aulas presenciais. Nesta análise fica claro a omissão do Estado e imputa aos docentes e estudantes assumir todos os riscos, para que a educação aconteça, mesmo que tenhamos que perder vidas dos outros, e ainda a transferência de responsabilidades ao indivíduo. Dentro da concepção neoliberal há uma responsabilização chamada de sobrecarga moral posta sobre o elemento mais fraco. (BRAW, 2018, p. 37)

Tudo isso aponta que com o passar dos dias, os estados e municípios, em sua maioria, foram fazendo “a lição de casa”, ou seja, implementaram os interesses patronais, das escolas particulares, apoiados pelos interesses políticos e econômicos, que banalizam a vida, e que a morte de milhares, em desfavor que uma categoria chamada de educação pública, não passa de números.

Ainda falando distanciamento em social em tempo de pandemia da COVID-19 e dos protocolos de retorno às aulas presenciais, no primeiro momento, a Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais orientava que, em ambientes fechados se adotasse o distanciamento obrigatório de dois metros entre as pessoas, posteriormente passou-se para 1,5m, 1,2m e por fim 90 cm, e agora não se há mais esse critério para que o número de alunos seja composto a classe.

De acordo com o (Protocolo sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia - Comunidade Escolar, SEE/MG, 2021, p. 13) “As diretrizes de metragem para o fluxo de pessoas nas escolas e organização dos alunos nas salas de aula e atividade é estabelecida com base no conceito do Plano Minas Consciente, assim, os parâmetros mínimos de distanciamento mencionados neste Protocolo Sanitário deverão ser ajustados pelas instituições de ensino a depender da fase em que o município se encontra no referido Plano – as ondas –, conforme abaixo:”

Figura 21: Metragem para a sala de aula.

Distância linear		Metragem referência
3 metros		10 m ² *
1,5 metros		4m ²
1,5 metros		4m ²

* Poderá ser adotado 4m² se o espaço for a céu aberto

Fonte: Comunidade Escolar, SEE/MG, 2021

Tomando como base uma sala de uma escola pública estadual da cidade de Uberlândia, onde temos aproximadamente medidas de 7 metros de comprimento e 5 metros de largura, e nessa classe temos matriculados e frequentes 26 estudantes, 1 professor e 1 estagiário, dá-se uma ocupação de aproximadamente 1,25 metros quadrados para cada pessoa, ou seja, um distanciamento bem pequeno em se tratando de um período pandêmico de circulação de vírus altamente contagioso, isso sem considerar a ventilação da sala que é bastante ruim, como na maioria das salas de aulas do território nacional, são claustrofóbicas principalmente com a sala cheia. Ambientes nesse formato não favorecem à saúde das pessoas que eles frequentam.

A educação brasileira historicamente é desvalorizada e sobrevive da luta e da resistência de um grupo de indivíduos que acreditam nessa educação, corpo docente, como ferramenta para que se tenha grandes mudanças na formação de pessoas críticas dentro da sociedade brasileira posta: patriarcal, racista, machista e capitalista e que seus governantes, em sua maioria e parte dessa sociedade seguem defendendo os interesses do capital internacional, e da manutenção de uma dominação exploratória, onde o indivíduo só vale o que produz, herança colonialista, que surge nas terras brasileiras desde a chegada dos povos europeus, no Século XV.

Para entender como se deu as aulas online, no ensino remoto, os atendimentos aos pais e alunos, via whatsapp, basta percebermos que a ferramenta mais utilizada pelos profissionais de educação (exceto àqueles que não tiveram acesso), foi o aparelho celular, cerca do 91,1% de entrevistados nas cinco as regiões brasileiras e Distrito Federal. (Revista *Retratos da Escola*,

Brasília, v. 14, n. 30, p. 701-717, set./dez. 2020). E esses equipamentos utilizados neste trabalho à distância, foram de aquisição pessoal de cada trabalhador e trabalhadora em educação.

Nesse período no qual foi o trabalho executado à distância por docentes, o que é percebido uma unanimidade do professorado afirmando que as horas trabalhadas aumentaram significativamente, comparando ao tempo contratado, e de acordo com outros períodos em que se tinha as aulas presenciais e que os entraves na realização das tarefas em casa foram diversos.

Observar qual é o grau de envolvimento dos governos (federal, estadual e municipal) na busca de soluções para que a escola funcione. Cabe aqui a pergunta: “E agora, o que fazer com a escola?” O reforço de que a escola que forma sujeitos críticos, cidadãos capazes de argumentar de tomar decisões próprias, em detrimento dos interesses de uma elite, ou de governantes que defendem seus interesses próprios e que usam do poder público que promover sua autovalorização. A escola que foi projetada para atender os interesses capitalistas, burgueses, segregacionista, deixa de ser um benefício para a sociedade brasileira e passa a ser um problema.

A percepção de que a escola pública gratuita e de qualidade é um problema, é reforçada, pelo comportamento posto por parte das representações da elite, da política e dos interesses do capital e da produção. Nos quais transferem a todo tempo as responsabilidades que lhes compete, aos atores desse cenário a saber: profissionais da educação, alunos e família. Problemas este que aparece desde o sucateamento da escola, desvalorização profissional dos trabalhadores em educação e problemas sociais e econômicos que assolam as famílias dos estudantes fazendo da educação um problema para a sociedade.

O discurso posto pelas autoridades em educação, vai de encontro com as ideias de (BRAW, 2018, p. 7) que ele está calçado nos ideais neoliberalistas que buscam emancipar os indivíduos das redes de regulamentação de intervenções estatais, ele envolve e vincula esses mesmos indivíduos em toda esfera e instituições neoliberalizada de que participa. E “o efeito combinado é a geração de indivíduos extremamente isolados e desprotegidos, em risco permanente de desenraizamento e de privação dos meios vitais básicos, completamente vulneráveis às vicissitudes do capital”, ou seja, se transfere toda a responsabilidade de uma tomada de decisão e também toda culpa ao indivíduo.

Embora a saúde e educação tenham andado juntas nos protocolos sanitários de retorno às atividades escolares presenciais, na prática não é o que percebemos:

Outra grande preocupação refere-se à saúde mental dos professores da escola, dos estudantes e das famílias diante das incertezas da pandemia. Os funcionários da escola, principalmente os professores, devem ser capacitados com estratégias de promoção e proteção da saúde mental e qualidade de vida. Toda escola deve ser envolvida em atividades que fortaleçam a qualidade de vida, bem-estar e suporte social. Os profissionais da escola, principalmente os professores, devem ter suporte e capacitação para lidar com estudantes em sofrimento psíquico (comportamentos internalizantes ou externalizantes). No caso de percepção de mudanças comportamentais ou comportamentos disfuncionais, o aluno ou profissional deve ser encaminhado para serviço de saúde. (Protocolo sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia - Comunidade Escolar, SEE/MG, 2021, p.21)

O discurso dos governantes em seus documentos protocolares é muito fantasioso, considerando a prática, o cotidiano da escola. Em nenhum momento foi percebido algum tipo de assistência psicológica e assistencial, no período pandêmico, que visasse a capacitação de professores, estudantes e familiares, com estratégias de proteção da saúde mental e qualidade de vida.

Abro aqui um parêntese para ponderar uma realidade específica das trabalhadoras e trabalhadores do Estado de Minas, onde seu “convênio médico”, IPSEMG (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais), mesmo que esse serviço seja pago pelo servidor, em seus quadros de prestadores de serviços em saúde, não há a especialidade de psicologia e os psiquiatras são poucos, em opções diante das demandas de uma categoria de trabalhadores que vem adoecendo por inúmeros motivos, inclusive pelas condições de trabalhos que são submetidos e a desvalorização profissional. O que resta àqueles cidadãos mal remunerados e adoecidos partir para o SUS, que por sua vez também é sobrecarregado, sucateado, precarizado e desvalorizado como todos os serviços prestados aos pobres no Brasil.

Com isso, é possível compreender que a saúde física e mental dos cidadãos, para os governantes, não é algo importante e que não tem sido levado à sério, pela importância que tem processo ensino-aprendizado.

1.2 SAÚDE E EDUCAÇÃO - A SAÚDE COMO COMPONENTE DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

A mudança do espaço físico da escola, para outros espaços, de acordo com as condições e realidades dos professores e famílias, não foi algo assimilado imediatamente, pois para além das estruturas dos prédios escolares, a compreensão desse novo espaço como lugar de aprendizagem impactou na saúde mental e na própria compreensão do mundo escolar pelos estudantes.

Em 2019 o adoecimento do professorado é algo que já nos chama atenção, segundo o site senado.leg.br, em 01-11-2021, dois em cada três professores já se afastaram de suas atividades por problemas de saúde.

Figura 22: Adoecimento do professorado no Brasil.

Educação

Maior parte dos professores do Brasil já pediu afastamento por motivo de saúde

Dois a cada três professores brasileiros já pediram afastamento por motivo de saúde. Os dados foram apresentados na Comissão de Educação pelo presidente do colegiado, senador Dário Berger (MDB-SC). Ele disse ainda que 13% dos professores já sofreram algum tipo de agressão em sala de aula. Para o senador Flávio Arns (Rede-PR), o professor precisa ser valorizado e ter plano de carreira adequado e tempo para desenvolver as atividades docentes. A reportagem é de Rodrigo Resende, da Rádio Senado.

Rodrigo Resende
01/11/2019, 11h43 - ATUALIZADO EM 03/11/2019, 23h04
Duração de áudio: 02:07





Fonte: RADIO SENADO, 2019. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/11/01/2-a-cada-3-professores-do-brasil-ja-pediram-afastamento-por-motivo-de-saude>

Analisando a matéria que traz a figura 22: destacamos que no Brasil, já em 2019, existiam mais de dois milhões de professoras e professores, docentes com doenças que se desenvolveram a partir do exercício das suas funções, e que de acordo com os dados apresentados pela associação Nova Escola “cerca de 66% dos professores brasileiros já precisaram pedir afastamento de sala de aula por problemas de saúde. Sendo stress, dores de cabeça, insônia, dores dos membros e depressão os maiores problemas”. Ainda afirmam que “a saúde dos professores brasileiros e a qualidade da Educação Nacional está umbilicalmente ligada a uma maior valorização dessa área.” (SENADO FEDERAL, 2019).

A saúde enquanto componente do processo ensino e aprendizagem sempre foi importante nesse processo. O que pudemos perceber que na pandemia da COVID-19, várias

questões pré-existentes ganharam destaque e que ficaram claras a sua dependência como pré-requisito para que a educação aconteça, de forma que os objetivos do ensino e aprendizagem se consolidem, dentro de suas propostas em seus documentos norteadores como LDB, PNC's, BNCC, e também o Currículo de Referência, no caso dessa análise da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

A partir do momento em que fecharam as escolas, em março de 2020, por conta da crescente contaminação e mortes em uma escala global pelo vírus SARS-CoV2, não somente as aulas deixaram de acontecer no espaço da escola. Esse fechamento trouxe consigo a restrição do acesso à alimentação de muitos alunos da escola pública brasileira que tem no espaço da escola a sua única ou principal refeição do dia, logo essa ausência de alimentação trouxe consequências severas no processo de aprendizado desse período.

Para além do convívio em um ambiente supostamente seguro, o estudante foi submetido ao ambiente doméstico, onde os números de violências (sexual, física, moral, etc) de acordo com o site: G1 de 07-06-2021, comparando dados antes e depois do isolamento social, conforme figura 23, de diversas ordens cresceram assustadoramente nesse período. As famílias que perderam seus entes queridos perderam também seus salários pelo desemprego que seguiu a mesma perspectiva do fechamento dos postos de trabalhos. A perda do poder aquisitivo eclodiu outros problemas sociais como o aumento da violência, uso de drogas lícitas e não lícitas, problemas de saúde mental e emocional, a fome.

Figura 23: Aumento de agressões domésticas.

Na comparação com os dados da última pesquisa, há aumento do número de agressões dentro de casa, que passaram de 42% para 48,8%. Além disso, diminuíram as agressões na rua, que passaram de 29% para 19%. E cresceu a participação de companheiros, namorados e ex-parceiros nas agressões.

Fonte: G1, 2021. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>

Compreender a mudança da paisagem do processo ensino e aprendizagem, e as entrelinhas, suas características é perceber que o fracasso era algo já anunciado antes da pandemia, pois a situação que já era desfavorável pelas salas claustrofóbicas se tornou insustentável quando o aluno sai de um lugar seguro, minimamente adequado para que a educação pudesse acontecer, agora em tempos pandêmicos é colocado em situação de risco, por estar próximos de alguns parentes com transtornos psíquicos que influenciam em suas condutas e que foram atingidos diretamente pelos efeitos da pandemia e também na possibilidade de ficar sozinhos enquanto os adultos trabalham.

A ausência de uma alimentação adequada, com os nutrientes que são ditos essenciais para um indivíduo em formação, ou seja, em desenvolvimento, para além de cuidados e garantias de saúde intelectual. Somados às mudanças da paisagem do seu lugar de aprendizagem, traz muito no que repensar e entender como se dará as consequências de tudo isso, na vida dos estudantes e também na sociedade brasileira.

O espaço que antes era físico: a sala de aula, cadeiras, carteiras, quadro, cadernos, lápis, borracha, auxílio das professoras e professores, colegas de classe, lanche, interação entre pessoas, contato visual e físico, som real, os barulhos do ambiente escolar, deu lugar para o virtual, o silêncio, o distanciamento, ao microfone, câmera, conexão internet, grupos de whatsapp, auxílio da família ou ausência de auxílio, solidão, ajuda do professor virtualmente àqueles que tiveram este recurso, papel impresso, videoaulas, um parar para esperar a ajuda chegar ou a pandemia passar.

Para tratar dos problemas de saúde no ambiente escolar, o governo mineiro lança “O grupo de Trabalho Intersetorial Municipal (GTI-M) no contexto da pandemia de COVID-19”. Onde em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde e Secretarias Municipais de Saúde, inclui dentro de suas cartilhas o “Programa de Saúde na Escola⁷”.

Na realidade da escola pública mineira, principalmente na cidade de Uberlândia, não é possível contar com equipe multiprofissional (psicólogos, assistentes sociais), somados a um

⁷ Fonte: Disponível no site da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. in <https://www.saude.mg.gov.br/acoesintersetoriais> . Acessado em 16-09-2022

distanciamento das equipes de saúde, que deveriam ser mais atuantes nas demandas da comunidade escolar.

Nessa perspectiva está subentendido às atribuições que na prática, no cotidiano da escolar não se percebeu como por exemplo as ações diretas desse grupo GTI-M, embora estivéssemos ocupados com as demandas educacionais que são várias, na prática, quando há uma percepção visual (embora que leiga por parte dos trabalhadores da educação), a ação mais praticada é informar para a família, com relação aos sintomas visuais que o estudante apresenta, e a família se encarrega de conduzir o incapaz ao serviço de saúde ou não. Na prática, no chão da escola, não há nenhum tipo de apoio à saúde física e mental tanto dos alunos quanto dos trabalhadores da educação, e o Programa de Saúde na Escola, embora conste na cartilha da SES/MG, não é claro dentro da proposta de ensino-aprendizado e no chão da escola.

O que na cartilha GTI-M, já atualizada em tempos pandêmicos da COVID-19, seria dar apoio e cuidados à saúde da comunidade escolar (alunos, trabalhadores da educação e familiares), acontece o contrário, quando o governo exerce pressão sobre os trabalhadores dos serviços públicos e os gestores, nesse caso específico, os escolares ao invés de exercer pressão contrária lutando por melhores condições de trabalhos e valorização profissional, pressionam os professores e demais trabalhadores da escola para dar conta das demandas que a seu tempo, não são fáceis de realizá-las de forma satisfatória, reforçadas pelos efeitos da estagnação educacional em tempos de pandemia da COVID-19, no Brasil. Ocasionalmente repercutindo negativamente na saúde de todos envolvidos no processo ensino e aprendizagem.

Diante de todas essas questões conjunturais é preciso compreendermos diretamente como isso ocorreu no ensino de Geografia. Desta forma, o próximo capítulo busca consolidar uma reflexão quanto ao ensino de Geografia em tempos de pandemia.

Os desafios na relação saúde e educação começam no espaço da sala de aula e perpassa por vários implicadores, como por exemplo, na disposição da família em encarar que se algo acontece de estranho no processo de aprendizagem de um aluno ou aluna, a iniciativa de se investigar é algo que dará possibilidades para que as dificuldades sejam minimizadas ou sanadas, por outro lado encontramos profissionais da educação que se eximem de se envolver em problemas que são gerados fora do ambiente escolar, mas que interferem diretamente no aprendizado do estudante e nos relacionamentos da sala de aula. E por último, ao nosso ver, o mais complicador deles, que é a inoperatividade do Estado, da incapacidade de diálogo com

docentes e discentes, sem a qualificação profissional necessária para que os docentes tivessem como centralidade de seu trabalho bem-estar e a saúde em sua totalidade, e a ausência de estruturas de profissionais e espaços especializados que possam tratar a saúde emocional, e subsidiadas pela SUS, conforme a crescente demanda.

O reflexo desta ausência de políticas públicas que ampare o cidadão e um modo geral, e especificamente em nossa análise os docentes, é que vamos observar o aumento bastante significativo do adoecimento dos profissionais da educação, especificamente do professorado. Como mostra essa notícia veiculada em, pelo G1.

Figura 24: Aumento de afastamento de saúde.

Pedidos de afastamento de profissionais da educação municipal crescem 120% neste ano no Alto Tietê

Em 2021, a quantidade de afastamentos ficou na casa dos 4 mil, 338 por problemas mentais - o que corresponde a 8,26%. Até outubro deste ano 8.880 educadores entraram com atestado de afastamento, 757 por problemas mentais - quase 8,52% do total.

Por Mirielly de Castro e Maiara Barbosa, Diário TV 2ª Edição
10/12/2022 20h30 · Atualizado há um mês



Fonte: G1, 2022. <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2022/12/10/pedidos-de-afastamento-de-profissionais-da-educacao-municipal-crescem-120percent-neste-ano-no-alto-tiete.ghtml>

Fato do adoecimento dos professores e professoras é crescente e recorrente em todo país e que evidencia os desafios da educação frente a precarização e a desvalorização da carreira docente e o adoecimento mental passa a ser um grande vilão dos educadores, com aumento de 120% dos casos em um ano.

Figura 25: Saúde mental dos professores na pandemia.

Pandemia afeta trabalho e saúde mental dos professores

Em São Paulo, educadores relatam ansiedade e perda de alunos na crise da saúde

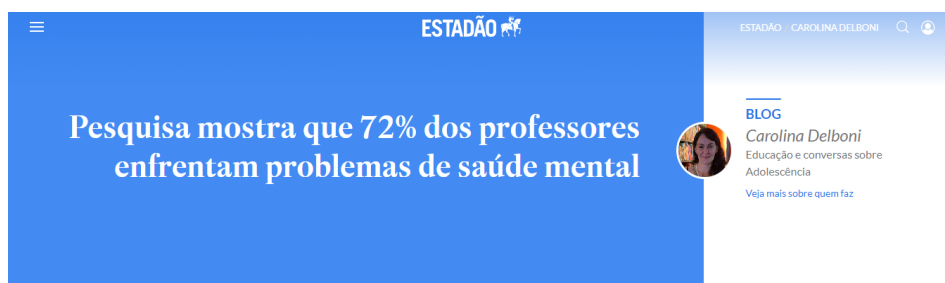


Fonte: EXPRESSO ESTADÃO, 2021. <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/pandemia-afeta-trabalho-e-saude-mental-dos-professores/>

Segundo o site Expresso Estadão⁸, na fala do professor de Sociologia entrevistado, Emerson de Oliveira Souza, ele destaca que a sobrecarga de trabalho, o estresse e a falta de recursos para aulas remotas estão entre os principais problemas enfrentados na pandemia.

Observando dados quanto ao adoecimento do professorado quanto a escala nacional os números também são crescentes, pois segundo o site estadão.com, a colunista Carolina Delboni, afirma através de pesquisa que 72% dos professores enfrentam problemas de saúde mental.

Figura 26: Professores enfrentam adoecimento mental.



Fonte: EXPRESSO ESTADÃO, 2021. <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/pandemia-afeta-trabalho-e-saude-mental-dos-professores/>

⁸ Fonte: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/pandemia-afeta-trabalho-e-saude-mental-dos-professores/> acessado em 16-09-2022

Muito se veiculou com aqueles que acreditam que o professor precisava se reinventar para dar conta da pandemia e assim não deixar de executar seu trabalho, que a grande maioria assim o fizera, contudo não contaram que esse esforço sobre-humano pudesse acarretar tantos problemas na saúde do trabalhador como é observado. Os esforços foram estrondosos e o reconhecimento e a contrapartida por parte principalmente dos gestores públicos e privados o não aconteceu na mesma proporção. Para além disso, a pressão que estes profissionais têm sofrido com todos os desafios que a pandemia impôs, que justifica, os “72% trabalhadores em educação tiveram a saúde mental afetada e precisou buscar apoio, segundo pesquisa realizada com 9557 profissionais pela Nova Escola.” (2020, p.2)

A constatação do cenário educacional mundial e também no que se refere ao Estado de Minas Gerais e na cidade de Uberlândia possibilitou uma leitura ampla das consequências que o histórico do sucateamento e da desvalorização profissional do trabalhador e trabalhadora da educação, para além do alto índice de analfabetismo e também das desigualdades sociais e o agravamento que isto gerou diante da crise sanitária mundial, somados às ações desproporcionais e paliativas que são percebidas no decorrer dos anos 2020 e 2021.

Na análise que faremos no capítulo à seguir, discutiremos o Ensino de Geografia a partir de um materialismo histórico e dialético que tentou compreender a partir dos seus fundamentos e os impactos que o ensino remoto trouxe, as consequências desta reinvenção da escola, que deixa de comparecer no espaço físico e passa a ser vivenciada virtualmente por apenas um grupo de estudantes e as consequências que este mundo virtual impõe à grande maioria brasileira os que são desprovidos de acesso à internet de qualidade, pela falta de equipamentos compatíveis e também dos conhecimentos necessários para operacionalizar as ferramentas e aplicativos que compõe a escola virtual nas aulas online durante o ensino remoto e híbrido.

CAPÍTULO – 2

ENSINO DE GEOGRAFIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

O ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental tem como centralidade compreender as dinâmicas espaciais, sociais, históricas e da natureza, pois o objetivo central do ensino de Geografia é constituir um caminho amplo de entendimento das questões cotidianas vivenciadas pelos alunos e alunas. O cotidiano escolar é uma referência direta ao cotidiano da vida, ou seja, tentam, seja pela legislação ou publicações institucionais, fundamentar o cotidiano escolar pela realidade vivida. Este desafio foi ainda maior, visto que as condições sanitárias criaram **um novo cotidiano**.

Os mecanismos de ação pedagógicas sobre os conteúdos organizados pelo currículo escolar precisaram de uma nova direção metodológica, pois as condições de trabalho docente tomaram, como foi mencionado no capítulo anterior, um conjunto de novas formas e funções pedagógicas. O cotidiano escolar passou a ser um novo cotidiano distante da realidade escolar que até então se conhecia, desta forma, o ensino de Geografia para os anos iniciais passou a ser pensado diante dos desafios da relação professor-aluno e professor-tecnologia, ou seja, o cotidiano escolar passou a ser cotidiano escolar virtual.

Com isso muda consideravelmente a escola e passa a ser um conjunto de ações necessárias para a compreensão de um mundo que precisa existir de forma distante, ou seja, os discentes passaram a vivenciar as experiências do ensino remoto num mundo digitalizado para poucas pessoas.

O cotidiano escolar virtual nunca existiu e isso passou a ser compreendido como uma novidade e um desafio para que essa novidade exista como condição escolar. A negação das categorias geográficas no processo cotidiano do mecanismo de ensino e aprendizagem se mostra eficiente na construção do distanciamento da realidade, com isso as consequências foram negativas para que a Geografia enquanto ciência escolar amplie suas condições epistemológicas nas questões cotidianas.

Assim é fundamental questionarmos: como estudar uma geografia que nega a paisagem, o lugar e o espaço real? É preciso pensar outras categorias para o ensino de uma Geografia Virtual, mas essas categorias não foram consolidadas, visto que não houve esforços metodológicos e pedagógicos para pensar essa questão diretamente, ou seja, como é possível ensinar uma Geografia do cotidiano sem o cotidiano? Isso apresenta uma ruptura

epistemológica e uma negatividade pedagógica.

Na perspectiva de Callai o aprender a ler o mundo, é algo importante pedagogicamente para o processo e traz a base do pensamento no Ensino de Geografia e a possibilidade de criança onde “a educação, no Brasil, passa por profundas mudanças, talvez não tantas quanto a sociedade atual exigiria, mas sem dúvidas significativas” CALLAI (2005, p. 228). Ao afirmar isso Callai (2005) não faz a mínima ideia do contexto que, agora se imerge à educação brasileira, nem tão pouco o esforço necessário de se criar novas categorias de análise para que contemple o cenário pandêmico que envolve o mundo e o pós pandêmico com os desafios que anunciam uma educação e que já anunciava seu fracasso, e que agora, se evidencia é aquilo que já estava anunciado quando a defasagem da aprendizagem, as desigualdades e exclusão social e a não formação dos indivíduos em seres críticos e cidadãos.

A Geografia positivista, é uma construção muito antiga de um padrão científico e que foi criada aos moldes da classe dominante e está ligada aos resultados, apenas. E ainda é muito marcante nos livros didáticos, pois mesmo que traga elementos do cotidiano no aluno, contudo não traz o aluno como protagonista do seu próprio cotidiano.

Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Queremos tratar aqui sobre qual a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo. Para tanto, buscamos refletir sobre o papel da geografia na escola, em especial no ensino fundamental, no momento do processo de alfabetização. (CALLAI, 2005, p. 228)

“Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p. 24). Para que ocorra a alfabetização geográfica, é necessário que o sujeito possa fazer a leitura do mundo, mas além disso possa falar sobre o seu mundo, escrever, narrar; desta forma; é preciso se posicionar quanto ao mundo e ao mesmo tempo estar no mundo. Estar no mundo implica uma condição de compreensão da dinâmica cotidiana e esse ponto tem grande significado para nosso trabalho, uma vez que o cotidiano foi interrompido na pandemia dentro de uma normalidade escolar para ser constituído um cotidiano virtual. Essa questão nos coloca diante de grandes desafios para entender os processos escolares durante e depois da pandemia, desta maneira, os papéis dos sujeitos na escola foram transformados e não podemos entender a mesma dentro da lógica positivista que foi organizada a mesma antes da pandemia.

Diante disso, nosso trabalho busca compreender a leitura de mundo a partir da construção de um cotidiano que dialogue com o virtual e o real, pois segundo Callai (2005) ler o mundo é significativo para construir a alfabetização geográfica, todavia, Callai (2005) parte

de uma escola ideal e não consegue conferir as contradições da mesma. No sentido das contradições compreendemos as diversas escalas de atuação do processo ensino e aprendizagem, a escala virtual e a escala real. Ambas as escalas consolidam uma forma de entender o mundo e possibilitar a alfabetização também geográfica.

Assim, nossa leitura vai muito mais além de uma leitura cartográfica, não se trata de simplificar a realidade. Não é ler o mapa pelo mapa, embora ela seja muito importante. É fazer a leitura da vida e do cotidiano. Durante a pandemia esses alunos tiveram essa capacidade de se posicionar no mundo? Eles conseguiram fazer essa leitura de mundo e entender onde estavam? Como é essa leitura de mundo? Quais são os limites dessa leitura de mundo? Como esse sujeito, no ambiente virtual, poderia ler o espaço, a partir da casa dele? A casa dele como locus da aprendizagem tinha ambiente suficiente para que o processo de aprendizagem fosse instituído de forma positiva?

Esse ensino de Geografia está vinculado à construção do mundo. Pensar o currículo do Ensino de Geografia, no início da escolarização com suas especificidades, também se modifica e como elas foram acessadas, ignoradas ou mal trabalhadas no período de pandemia. seja pelas políticas do Estado, seja pelo material fornecido pelo Estado, pela incomunicabilidade entre esse Estado e a formação adequada para esse ambiente EAD com os professores e professoras.

O papel do professor e da professora é fundamental na construção dessa leitura de mundo, e sem a presença desse docente, inclusive nesse contexto pandêmico, faz com que o Ensino de Geografia deixe de alcançar seus objetivos específicos, nesta fase do desenvolvimento escolar. “Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. (FREIRE, 2011, p. 35).

A crítica que precisa ser feita é que não se consegue fazer com que a criança faça a leitura de mundo a partir da pandemia, pela ausência da Geografia como disciplina que explora o cotidiano. E que os governantes não têm o compromisso de se construir uma política educacional que contemple as necessidades formativas dentro de uma pedagogia que seja pensada nessa nova perspectiva.

Considerando a nova paisagem que formou a escola no ensino remoto, o espaço da sala de aula que se tornou virtual e o lugar das pertencas que fazem do indivíduo autor da construção do seu próprio conhecimento não se constrói. Cenário todo se desencadeia a partir da ausência do acesso do professor ao aluno, da não acessibilidade tecnológica de equipamentos e meios de se conectar tanto do estudante quanto do professorado, da falta de formação docente e também de conhecimento metodológico para que essa modalidade inédita aconteça, pela

ausência da valorização profissional que seja capaz de propiciar esse tempo e oportunidade de aprendizado docente, para além das questões sociais das famílias brasileiras que em sua maioria não possuem a cultura do estudo em casa por diversas razões, e que diante de cada realidade não franqueou que suas crianças e seus jovens pudessem permanecer conectados virtualmente e para que as aulas nesse novo formato pudessem ter ocorrido.

O processo de formação ou construção do saber acontece com prazer quando se: associa ao espaço do aprendizado o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade associados à boniteza e à docência. (FREIRE, 2011, p, 46)

Ainda nessa perspectiva diante daquilo que propõe a Geografia enquanto ciência que visa, segundo (CALLAI, 2005):

... fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem. (CALLAI, 2005, p.228-229)

A criança enquanto ser em desenvolvimento, tem em suas peculiaridades a curiosidade para aprender o desconhecido, contudo, a importância do professor está no direcionar, instigar a curiosidade de modo que o estudante possa:

“[...] estudar, analisar, compreender o mundo com um olhar espacial... procurar compreender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem”. (CALLAI, 2005, p. 237)

Se o Ensino de Geografia é o componente curricular que instiga a curiosidade de modo que o estudante possa estudar, analisar, compreender o mundo com um olhar espacial. O que diferencia a importância do Ensino de Geografia no tempo de pandemia e na não pandemia? A Geografia permite pensar sobre a própria pandemia.

A Geografia escolar precisa partir da realidade das crianças e jovens para que elas compreendam a dinâmica cotidiana e possam exercer na mesma suas criatividade. A escola deve ser como espaço de aprendizagem e espaço de criação. Tal criação deve partir da realidade

e ao mesmo tempo superar essa realidade com seus elementos sufocantes e que não permitem o livre pensamento a partir da estrutura vivida.

“O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade.” (FREIRE, 2011, p. 86) Nesse sentido o silenciamento da sociedade, nos parece uma intenção política velada, autoritária, no sentido de não deixar que se discuta e entenda as questões políticas e sociais que estão postas nesta pandemia, e para além dela, o que seria pertinente para que houvesse esse enfrentamento, e a continuidade do Ensino dentro dos moldes Remoto, para que de fato, pudesse acontecer a escolarização e a compreensão da visão de mundo e que também pudesse evidenciar as responsabilidades do Estado e suas omissões diante do problema sanitário mundial.

A dinamicidade das relações sociais e das relações do Homem com a Natureza, desencadeia um jogo de forças, cujos resultados são concretos e visíveis. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores e de sentimentos. (CALLAI, 2005, p. 238)

A pedagogia só existe na sociedade, pela interlocução dos sujeitos e seus valores são apresentados e construídos nesse contexto, fazendo com que a Geografia com sua capacidade de trazer as interações do processo de ensino e aprendizagem faça também sua contribuição à construção e na leitura da visão de mundo, onde seja reflexiva e a crítica possa prevalecer. A pedagogia faz isso buscando nas categorias geográficas elementos do cotidiano do discente para que se consolide o processo de ensino e aprendizagem e a alfabetização geográfica, ou seja a Geografia vai buscar na pedagogia os elementos para esta constituição:

Como fazer isso? É certo que, da forma como a geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida. (CALLAI, 2005, p. 229)

Para o Ensino de Geografia, a maior ausência nessa pandemia é a pouca leitura de mundo vinculada a uma forma efetiva de entender o tempo presente com os processos históricos, ou seja, a compreensão de como o espaço pode ser vivenciado na continuidade e na descontinuidade das questões diárias. Se o governo já sabe, historicamente, que a maioria da população é pobre, não dispõe de materiais necessários para o acesso remoto, inclusive no Estado de Minas Gerais, por que então não se faz um material adequado? Quem cria esse

material? Quais são os autores desse material?

Figura 27: Imagens dos PETs.



Fonte: SRE CAXAMBU/MG, 2020. <https://srecaxambu.educacao.mg.gov.br/index.php/9-noticias/128-apostilas-do-pet-sao-gratuitas-e-disponiveis-para-todos-os-alunos-da-rede-estadual-de-minas>

Os autores desses materiais, que foram chamados de PETs, estão atrelados e comprometidos com a política de Estado. E que não se tem interesse que as crianças façam a leitura de mundo a partir da imaginação, da criatividade e da liberdade dentro de um compromisso crítico nos postulados de uma ciência que possa mudar realmente o pensamento para o bem coletivo.

A escola no qual o Estado preparou e organizou seus materiais, é uma escola que impede essa leitura de mundo. Em tempos não pandêmicos isso já ocorria, contudo na pandemia, as questões que envolvem a escola pioraram, e a alfabetização geográfica não ocorreu como deveria ter sido realizada antes da pandemia.

O recurso econômico presente teria as condições para alcançar uma alfabetização geográfica de qualidade, contudo o que foi visto, mesmo com o investimento na elaboração dos PETs, material didático, a economia que se gerou com o fechamento das escolas, na diminuição do consumo tanto de pessoal, como de materiais, e mesmo assim não houve o compromisso de construir uma política educacional para a Geografia e para as ciências humanas como um todo. “O ensino não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2011, p.24).

Há a ausência das condições didática de se fazer e construir em todo processo, desde antes de 2019, contudo agora com mais clareza no cenário pandêmico, às condições didáticas durante a pandemia, foram insuficientes, seja pela formação dos professores pois não têm as habilidades virtuais necessárias, ou seja, um conjunto teórico pedagógico especificamente

virtual, seja pela ineficiência do governo do Estado de Minas Gerais, em trazer especialistas e que tratem dessa didática do ensino remoto e que ensinem ao professorado, seja pelo material didático.

Diante dessa constatação buscamos refletir sobre as questões de formação, elaboração, construção e operacionalização do conhecimento geográfico nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, questionamos: como superar o positivismo? Ou seja, uma forma de construção do conhecimento por meio de um sentido que não busca a crítica ou a imaginação. Neste sentido, Callai (2005) aponta que o professor e a professora com a responsabilidade didática constituem um caminho de superação desse positivismo. De acordo com Callai (2005) é preciso uma didática comprometida com o cotidiano, e que a vivência cotidiana do estudante se apresente pela liberdade de pensar por meio da criatividade, da imaginação e do pensamento crítico.

Nessa análise há algumas inquietações que nos fazem refletir como por exemplo: mesmo com tempo hábil, por que o governo mineiro não se preocupou e nem apresentou aos professores uma didática virtual que contemplasse as necessidades desse novo cenário pandêmico? Será que houve uma omissão do Estado no que se refere à proposição de uma Geografia que permita a leitura de mundo, que se promova o aporte teórico-metodológico com capacidade de resolver as questões impostas para alunos e professores na pandemia? Esses materiais, recursos, deveriam ter um desenvolvimento específico para o período de pandemia e consequentemente o período pós-pandemia. Não houve nenhuma especificidade das normativas do Estado, das publicações institucionais, dos materiais didáticos, das questões referentes aos recursos humanos quanto a pós-pandemia, dessa forma, a negligência do Estado se mostra na pandemia e com a consequência dessa, em outras palavras, o Estado negligencia propositalmente essas questões para que os avanços ligados à liberdade, criatividade e imaginação não sejam suficientes para alavancar uma pedagogia realmente crítica.

Mesmo considerando que havia e que há recurso financeiro, material humano como especialistas em Ensino de Geografia, não se pensou, onde não foi proposto. Nesse sentido, não houve compromisso do governo do Estado de Minas e não há interesse que os sujeitos do processo educacional leiam o mundo.

Cabe aqui a reflexão sobre a pergunta:

“Quais referenciais teóricos nos permitiriam construir métodos de análise capazes de permitir que os alunos se reconheçam no interior desse espaço? E que se sinta efetivamente produzindo esse espaço?” (CALLAI, 2005, p. 231)

Reforçamos aqui a importância do professor na perspectiva de provocar que o discente

perceba o espaço e construa uma visão de mundo consciente, na perspectiva de que o estudante é um indivíduo capaz de interferir em seu espaço de vida, ou seja, a didática só vai ser efetivada na sala de aula real ou virtual com o docente.

O espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. (CALLAI, 2005, p. 233)

As crianças irão construir coletivamente e socialmente os seus espaços na medida que eles se reconheçam e consigam interferir nesses espaços, intervir na realidade como por exemplo a partir da casa, da rua, do bairro, da escola, etc. As descobertas que os alunos realizam no espaço, são feitas a partir dos limites e do poder que organiza a realidade.

O papel fundamental do professor é estimular a criatividade, ampliar e direcionar estes questionamentos da curiosidade espontânea e das vivências do ser humano. Com isso estimulam a criatividade na construção da visão de mundo do discente. “O professor, as suas concepções de educação e Geografia é que podem fazer a diferença.” (CALLAI, 2005, p. 231).

Nas concepções de se promover relações cotidianas que são ferramentas para estabelecer a compreensão do que seja essa realidade. Analisando os PETs, podemos perceber que o diálogo não acontece e que na sua forma organizacional é uma modalidade de ensino à distância, com os desafios do Ensino de Geografia à distância, que é trazer um ensino de Geografia à distância, mas que faça sentido. No ambiente virtual o diálogo acontece? Com isso é entendido que os PETs, propostos pelo governo do Estado de Minas são ferramentas didáticas e não-dialéticas.

Nesse sentido, do distanciamento social e não diálogo direto com o estudante, como os professores contextualizaram suas experiências, suas vivências, seus saberes? Como foi a receptividade dessas vivências pelos alunos nesse contexto de ensino à distância? No ensino remoto, os professores não têm acesso à dimensão imediata da casa do aluno e que as relações cotidianas são ferramentas para estabelecer a compreensão do que seja essa realidade. Reforça-se novamente a valorização do professor e da professora e de sua participação indispensável no processo ensino aprendizagem.

Dentro das estratégias adotadas por uma escola para que o ensino e aprendizagem aconteça, podemos destacar o Projeto Político e Pedagógico (P.P.P) da escola, pois é nesse documento que se organiza os conteúdos escolares e que o corpo docente de uma unidade

escolar se apoia para que a educação aconteça, levando por base a realidade da comunidade na qual a escola está inserida. Nesse sentido o P.P.P. em período de pandemia da COVID-19 foi respeitado? Certamente encontraremos muitas respostas no fracasso escolar, já anunciado com a volta às aulas, com a diminuição do número de infectados e também do número de mortos por dia.

Se não houve um projeto pedagógico exequível, uma construção coletiva para a pandemia, um material didático não-dialético, não houve uma remuneração adequada, não houve instrumentalização própria quanto aos meios tecnológicos para o trabalho feito à partir das casas dos professores e professoras e também dos alunos, assim, se abandona essas discussões na pandemia e coloca o perigo do fracasso escolar como realidade tangível. Ou seja, não se tem escola na pandemia. O que houve foi uma instituição escolar que estava tendo uma função de ensino, não uma escola completa com todos os seus encaminhamentos e responsabilidades pedagógicas, científicas, emocionais e sociais. Agora se tem a necessidade de enumerar os motivos da não alfabetização geográfica. De quem foi a culpa dessa escola deficitária? Querem imputar isso mais uma vez ao professorado.

Cabe aqui destacar o ato heroico dos professores e professoras que foram além das condições que lhe foram oferecidas, utilizaram seus próprios equipamentos eletrônicos e conexão à internet para acessar contato com o aluno e sua família e também utilizou da energia elétrica de sua própria casa, sem nenhum pro labore que custeasse esse gasto com o aparato tecnológico para aquele momento, se submeteu a conhecer as ferramentas da internet às duras custas e por não ter sido alfabetizado para o uso das tecnologias e ainda fez o que pôde, para criar uma didática que pudesse atingir minimamente seu aluno, que naquele momento se encontrava distante. “A valorização dos personagens do processo de ensino e aprendizagem desperta o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem o qual a prática educativa perde seu sentido.” (FREIRE, 2011, p. 139)

Lembramos que houveram aqueles profissionais da educação que tentaram se adequar nesse período pandêmico, e não conseguiram, por conta da desvalorização profissional da carreira que é histórica e também atual, e que foram acometidos pelo desemprego e a perda de seus familiares, onde a sobrevivência foi a melhor decisão a ser tomada.

Como fazer, então, para superar um ensino tradicional, e um professor igualmente tradicional, trabalhando com conteúdos alheios ao mundo da vida? Como trabalhar com a realidade sem seguir de forma linear as escalas, mas superpondo-as, interligando-as, para conseguir dar conta da complexidade do mundo? Como olhar o local com os olhos do mundo, como ver o lugar do/no mundo? E no ambiente virtual como seria olhar o mundo? E o aluno que só tem o PET impresso (preto e branco), como ele irá olhar o mundo? Como ler

o mundo da vida? (CALLAI, 2005, p. 232, grifo e texto nosso)

Quando nós trazemos a questão da alfabetização geográfica, ou seja, a alfabetização pelo espaço a criança vai ao mesmo tempo que ela vai sendo alfabetizada ela vai compreendendo o espaço, logo entendemos que através das palavras vai construindo a leitura de mundo. E na pandemia, que mundo que a criança está compreendendo remotamente? Os significados das palavras e a alfabetização passam por mudanças, e com isso a necessidade de uma reconstrução desse didática, contemple essa nova realidade do espaço da aprendizagem. Existe aí uma relação dicotômica entre as palavras MUNDO X PALAVRA. O Ensino de Geografia existiu dentro das condições deficitárias da escola, logo o Ensino de Geografia foi deficitário no período da pandemia.

Analisando o espaço da sala de aula em tempos pandêmicos, encontramos novos desafios que ainda não foram postos pelas categorias de análises da Geografia, contudo cabe a discussão para que então venhamos construir novas categorias que venham pautar-se partir do lugar da análise, do chão que de fato represente a realidade vivida dos indivíduos que se educam. Como a criança aprende? Que significado ela dá ao espaço que agora é virtual? Como interagir com o aluno dentro de sua própria casa para que ele compreenda sua própria realidade? Se a criança estiver sozinha no momento dos estudos à distância, é sempre possível tê-la dedicando tempo exclusivo para o aprendizado? Que lugar a criança está na escola feita e pensada pelo Estado seja virtual ou real?

A partir de uma concepção de lugar, deve-se considerar que ele não se restringe aos seus próprios limites, nem do ponto das fronteiras físicas, nem do ponto de vista das ações e suas ligações externas, mas que um lugar comporta em si o mundo. (CALLAI, 2005, p. 235)

É entendido que antes acontecia na escola, no ensino remoto, tudo muda, a análise da construção do lugar se dá a partir do ambiente virtual e também da casa do aluno, que ao cumprir o distanciamento social, teria que estudar a partir de outros lugares, como por exemplo, da sua própria casa. A casa, portanto, tornou-se um ambiente de aprendizagem forçado, essa questão poderia ter sido subtraída se também houvesse uma preocupação em ao mesmo tempo assistir aos pais e as crianças. Deste modo, a escola virtual tornou-se o sofá ou a mesa da cozinha sem qualquer motivação para pais e alunos estudarem. Esse distanciamento do ambiente escolar fez com que as consequências para o aprendizado fossem apresentadas na pós-pandemia.

Nessa perspectiva o pertencimento e empatia aos fatos do cotidiano, o reconhecer esses novos espaços e o fazer essa nova leitura serão desafios para que o professor alcance este estudante e faça provocações e reflexões junto ao educando. Para o espaço se tornar o lugar do

sujeito, é preciso encontrar nele (sujeito) a disposição de aceitação do espaço e a empatia.

Nesse novo espaço onde ocorre a escolarização, são encontrados outros desafios na análise e perceber que para além dos recursos necessários para uma interação com os professores, a casa do estudante. E se o estudante e o professor não tiver acesso um ao outro. E se o PET impresso, seja a única forma de contato com o material didático possível ao aluno? O Ensino de Geografia, enquanto componente curricular que tem por finalidade principal a construção de uma visão de mundo, não existiu na pandemia.

Há de se entender que existiu uma competição entre acessar o ensino remoto e estudar em casa, ou acessar outras mídias e aplicativos como: Netflix, Spotify, Whatsapp, Facebook, Telegram, Instagram, TikTok, KawAii, Jogos interativos, todos os tipos de mídias sociais, e também as atrações e distrações que um ambiente fora da escola convencional possa oferecer.

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos. Há que se pensar também no paradigma de educação capaz de acolher, ou de referenciar, esse tipo de análise. (CALLAI, 2005, p. 235)

A ausência dos estudantes no ensino remoto pode ser entendida pelo não reconhecimento do ambiente virtual como novo espaço da sala de aula, como escola, logo o estudante não compareceu nesse lugar, não interagiu, pois não há o sentimento de pertencimento, não se reconhecem como parte do lugar. E ainda a grande maioria dos estudantes do Brasil não compareceram porque não tiveram acesso à internet e nem a equipamentos compatíveis com conexão de qualidade à internet e que pudesse garantir a interação com os professores. Possivelmente para alguns alunos, o desinteresse pelo ensino e a falta de incentivo da família, foram decisivos neste momento. “Tomar decisões é o fundamento da autonomia.” (FREIRE, 2011, p. 105)

E por outro lado, os professores não puderam comparecer por falta de formação didática e tecnológica para esse novo ensino remoto e por falta de recursos tecnológicos e acesso à internet com auxílio da mantenedora da educação pública: nesse caso em análise o Governo do Estado de Minas, através da Secretaria Estadual de Educação e também o Governo Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Uberlândia-MG.

Dentro de uma análise crítica ao capitalismo e ao processo produtivo está às avessas, segundo (SILVA, 2017, p.18) o dador do trabalho, ou seja o trabalhador ou trabalhadora não

usufrui do fruto do seu trabalho e o agente indireto, dono do capital, nesse caso, o governo de Minas Gerais, não dá subsídios para que este trabalhador ou trabalhadora adquira seus meios para o trabalho e nem tão pouco os fornece de forma a propiciar que esta educação aconteça na forma do ensino remoto e nem tão pouco em outros tempos, pois o problema da falta de valorização profissional é recorrente na educação pública brasileira.

No ensino remoto de Geografia, encontrada dos PETs, a construção metodológica não compareceu estabelecendo o princípio, meio e o fim, foram trabalhados conteúdos isolados e desconectados com a realidade do aluno e sem a possibilidade de se fazer conexões entre alunos e professores, no sentido de se alcançar a ampliação de mundo, à partir desse novo cenário virtual e do espaço escolar a partir da casa do estudante.

Na perspectiva de (FREIRE, 2011, p. 20), ensinar exige rigorosidade metódica, nesse sentido “uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, conhecer o mundo.” (FREIRE, 2011, p. 20) O pensar metodologicamente, o Ensino Remoto e também presencial, precisa ser discutido e estabelecido a partir das questões postas onde comparecem as condições para que este ensino aconteça, considerando as dimensões do Estado, política, a economia logo não podemos fazer uma crítica à ausência dessa metodologia, sobre o Ensino de Geografia de forma remota, sem considerar essas ausências. O espaço no qual vivemos é o resultado de um processo histórico e que perpassa nossas vidas, contudo existem outras dimensões que não devem ser desconsideradas.

Para além da construção metodológica dentro processo de ensino e aprendizagem e também do Ensino de Geografia (CALLAI, 2005, p. 235) afirma que:

Pedagogicamente, portanto, o que importa é o estabelecimento e o exercício contínuo do diálogo – com os outros (professor, colegas, pessoal da escola, família, pessoas do convívio); com o espaço (que não é apenas o palco, mas também possui vida e movimento, uma vez que atrai, possibilita, é acessível ao externo); com a natureza e com a sociedade, que se interpenetram na produção e geram a configuração do espaço.

A interação dos estudantes, de corpo presente, como no espaço da escola tradicional, não foi possível nesse novo espaço virtual e nesse sentido comprometeu a produção do conhecimento a partir da relação social do exercício do diálogo e também das tensões presentes nesse espaço e que favorecem na formação do sujeito integral e da formação da consciência crítica e capaz de se relacionar na diversidade.

O espaço está ligado à dimensão da relação cotidiana. Essa relação não está colocada como metodologia de trabalho, em plena pandemia. Ignora-se a realidade, quando isso não

comparece dentro dessa proposta metodológica e também dos PETs elaborados para que conseguisse efetivar a alfabetização geográfica e, deste modo, o Ensino de Geografia nesse contexto. Assim, é importante constituirmos um caminho que relacione a condição profissional, pedagógica e a realidade na sala de aula, uma vez que os processos instituídos pela educação parecem formular métodos que se distanciam consideravelmente da realidade, isto é, o método não dialoga com a realidade.

Podemos aqui pensar uma Geografia com conteúdo e sem forma. Como pensar em uma Geografia com conteúdo e sem forma? O que seria?

Seria um engessamento dessa compreensão de Geografia. O conteúdo de Geografia é elaborado por quem? Esse conteúdo não é elaborado pela realidade imediata dos alunos, ou seja, pelos professores que estão na sala de aula.

Nesse sentido discordamos de (MOREIRA, 1987, p. 118), porque diante da BNCC, e também os Currículos de Minas Gerais propostos pelo Estado de Minas Gerais, pois devido às demandas daquilo a ser cumprido obrigatoriamente, não há tempo hábil para se propor e cumprir conteúdos e estratégias para o ensino, então a proposta deixa de existir e o que comparece nos cotidianos da escola é uma imposição. Diferente de um ideal que seja múltiplo, plural, sem fórmula e que permita as pessoas refletirem e que na prática não acontece. O docente não formula o conhecimento na escola. E sim formulamos a partir do conteúdo escolar, dialogando com a realidade dos alunos. E aí o professor seria o intelectual. Diferente do que é imposto ao professorado que é ser um “dador” de aulas, ou seja, aquele que apenas reproduz o conteúdo.

Na pandemia a postura dos governantes administradores da escola pública, não mudam, pois, os PETs foram uma prova contundente de um conteúdo com forma e nos pós pandemia a BNCC, foi reforçada pelos Currículos de Minas Gerais que trouxeram os Planos de Cursos de Minas Gerais previamente definidos, indiscutíveis naquilo que os professores são obrigados a cumprir e também não possibilitando que o docente vá além, por limitação de espaço e tempo, ou seja, engessado.

No contexto pandêmico é observado que os conteúdos são ensinados de forma estanque, contudo com estrutura do PET, que mesmo de forma remota, não desvincula o ambiente virtual do ambiente real da escola. Porque o ambiente real da escola evidencia um tipo ideal de mundo, ou seja, aquilo que não vai interferir no paradigma da produção e reprodução do capitalismo.

A previsão não se cumpre, pois, a própria BNCC vai se constituir enquanto um caminho de construção dos princípios geográficos como fundamento:

[...] o fazer geográfico consistia em saber empregar os princípios lógicos da localização, distribuição, distância, extensão, densidade, conexões, delimitações, escala no estudo dos territórios e das paisagens. (MOREIRA, 1987, p. 118).

Essa construção teórica do Ensino de Geografia ainda está atrelada aos princípios lablachianos, ou seja, uma Geografia que parte necessariamente das condições da produção e faz com que os sujeitos compreendam o mundo a partir dessa relação. Moreira e Callai fundamentam o sentido da prática do conhecimento geográfico como uma condição de superação do imediato, todavia esse imediato precisa ser constituído como um caminho de superação do em si que se revela pelo espaço geográfico.

Os princípios geográficos a partir de Moreira, consolidam uma forma de pensamento, que vincula a realidade a uma normalidade pela razão, que se manifesta por uma lógica que somente poderá ser conduzida por um sentido que comprometa o entendimento da realidade; assim, localização, extensão e conhecimento espacial está na órbita da representação do sentido geográfico na sala de aula para compreender o mundo, assim, Moreira (1987) aponta que:

1 - os princípios são a base lógica da construção da representação geográfica do mundo. 2 - a paisagem é o ponto de partida metodológico, o plano da percepção sensível dos objetos e seu arranjo, que serão lidos e descritos com ajuda dos princípios. 3 - o território vem em segunda, a partir da identificação dos recortes de domínios mapeados no arranjo da localização e distribuição e assim dos sujeitos da paisagem. 4 - o espaço é o resultado final aparecendo na clarificação do conjunto como uma estrutura qualificada de relações em cuja base está o caráter histórico da relação homem-meio a sociedade geograficamente organizada. (MOREIRA, 1987, p. 118)

Os princípios geográficos ligam o sujeito enquanto indivíduo espacial a uma coletividade também espacial, logo, toda a mobilização do sujeito está no entendimento que o arranjo espacial somente será útil se o sujeito também buscar sua espacialidade.

Nesse sentido, Moreira (1987, p. 118) faz um alerta de como que se deve ser pensada a Geografia na escola, dentro da mesma perspectiva da BNCC, tratada pelo nome raciocínio geográfico, ela traz esta construção que é empregada diretamente na forma, a forma de se compreender o mundo precisa ser mantida, contudo de forma contínua e não estanque. O raciocínio geográfico leva a uma condição de refletir pela estrutura que está pronta e não uma nova estrutura, ou seja, esse raciocínio parte de uma lógica programada e não de uma lógica que possa constituir outras formas, funções e conteúdo do processo ensino a aprendizagem.

O que é percebido é que uma Geografia crítica não tem diferença real da Geografia positivista e nem da própria forma que traz o Estado de Minas Gerais com a BNCC e também os Currículos de Referência de Minas e também as propostas dos Planos de Cursos de Minas

Gerais. Cada um desses pontos, estão vinculados a uma visão conservadora do mundo.

Quando analisamos e comparamos a aula construída no Ensino Remoto com a aula na forma tradicional e presencial, não há diferença substancial entre elas, ou seja, tentaram então fazer com que a forma continuasse a mesma, os conteúdos se mantiveram e a forma que há décadas permanece nas salas de aula de Ensino de Geografia, também permanecem no Ensino Remoto.

Os princípios não condizem com a realidade, não trazem o paradigma que são os sentimentos do sujeito e não comparecem em ambos os contextos e não fazem parte das políticas do Estado.

Nesse sentido, no chão da escola, no lugar da docência é perceptível essa ausência, e o distanciamento da afetividade e do sentimento dos sujeitos do processo ensino e aprendizagem vão de encontro ao que trataremos nos capítulos seguintes, que é a não alfabetização geográfica e a defasagem que o histórico da educação brasileira consegue explicar.

“A diferença do samba, isso pode aprender na escola”, segundo (MOREIRA, 1987, p. 118), entende-se que a realidade vivida não se aprende na escola, a vida estruturada numa forma de conhecimento que está atrelada a BNCC e que não contempla o cotidiano e na vida do aluno, nem no ensino presencial nem tão pouco no remoto. O cotidiano é ignorado a partir de um sentido, pois os conceitos e categorias geográficas passaram a efetivar a realidade, quando no sentido prático a realidade passa a ser a própria estrutura que forma o conteúdo por meio da relação dialética entre o sujeito, o mundo e a estrutura.

O método materialismo histórico e dialético, dentro do seu conceito que faz a crítica com a dimensão espacial que precisa dialogar com a realidade e que nessa pandemia não acontece. A escola e a Geografia não dialogam com a realidade. As metodologias não foram pensadas e construídas a partir do cenário pandêmico (as doenças, o isolamento social, os problemas e as dificuldades) ignorando a realidade, assim a complexidade do mundo não se torna visível.

Nessa construção no lugar e também do espaço vão se formando paisagens, através de sua aparência, o vivenciar a história do espaço, que paisagem consegue-se construir a partir do Ensino Remoto?

O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. A materialização do ocorrido transforma em visível, perceptível o acontecido. A dinamicidade das relações sociais e das relações do Homem com a Natureza, desencadeia um jogo de forças, cujos resultados são concretos e visíveis. Descrever e

analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos. (CALLAI, 2005, p.238)

No chão da escola, a construção predial, o mobiliário, as pessoas, suas interações, os sons, os cheiros, os odores, as tensões, as rupturas, deixam de acontecer na forma presencial e passa a existir de forma remota e à distância, no ambiente virtual. E agora nesse novo contexto a paisagem escolar, se torna uma paisagem abstrata, e distante. Nesse ambiente remoto foi possível uma percepção apenas pela observação, o não experienciado, logo no ambiente virtual, a paisagem não faz parte do cotidiano real do sujeito. Isso dificulta todo processo de alfabetização geográfica, como que o discente irá se interessar por um conteúdo geográfico, por um tema, ou um problema no qual ele não está inserido?

A paisagem, a forma, os coloridos inserem o sujeito, por este processo de aprendizado. E o estudante que não teve acesso a essa paisagem e foi contemplado por uma paisagem virtual oscilante por causa da ineficiência da internet? E o estudante que teve acesso apenas a apostila PET impressa, sem cores, preto e branco. Como o estudante irá entender o mundo? Para este discente não existe o mundo, não existe a Geografia, não existe nada. O Ensino de Geografia existiu dentro das condições deficitárias da escola, logo o Ensino de Geografia foi deficitário no período da pandemia. Com isso a escola deixa de existir nessa paisagem virtual.

Ainda na perspectiva das categorias de análise da Geografia Silva (2017, p.19) entende que: “O espaço é produzido pelas relações sociais subordinadas ao modo de produção que sustenta a sociedade - sua infraestrutura econômica, a partir da qual se erguem as superestruturas ideológicas, políticas, jurídicas, culturais, etc.” Nesse sentido, dentro de uma visão crítica, o espaço vai além da formação física do mesmo onde este é constituído à partir das relações que de forma dialógica constroem os indivíduos.

O espaço na geografia se constituiria de uma síntese, guardando ao mesmo tempo uma diversidade, submetida ao fator lugar, com todas as suas manifestações contraditórias, centradas nas relações humanas coisificadas, nas relações humanizadas entre coisas e nas relações predatórias entre a classe dominante e a natureza. (SILVA, 2017, p.21)

A representação daquilo que temos de visão de um mundo, segundo Moreira (1987, p.106). Nesse momento de pandemia, é importante elencarmos pela Geografia escolar como esse mundo está sendo representado? Também é fundamental entendermos que pós pandemia existe uma espacialidade que nutre o sujeito na condição de uma estrutura, que ao mesmo tempo

prossegue uma dimensão da pandemia, elenca uma condição de uma realidade após esse período; assim, é vital questionarmos se essa estrutura está pronta para ser rompida ou dimensionada na sala de aula como algo eterno?

A representação de mundo pela Geografia Escolar, se faz urgente pela forma como a educação antes da pandemia nutriu uma condição de continuidade às estruturas opressoras vigentes, ao mesmo tempo na pandemia essas estruturas se mostraram contínuas e ininterruptas, logo não podemos compactuar com a distração de um ingenuidade que mostra o pós-pandemia como novidade para a escola, quando não existe uma novidade pós-pandêmica e sim uma continuidade de uma escola focada na estrutura tradicional e o Ensino de Geografia voltado para a continuidade do mesmo. Neste sentido, colocamos a questão: por que é importante essa consciência de representação?

Importante, pois isso vai fazer com que nós reflitamos como: aquilo que produzimos na pandemia da COVID-19 enquanto professores? O que o aluno produziu enquanto aluno na pandemia? O que a escola produziu enquanto instituição? Como o Estado organiza essa instituição?

O que podemos perceber é que houve uma quebra de conhecimento no sentido tradicional do que se tinha e nesse sentido o que parecia ser natural, o que se relacionava a um cotidiano e que agora surge um novo cotidiano, onde houve uma quebra de um dogma de conhecimento. As escolas têm diversas representações de pais de alunos, onde a escola está representada pelo conhecimento, contudo um grupo tem na escola como representação da escola com afeto, cuidado e segurança. A visão conservadora da realidade, a partir do modo de produção capitalista, comparecem nas tomadas de decisões dos administradores públicos e também das famílias.

Compreender as ideias, segundo Moreira (1987, p.105 e 106) “que são as nossas ideias que formam o que chamamos de mundo e orientam nossas práticas: ideação.” E “a dissolução crítica se dá a partir da ideia que se materializa”. A representação se forma a partir de uma invenção que surge no intelectual, que se fundamenta na ideia e que por sua vez surge da relação intelectual com a realidade sensível, logo esse real sensível é trazido como construção do intelecto através do conceito. “A representação é o mundo construído da imagem e da fala.”

A representação do sujeito está na relação direta com o espaço e esse permite a visibilidade do conhecimento pela estrutura prática. Representar é vivenciar as próprias condições de vida e a escola mostra-se como instituição que agrega a vivência cotidiana com estruturas não cotidianas, já que o espaço do conhecimento muitas vezes não coincide com a realidade vivida pelos sujeitos.

Desta forma, quando pensamos na escola, para além do intelectual, precisamos falar sobre a realidade que é o campo sensível, ou seja, os sentimentos, o afeto e o compromisso do sujeito com a aprendizagem. Os conceitos representam a realidade e nossas percepções não somente pelo conceito e do intelecto, e da Geografia, contudo não se deve ficar somente nesta perspectiva, no qual o conceito não se torne maior que a pessoa e do que a situação vivenciada pela pessoa, bem como pela condição da escola.

O conceito existe para explicar uma realidade. A realidade precisa ser definida em termos de vivência e de experiência social, pois sem essa condição o conceito não poderá ser compreendido. A relação do cotidiano na formulação do conceito precisa passar por uma continuidade que evidencie a verdade pela realidade, não se pode ter rupturas para entender a realidade; assim, os conceitos conforme Moreira (1987) atravessam o sentido do real e se firmam numa condição de existência. Existir, portanto, é vivenciar a construção de um caminho que possa efetivamente tornar-se científico, ao mesmo tempo que a ciência somente tem seus efeitos com a edificação de valores que possam ser medidos como empiria ou subjetivamente.

Deste modo, a realidade deve ser pensada na escola. A realidade imediata dialeticamente apresentada ao conceito e a categoria. Esse pensamento reflexivo precisa constituir o caminho cotidiano, muitas vezes esse caminho não alcança a elaboração de um sentido prático no processo ensino a aprendizagem e passa a distanciar o aluno da própria compreensão de mundo. O que aconteceu durante a pandemia com mais evidência.

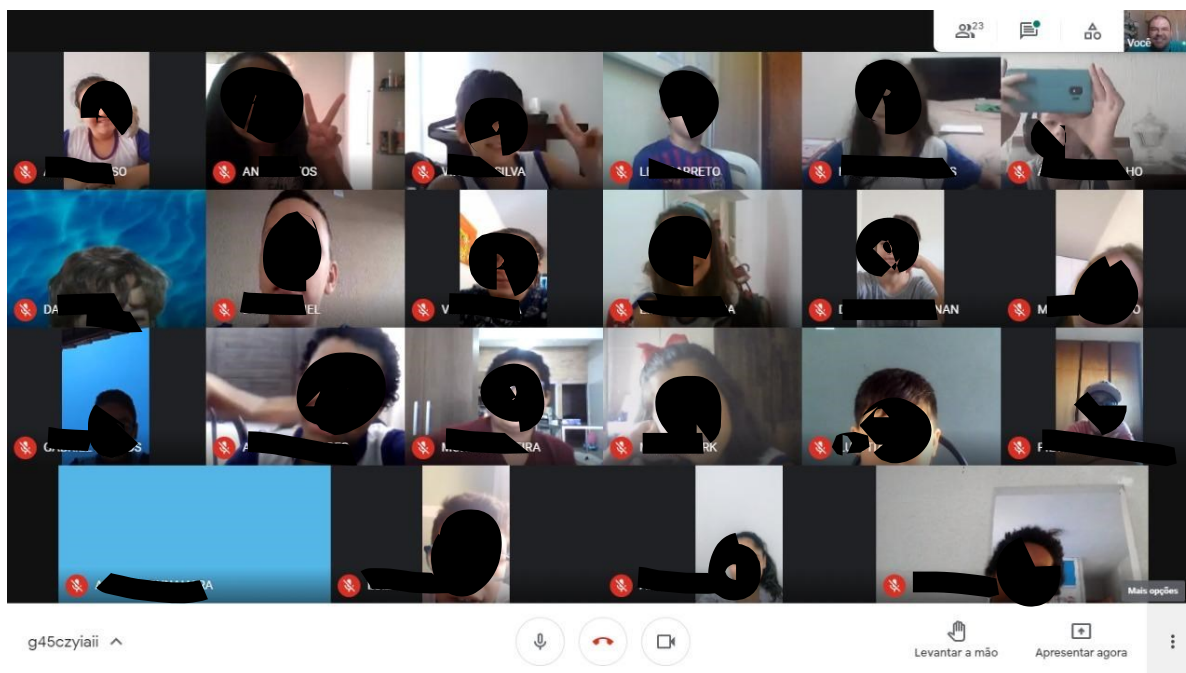
É preciso, portanto, confrontar dois paradigmas: o primeiro ligado ao conhecimento empírico como fundamentação teórica da realidade e o segundo como conhecimento subjetivo que interpreta a realidade. O paradigma escolar precisa ir além e se constituir enquanto caminho dialético da materialidade e da imaterialidade, dessa forma o conhecimento escolar precisa de atenção para que se efetue como conhecimento, logo a relação subjetiva vinculada a realidade imediata e os sentimentos tornam-se caminho prático para a promoção do conhecimento escolar.

A quebra de paradigma é pensar como os sujeitos se sentem? Como está esse sentimento? De que forma esse sentimento está interferindo na realidade? O que esses alunos desejam de fato aprender, em Geografia, no pós pandemia?

A compreensão de mundo pós pandemia depende de uma leitura total do sujeito. Essa leitura total do sujeito precisa trazer o espaço como relações cotidianas, o sentimento como interpretações dessas relações (interpretações de sentimentos e de conteúdo).

2.1. ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR POR MEIO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PET GEOGRAFIA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Figura 28: Alunas e alunos no ambiente virtual.



Fonte: O autor

Em fevereiro de 2020, enquanto pelo mundo afora se anunciavam o fechamento do comércio e das escolas, nós aqui no Brasil recebíamos nossos alunos, para seus primeiros dias de aula. Tudo caminhava dentro da perspectiva da educação que a muito se praticava como as boas-vindas aos estudantes, os pais felizes em depositarem suas crianças no espaço da escola, que lhes acolhe, enquanto trabalham ou não, assim se seguiu.

Não obstante já se ouvia rumores de uma nova doença que avançava contaminando pessoas rapidamente, cujos noticiários de todo o mundo anunciam o surgimento de um novo vírus, a tônica da nova doença estava pautada no crescimento acelerado do número de contaminados e conseqüentemente o número de hospitalizados e mortos em todos os continentes. Infectologistas de vários países do mundo, inclusive a Organização Mundial de Saúde (OMS), apontavam para o distanciamento social, o uso de máscara e o investimento em hábitos de higienização de superfícies, como estratégia que a curto prazo, pudesse desacelerar ou isolar o processo de disseminação da sepa batizada por SARS-COV19, que fracassou.

Assim as aulas escolares presenciais foram suspensas, após os Decretos Estaduais 47.886/2020, publicado em 15 de março de 2020, e 47.891/2020, publicado em 20 de março de 2020, diante do risco de contaminação latente no espaço da escola, devido às condições já pré-existentes, anterior a este período como por exemplo, salas com pouca ou quase nenhuma ventilação, classes superlotadas, quadro de pessoal insuficiente e despreparados para o que se propõe os primeiros protocolos sanitários, a falta de material e adaptação dos espaços para se cumprir as novas normas sanitárias, além de estarmos lidando com um vírus altamente contagioso e ainda, até aquele momento, com pouco conhecimento sobre o mesmo.

Diante dessas questões que retomamos na dissertação, o governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria de Estado de Educação, cria o Regime Especial de Atividade Não Presencial (REANP), e dentro desse regime trouxe o Plano de Estudo Tutorado (PET), por meio da Resolução SEE nº 4310/2020, como material que orientou as atividades escolares da Educação Básica das escolas públicas estaduais, e é nesse contexto que desenvolvemos nossa construção científica para entender as relações entre a pandemia, o Estado, a escola e a situação real do processo de ensino.

Analisando os PETs foi percebido que este material foi organizado de forma rápida, onde inicialmente no PET Volume I e II de 1º ao 5ºanos do ensino fundamental, não comparecem em suas páginas o componente curricular de Geografia, de forma sistematizada, como obrigatórios e também previstos nos documentos LDB, PCNs, BNCC, e Currículo de Referência de Minas Gerais.

Com isso a disciplina Geografia, nesse contexto de 2020 e de acordo com a proposta do REANP, que disponibiliza seu material oficialmente através do seu site oficial de 12 de maio de 2020, só começa a ser trabalhada a partir da décima sexta semana, ou seja, quatro meses depois do início do uso dos PETs no dia 03 de agosto de 2020, como instrumento de orientações para o ensino e também como requisito obrigatório para o cumprimento da carga horária do estudante.

Figura 29: Imagens capas PETs, volume 1 e 2, 2020.



Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

A partir do nosso local de fala, foi percebido que o Ensino de Geografia, mesmo amparado pela BNCC, como disciplina obrigatória nos anos iniciais do ensino fundamental, não comparece entre os conteúdos que não foram ministrados nas primeiras semanas de Ensino Remoto, ou seja o governo, nitidamente, se recusa a discutir a pandemia, do ponto de vista da Geografia, enquanto ciência que tem como característica provocar o estudante por meio da possibilidade de ampliar a visão de mundo por reflexões críticas.


Seguindo o que está previsto no Currículo de Referência de Minas Gerais, e também o Plano de Curso, mesmo que os PETs Volumes I e II, não traziam o conteúdo propriamente de Geografia, foram feitas Atividades Complementares, para compor o ensino oferecido. Na perspectiva do cumprimento do que traz a BNCC, e na perspectiva de não deixar que o aluno ficasse defasado do conhecimento geográfico. Assim, foi trabalhado com a elaboração do material complementar e do livro didático, o qual é direito do aluno, e que, depois de percebido que através desse poderia se ter o que o PET, proposto para iniciar os trabalhos no REANP, não contemplava.

Para além de oferecer o material didático adequado, seria necessário também uma capacitação que de fato desse ao profissional da educação condições para trabalhar com o Ensino Remoto, tal como equipamento para acesso e conexão à internet e também conhecimento quanto às novas didáticas com condições metodológicas para lidar com esse novo normal, que não foi oferecido aos docentes.

O acesso do estudante ao sistema oferecido pelo governo mineiro foi um desafio muito grande, como por exemplo: fazer com que o estudante tivesse acesso a plataforma GOOGLE, a partir de um e-mail institucional. Conectar-se ao Google Sala de Aula para ter acesso às atividades propostas pelo docente, e também devolvê-las realizadas, para que a carga horária, fosse computada. Acessar aulas online, oferecida voluntariamente por alguns professores, via GOOGLE MEET, na tentativa de diminuir a distância do real e virtual, ou seja, fazer com que o estudante se tornasse parte do que estava sendo ensinado para que assim pudesse construir seu próprio conhecimento e visão de mundo. E para além dessas ferramentas, a família precisava participar de um GRUPO DE WHATSAPP, na tentativa de se inteirar diariamente das postagens que a escola e professores faziam, na tentativa da construção de um conhecimento que até então estava na escola física e passou a ser constituído de forma digital e a distância.

Iniciamos o PET Volume 3, onde pudemos perceber a presença do componente curricular de Geografia, já no segundo semestre de 2020, no dia 03 de agosto 2020, após dezesseis semanas de trabalho remoto, contudo de forma estanque e com temas isolados e atividades descontextualizadas.

Figura 30: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020.

	<p>GEOGRAFIA pág. 43</p> <p>Semana 1: Dinâmica populacional pág. 43</p> <p>Semana 2: Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais pág. 46</p> <p>Semana 3: Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais pág. 50</p> <p>Semana 4: Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais pág. 54</p>
---	---

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Já na perspectiva do Ensino de Geografia, o PET volume 3, dentro de uma abordagem bastante simplificada e engessada, traz o tema: Dinâmica Populacional e no próprio material se inicia com uma mensagem aos familiares e também aos estudantes juntamente com textos rápidos, e resumidos. Traz também recortes de textos e imagens na tentativa de subsidiar as atividades propostas.

Como por exemplo na semana 1:

Figura 31: Atividades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020, p. 44-45.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

PLANO DE ESTUDO TUTORADO

COMPONENTE CURRICULAR: **GEOGRAFIA**
 ANO DE ESCOLARIDADE: **5º ANO EF**
 NOME DA ESCOLA: _____
 ESTUDANTE: _____
 TURMA: _____

TURNO: _____
 TOTAL DE SEMANAS: **4**
 NÚMERO DE AULAS POR MÊS: **12**

ATIVIDADES


1— Leia o texto abaixo.

Vatapá, feijoada, cocada, **acarajé**, são algumas comidas que têm influência africana e que estão no cardápio dos brasileiros. E como não falar da famosa **feijoada**, que era feita pelos africanos escravizados. Com feijão preto e as sobras de carnes que os senhores dos engenhos dispensavam. **Moqueca**, caruru, paçoca, tapioca, **beiju**, mingau são apenas algumas das receitas mais conhecidas da nossa culinária que têm influência indígena. Os europeus também deixaram sua marca na nossa culinária. Com os italianos, aprendemos a gostar de **espaguete**, lasanha e **polenta**. Já os portugueses, não resistem a um bom prato de bacalhau regado com muito **azeite**. Por isso, a bacalhoadada tornou-se um dos pratos muito apreciados na nossa culinária.

Agora, encontre no caça palavras abaixo as palavras destacadas no texto que você leu:

B	E	U	J	I	M	O	O	O	U	C
E	O	M	O	O	U	E	C	A	Z	E
I	L	U	M	N	A	C	R	J	E	A
J	F	J	O	A	M	S	C	R	I	Z
U	F	E	S	P	A	Q	U	E	T	E
X	N	A	T	C	Z	T	Y	U	G	I
T	E	C	V	A	T	A	P	A	L	T
A	C	A	R	A	J	E	G	H	S	E
J	F	E	I	J	O	A	D	A	V	F
O	P	O	L	E	N	T	A	M	A	S


2— Observe o desenho abaixo:




Fonte: REANP/PET, 2020. Adaptado de: <https://www.illustrationsbyfreya.com/>. Acesso em: 02 de jul. de 2020.

O que as pessoas da imagem acima têm em comum? E de diferente? Esta figura representa os diferentes tipos étnicos que compõem a nossa população. Cite algumas características que você observou nas pessoas desenhadas:

44



45



Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Depois da leitura do texto sobre a alimentação conhecida como de origem afro-brasileira e também de diversas outras culturas, se observa um caça-palavras que vai tentar reforçar o que foi lido e posteriormente é proposto, uma análise da imagem de um mapa do território brasileiro, se o estudante tivesse o material impresso e colorido, ou acessado com recurso de um equipamento eletrônico, perceberia que o mapa foi preenchido com diversos personagens que lembram a pluralidade da formação da população, contudo a análise dos cabelos e cor do desenho, seria o que mais marcou na imagem. E assim o estudante teria que perceber os principais povos que deram origem ao povo brasileiro. Nesse sentido, analisamos que houve uma quebra de organização, onde a atividade começa falando de comida, reforça com caça palavras, contudo termina analisando penteados de cabelos e cor da pele. Não existe uma sequência didática. Ou seja, dentro das habilidades propostas no material:


“(EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.”.

Não é cumprido, na atividade realizada. Outra questão que precisa ser visualizada, é que a carga horária 3 horas/aula por semana, estaria exageradamente acima, do que o necessário para que a mesma pudesse ser realizada, mesmo considerando que o estudante assistisse algum vídeo proposto pelo professor. Ou seja, a carga horária computada, não representa o tempo real que o estudante levaria para cumprir a atividade semanal.

Diante dessa observação do material que serviria para ser ensinado em uma semana de estudos, deparamos com a afirmação que não houve Ensino de Geografia por parte do Estado, e a escola que se apresenta, mesmo que precária, o grande esforço para que ela existisse no cenário pandêmico é mérito dos professores e professoras que tiveram que se reinventar, e ir além do que foi oferecido pelo governo.

Além dessa questão, o mapa não trouxe uma condição de reflexão sobre o papel de cada sujeito em diferentes regiões do território brasileiro, pelo contrário trouxe estereótipos, com os quais, se não bem trabalhados, podem reforçar uma construção negativa regional e promover ou prejudicar ou mesmo violências raciais.

Figura 32: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020.

	GEOGRAFIA	pág. 41
	Semana 1: Mudanças na produção e no trabalho	pág. 41
	Semana 2: Mudanças na agropecuária	pág. 46
	Semana 3: Agricultura e cuidados com o meio ambiente	pág. 49
	Semana 4: Do campo para a cidade e da cidade para o campo	pág. 52

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Na perspectiva do Ensino de Geografia, o PET volume 4, semana 2 o tema apresentado é Mudanças na agropecuária. E as atividades se iniciam a partir da leitura do texto, seguidas de atividades de reforço ao texto com perguntas e cópia de trechos lidos.

Figura 33: Atividades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020, p. 47-48.

ATIVIDADES

TEMA: MUDANÇAS NA AGROPECUÁRIA

Nas últimas décadas houve mudanças na produção agropecuária (agricultura e pecuária) do Brasil e de diversos países, como:

- Utilização de máquinas agrícolas no lugar da mão de obra braçal, para aumentar a produção;
- Trabalho de profissionais especializados: engenheiros agrônomos, veterinários, biólogos, entre outros;

Foram criados diversos instrumentos e máquinas, produzidos com técnica e tecnologia mais modernas, para que o campo produzisse mais, melhor e em menos tempo. Essas mudanças provocaram alterações também no trabalho e na paisagem do campo. Para melhorar a produção, foram criados insumos agrícolas à base de produtos químicos. Para combater pragas, como insetos e plantas que pudessem prejudicar o desenvolvimento das plantações, foram criados os agrotóxicos. E, com a utilização de aviões, a aplicação de insumos ou de agrotóxicos ficou muito mais rápida. O desenvolvimento tecnológico permitiu que fossem criadas máquinas para o plantio e a colheita de diversos produtos agrícolas. As diferentes máquinas podem realizar várias atividades: preparar o solo, plantar, colher e até enfiar os bens produzidos. Esse tipo de produção agrícola é chamado **agricultura mecanizada**.



Trabalho tradicional utilizando um arado e a força de cavalos para tratar a terra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arado>. Acesso em: 15 jul. 2020.



Colheita mecanizada de milho. Disponível em: <https://www.grupocofivar.com.br/arquivos/heita-de-4744-ma-cantada>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Assim como o aconteceu com a agricultura, foram criadas novas técnicas e tecnologias na pecuária. As novas tecnologias são importantes para que os animais tenham cuidados especiais durante o crescimento e ocorra o aumento da produção.

47



foram criadas rações, ou seja, uma combinação de ingredientes específicos para cada tipo de animal que vai consumi-la, além de vermífugos e vacinas para a prevenção de doenças. Muitas fazendas instalaram máquinas que auxiliam na criação dos animais e na extração de outros alimentos, como leite e ovos.

- 1 – Você conhecia as novas profissões do campo? Quando você crescer, pretende atuar em alguma dessas profissões? Qual?
- 2 – Quais são as vantagens do uso de novas técnicas e tecnologias no campo? Existem desvantagens? Quais?
- 3 – Observe as fotografias:

Fotografia 1



Disponível em: <https://www.101de.com.br/2020/02/01/prodcao-de-leite>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Fotografia 2



Disponível em: <https://www.101de.com.br/2020/02/01/prodcao-de-leite>. Acesso em: 15 jul. 2020.

- a) Identifique qual das imagens se refere ao modo de obtenção tradicional de leite e qual retrata a obtenção mecanizada.
- b) Cite uma diferença entre esses dois modos de produção que você acha mais importante.


48



O texto proposto não fornece subsídios que pudesse trazer a compreensão do que seria agropecuária. O texto se esvazia do conceito que compõem essa palavra, de acordo com a Língua Portuguesa, é composta de dois radicais de origem latina agro mais pecuária, e assim teria que ser melhor explicada aos estudantes, para além do vocabulário que não é contextualizado com por exemplo: insumos agrícolas, agrotóxicos, vermífugos, desenvolvimento tecnológico, etc. Para além da compreensão do que está escrito, na fase em que se encontram os estudantes, ciclo complementar do ensino fundamental, moradores da cidade, falar do campo é algo muito distante, desconectado, e sem os recursos que pudessem dar ao estudante a possibilidade de explorar os sentidos, e também a experiência e a vivência, o discente dificilmente fará conexões entre o que está sendo ensinado com a sua realidade.

De acordo com as habilidades propostas na atividade, (EF05GE05). Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços. Como seria trazer a compreensão dessas atividades do trabalho no campo, somente com o texto e as imagens apresentadas? Nessas condições, o Ensino de Geografia acontece de forma precária, ou quase não existiu.

Figura 34: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 5, 2020.

	GEOGRAFIA	pág. 48
	Semana 1: As cidades são diferentes	pág. 48
	Semana 2: Os problemas das grandes cidades brasileiras	pág. 53
	Semana 3: O transporte e a comunicação na rede urbana	pág. 56
	Semana 4: Fontes de energia - usos e produção	pág. 60

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Nesta análise do PET 5º ano, Volume 5, 2020, algo aqui nos chama a atenção quanto a organização do conteúdo em semanas, e as semanas 1, 2 e 3, não se relacionam, em suas abordagens com a semana 4. Nesse sentido o Ensino de Geografia, não se organiza de forma a relacionar as sequências didáticas aos conteúdos que se irá ensinar, (ou seja, a forma que o conteúdo é organizado didaticamente tendo como sentido a continuidade de temas, questões e problemas sem subtrair a atenção científica e pedagógica tornando o conteúdo necessariamente como sequência e

consequência do outro) e com isso o estudante não constrói um raciocínio lógico entre os assuntos, algo muito prejudicial no processo ensino e aprendizagem e assim, há um distanciamento da relação cotidiana, científica e pedagógica, com as vivências dos alunos.

Quando falamos na fundamentação do processo de ensino aprendizagem, o conteúdo é fundamental na organização da sistematização da sequência didática, ou seja, ela deve estar relacionada a uma sequência de conteúdos. E quando a BNCC traz uma preocupação de alfabetização, poderia falar de “qualquer coisa”. Não tem uma construção metodológica de responsabilidade docente. Ou seja, nessa perspectiva o docente é colocado a parte desse processo, pode falar dessa habilidade relacionada a qualquer coisa, por não importar o que ele instigue ou o que ele pense, coloca o docente a parte desse processo. Explicita o caráter autoritário de um Estado que se impõe sobre o papel do professor e da professora. Os PETs poderiam ser organizados localmente, e isso não acontece. O governo não permite que esse material seja construído a partir do local dos sujeitos, a partir das vivências e dos interesses do cotidiano dos alunos e alunas.

Figura 35: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020.

	GEOGRAFIA	pág 49
	Semana 1: O crescimento das cidades	pág 49
	Semana 2: Regiões Metropolitanas.....	pág 54
	Semana 3: Localização de Minas Gerais nas Grandes Regiões Brasileiras.....	pág 58
	Semana 4: Minas Gerais - Mesorregiões e Microrregiões.....	pág 63

REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Na perspectiva do Ensino de Geografia, o PET volume 6, semana 1 o tema apresentado é “O crescimento das cidades”. Nossa análise vai de encontro de como seria a perspectiva espacial feita pelo aluno, considerando que ele se encontra em isolamento social, e que seu mundo real se reduz ao ambiente doméstico e aos poucos lugares que podem ser frequentados, ainda que de forma restrita e de extrema necessidade, pois em novembro de 2020, o número de infectados e também de óbitos começa a subir caracterizando ao que foi chamado de segunda onda.

Figura 36: Crescimento das cidades. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020, p. 50-51.

ATIVIDADES

TEMA: O CRESCIMENTO DAS CIDADES

Muitas pessoas deixaram o campo e migraram para as cidades brasileiras, principalmente, em busca de **oportunidades de trabalho**, nas indústrias, na construção de casas, prédios, pontes, avenidas, no comércio, entre outros.

Com o aumento da população, cresceu o número de lojas, mercados, bancos, escolas, hospitais, outros tipos de comércio e serviços públicos e privados. Também surgiram **novas vilas e bairros**, em áreas cada vez mais afastadas do centro das cidades, ou seja, nas áreas chamadas de **periferia**.

REDE URBANA

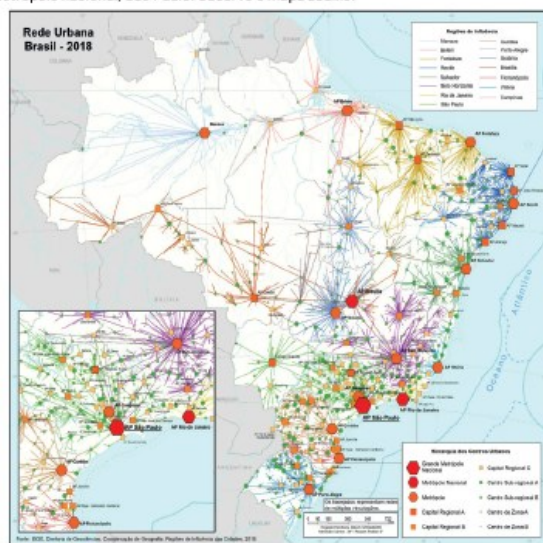


As pessoas que moram em Betim (à esquerda) se deslocam para a capital, Belo Horizonte (à direita), em busca de atividades diversas, como atendimento médico-hospitalar, compras, estudos e, também, para trabalhar.
 Fotografia de Betim, MG. Disponível em: <https://alertaconcursos.com.br/betim-mg>. Acesso em: 13 set. 2020.
 Fotografia de Belo Horizonte, MG, disponível em: <https://insectashoes.com/um-dia-no-centro-de-belo-horizonte>. Acesso em: 13 set. 2020.

No Brasil existem 5.570 municípios/cidades que fazem parte de uma ampla **rede urbana**.

Rede urbana é o conjunto de cidades ligadas por redes de transportes (rodovias, aeroportos, portos, etc.) e de comunicações (telefonia, internet, televisão, rádio, etc.). Esta ligação possibilita trocas de mercadorias, informações e também o deslocamento de pessoas para trabalhar, estudar, buscar atendimento médico-hospitalar etc.

Na rede urbana brasileira existem **cidades** que se destacam por **concentrar atividades econômicas e de serviços**, além do grande número de habitantes. Uma rede urbana é composta de um conjunto de centros urbanos que se articulam entre si por meio de fluxos de pessoas, mercadorias, informações e recursos financeiros. A importância das cidades faz com que exista uma hierarquia entre elas, cujo topo é ocupado pela grande metrópole nacional, São Paulo. Observe o mapa abaixo.




Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil. Disponível em: https://biblioteca-ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728_julider-poli. Acesso em: 13 set. 2020.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Como se relacionar o Ensino de Geografia à visão de mundo, se no próprio material didático, se é omitida a realidade como estratégia para discussão e compreensão do mundo. Para além do material dos PETs, as mídias como televisão, rádios, e também redes sociais, trazem a todo instante, algo que não se relaciona com o que é apresentado no urbano das grandes cidades, o desemprego, a desaceleração da economia, o que mudou na vida das pessoas no ano de 2020, e ainda a acentuação das distâncias e diferenças econômicas sociais, pré-existentes, antes ao ano 2019.

Figura 37: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 7, 2020.

	GEOGRAFIA	pág 45
	Semana 1: O que é a cidade?	pág 45
	Semana 2: As cidades têm história	pág 48
	Semana 3: A cidade cresce e se moderniza	pág 51
	Semana 4: Cidade de origem planejada	pág 54


Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Figura 38: INTERDISCIPLINAR. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 300 anos de Minas, 2020

	<p>SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS</p>
	<p>PLANO DE ESTUDO TUTORADO</p> <p>COMPONENTE CURRICULAR: INTERDISCIPLINAR ANO DE ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS NOME DA ESCOLA: ESTUDANTE: TURMA: TURNO: CARGA HORÁRIA: 100 horas</p> <p>COMPETÊNCIAS GERAIS DO CRMG DESENVOLVIDAS: Conhecimento – Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Repertório Cultural – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Figura 39: Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume PET Final Avaliativo, 2020.



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

PLANO DE ESTUDO TUTORADO

COMPONENTE CURRICULAR: **GEOGRAFIA**
 ANO DE ESCOLARIDADE: **5º ANO - EF**
 NOME DA ESCOLA: _____
 ESTUDANTE: _____
 TURMA: _____
 NÚMERO DE AULAS POR SEMANA: _____

TURNO: _____
 TOTAL DE SEMANAS: _____
 NÚMERO DE AULAS POR MÊS: _____

SEMANA DE 1 A 4

UNIDADE(S) TEMÁTICA(S):
 O sujeito e seu lugar no mundo. Mundo do trabalho. Conexões e escalas. Formas de representação e pensamento espacial.

OBJETO(S) DE CONHECIMENTO:
 Diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais. Trabalho e inovação tecnológica. Território, redes e urbanização. Representação das cidades e do espaço urbano. Representações cartográficas.

HABILIDADE(S):
 EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios, regiões e municípios.
 (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
 (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.
 (EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo em diferentes lugares do mundo.
 (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
 (EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira.
 (EF45GE14MG) Representar o espaço geográfico de Minas Gerais, por meio de desenhos, mapas mentais, maquetes, entre outros.


CONTEÚDOS RELACIONADOS:
 Leitura, interpretação de representações cartográficas. O Trabalho no município (espaço rural – campo e espaço urbano – cidade); As interações entre os trabalhadores do campo e da cidade; As modificações sofridas no trabalho, no campo e na cidade; Problemas ambientais relacionados às diferentes formas de trabalho no campo e na cidade; Os problemas ambientais gerados pelo desenvolvimento/crescimento das cidades/municípios; As conexões entre o campo e a cidade. Municípios mineiros e suas regiões. Interdependência entre os municípios mineiros.

24

MINAS GERAIS

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Figura 40: Sumário. Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2021.



GEOGRAFIA	pág. 46
Semana 1: Organização Político-administrativa do Município ...	pág. 46
Semana 2: Paisagem Natural e Paisagem Humanizada	pág. 50
Semana 3: Atividades econômicas: extrativismo	pág. 53
Semana 4: Agricultura, pecuária e agropecuária.....	pág. 58

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2021/ens-fund-anos-iniciais>

Na perspectiva do Ensino de Geografia, o PET volume 1, semana 1 e 2, já no ano de 2021, o tema apresentado é Organização Político-administrativa do Município e com ele percebemos algumas mudanças mesmo que as abordagens ainda bastante simplificada e engessada, se inicia com uma mensagem aos familiares e também aos estudantes juntamente com textos e vídeos de apoio. É percebido que houve melhoras na forma da escrita, e tem uma preocupação maior com a sequência didática, que traz um referencial teórico mais amplo para o aluno. Melhorou substancialmente. Os textos trazem exemplos mais didáticos e com perguntas de reforço, e ainda com questões de reflexão sobre o texto.

Mesmo com essas mudanças, se percebe uma sequência didática equivocada, ou seja, que o conteúdo seja abordado sem perder contato com o referencial teórico, mas sempre pensando a partir realidade do estudante e dialogando com mundo do discente, quando analisamos de uma semana para outra como por exemplo: se inicia falando da organização política da cidade e já na segunda semana aparece uma preocupação paisagística. Nesse sentido entendemos que o tempo dedicado para trabalhar este conteúdo, é muito pequeno para a consolidação do conteúdo, e o que foi trabalhado não atende as necessidades dos alunos.

Diferente do que foi vivenciado no REANP em 2020, agora em 2021, os PETs terão que dar conta da 60% da carga horária, e o restante, os 40% deverá ser complementado com atividades complementares elaboradas pelo professor, e que a organização das atividades diárias do estudante precisa ocupar o tempo que se ocuparia no ensino presencial. Ou seja, a carga horária passa ser vista com outros olhos, mesmo que a entrega dos PETs, feitos, ainda garantiria a computação da carga horária mínima do aluno, passivo de aprovação, sem que tenha cumprido as atividades complementares.

E mesmo assim o professor tem um protagonismo muito importante nesse contexto por complementar o PETs e ainda tentar trazer uma maior aproximação da realidade do aluno, ao conteúdo proposto nos planos e também no currículo. O vivenciado na prática perpassa pelo querer fazer do professor, pois mesmo, ainda sem os subsídios necessários para que o Ensino de Geografia aconteça, ela vai além de suas possibilidades, se desdobrando dentro das suas limitações, com muito esforço, para que a educação aconteça.

O que é trazido a realidade é o não planejamento do Governo do Estado de Minas Gerais, pois naquele momento, já se passara quase um ano de pandemia, e ainda o professorado e nem a comunidade escolar, não receberam aquilo que seria o mínimo necessário para que o

ensino remoto acontecesse: equipamentos compatíveis para conexões às aulas online, que mesmo não sendo obrigatórias para o professor, foi o diferencial para muitas escolas, acesso à internet de boa qualidade, o treinamento e também a capacitação para ministrar aulas online, entre outros recursos que se tornaram essenciais para que a escola existisse, no ambiente virtual.

No ano de 2021 os desafios da conexão do e-mail institucional, não comparece da mesma forma do que no início do REANP em 2020, contudo as ferramentas de apoio que o governo disponibilizou não atendeu ao que se necessitava, como por exemplo nas aulas na TV aberta, não foi visto, o aplicativo CONEXÃO ESCOLA 2.0, não cumpre seu papel, na perspectiva de se viabilizar o acesso do estudante ao professor, para que pudesse tirar dúvidas.

Desta maneira, organizamos os quadros para que as questões apresentadas até aqui ficassem mais nítidas, pois os quadros nos dão uma dimensão real dos conteúdos, habilidades e competências que foram desenvolvidas nos PETs do Estado de Minas Gerais especificamente na disciplina de Geografia do 5º ano do ensino fundamental.

Tabela 1: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME I 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
1ª Semana 1	Não compareceu. Interdisciplinar Matemática - polígonos e não polígonos.
2ª Semana 2	Não compareceu. Interdisciplinar Matemática - reconhecimento do triângulo como um polígono de 3 lados; tipos de triângulos.
3ª Semana 3	Não compareceu. Interdisciplinar Português - morfologia Interdisciplinar Matemática - Poliedros e corpos redondos
4ª Semana 4	Não compareceu. Interdisciplinar Português - estratégia de leitura. Interdisciplinar Matemática - ampliar e reduzir figuras em malha quadriculada

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 2: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 2, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 2 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
5ª Semana 1	Não compareceu.
6ª Semana 2	Não compareceu.
7ª Semana 3	Não compareceu.
8ª Semana 4	Não compareceu.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 3: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 3 5º ANO DO FUNDAMENTAL I - 2020 03-08-2020 a 28-08-2020	
9ª Semana 1 03-08-2020 a 28-08-2020	Dinâmica Populacional (EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.
10ª Semana 2	Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais (EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira. (EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios, regiões e municípios.
11ª Semana 3	Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais (EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira. (EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios, regiões e municípios.
12ª Semana 4	Diferenças étnico-raciais e étnicas-culturais e desigualdades sociais

	<p>(EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira.</p> <p>(EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios, regiões e municípios.</p>
--	--

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 4: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 4 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
13ª Semana 1	Mudanças na produção e no trabalho (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.
14ª Semana 2	Mudanças na agropecuária. (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.
15ª Semana 3	Agricultura e cuidados com o meio ambiente (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.
16ª Semana 4	Do campo para a cidade e da cidade para o campo (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 5: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 5, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 5 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
17ª Semana 1	As cidades são diferentes (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
18ª Semana 2	Os problemas das grandes cidades brasileiras (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
19ª Semana 3	O transporte e a comunicação na rede urbana (EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo, em diferentes lugares do mundo.
20ª Semana 4	Fontes de energia – usos e produção (EF05GE07X) Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações, reconhecendo as fontes renováveis e alternativas de energia e sua importância para o ambiente.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 6: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 6, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 6 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
20ª Semana 1	O crescimento das cidades. (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
21ª Semana 2	Regiões Metropolitanas. (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
22ª Semana 3	Localização de Minas Gerais nas Grandes Regiões Brasileiras. (EF45GE14MG) Representar o espaço geográfico de Minas Gerais, por

	meio de desenhos, mapas mentais, maquetes, entre outros.
23ª Semana 4	Minas Gerais – Mesorregiões e Microrregiões. (EF45GE14MG) Representar o espaço geográfico de Minas Gerais, por meio de desenhos, mapas mentais, maquetes, entre outros.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 7: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 7, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 7 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
24ª Semana 1	O que é a cidade? (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
25ª Semana 2	As cidades têm história. (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
26ª Semana 3	A cidade cresce e se moderniza. (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
27ª Semana 4	Cidade de origem planejada. (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 8: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 8, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 8, COMEMORATIVO AOS 300 ANOS DE MINAS GERAIS 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
<p>CARGA HORÁRIA 100 HORAS Trabalho foi feito paralelamente ao PET VII e PET Avaliativo</p>	<p>COMPETÊNCIAS GERAIS DO CRMG DESENVOLVIDAS: Conhecimento — Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Repertório Cultural — Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 9: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume Avaliativo Final, 2020.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 9 AVALIATIVO FINAL 5º ANO DO FUNDAMENTAL I – 2020	
<p>28ª Semana 1 29ª Semana 2 30ª Semana 3 31ª Semana 4</p>	<p>Leitura, interpretação de representações cartográficas. O Trabalho no município (espaço rural — campo e espaço urbano — cidade); As interações entre os trabalhadores do campo e da cidade; As modificações sofridas no trabalho, no campo e na cidade; Problemas ambientais relacionados às diferentes formas de trabalho no campo e na cidade; Os problemas ambientais gerados pelo desenvolvimento/crescimento das cidades/municípios; As conexões entre o campo e a cidade. Municípios mineiros e suas regiões. Interdependência entre os municípios mineiros. (EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios, regiões e municípios. (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento. (EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio</p>

	<p>e nos serviços.</p> <p>(EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo em diferentes lugares do mundo.</p> <p>(EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.</p> <p>(EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira.</p> <p>(EF45GE14MG) Representar o espaço geográfico de Minas Gerais, por meio de desenhos, mapas mentais, maquetes, entre outros.</p>
--	---

Fonte: REANP/PET, 2020. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>

Tabela 10: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 1, 2021.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 1 5º ANO DO FUNDAMENTAL I - 08-03-2021 a 07-05-2021 Referente 60% carga horária, mais 40% atividades complementares	
Semana 1	Organização Político-administrativa do Município (EF04GE03) Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais. (EF04GE10X) Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores finalidades, diferenças e semelhanças, permitindo o desenvolvimento do raciocínio espacial.
Semana 2	Paisagem Natural e Paisagem Humanizada (EF04GE11X) Identificar as características das paisagens naturais (relevo, cobertura vegetal, rios, etc.) e antrópicas no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.
Semana 3	Atividades econômicas: extrativismo. (EF04GE08X) Identificar, descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos, provenientes das atividades econômicas (agropecuária, extrativismo, indústria, comércio e serviços) em Minas Gerais e no Brasil.
Semana 4	Agricultura, pecuária e agropecuária. (EF04GE08X) Identificar, descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos, provenientes das atividades econômicas (agropecuária, extrativismo, indústria, comércio e serviços) em Minas Gerais e no Brasil.

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Tabela 11: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 2, 2021.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 2 5º ANO DO FUNDAMENTAL I - 10-05-2021 a 16-07-2021 <u>Referente 60% carga horária, mais 40% atividades complementares</u>	
Semana 1	Dinâmica da população brasileira. (EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.
Semana 2	A dinâmica da população do Estado de Minas Gerais. (EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.
Semana 3	Diversidade social e cultural em Minas Gerais. (EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira.
Semana 4	Minas Gerais: Diversidade Sociocultural. (EF45GE13MG) Compreender e relacionar as diversidades locais e regionais existentes no Estado de Minas Gerais com a diversidade sociocultural brasileira.
Semana 5	Diferentes cidades, diferentes funções. (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
Semana 6	Problemas ambientais e o desenvolvimento das cidades. (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Tabela 12: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 3, 2021.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 3 5º ANO DO FUNDAMENTAL I - 03-08-2021 a 08-10-2021 Referente 60% carga horária, mais 40% atividades complementares	
Semana 1	As interações entre o campo e a cidade. (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
Semana 2	Conexões entre o campo e a cidade. (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
Semana 3	Municípios mineiros. (EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
Semana 4	O papel das redes de transportes e comunicação para a integração entre cidade e o campo. (EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo, em diferentes lugares do mundo.
Semana 5	Evolução dos meios de transporte e comunicação. (EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo, em diferentes lugares do mundo.
Semana 6	As necessidades da população. (EF05GE06X) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação, ao longo do tempo, em diferentes lugares do mundo.

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Tabela 13: Distribuição Componente Curricular de Geografia no Plano de estudo tutorado. 5º Ano. Volume 4, 2021.

CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PET VOLUME 4 5º ANO DO FUNDAMENTAL I - 18-10-2021 a 17-12-2021 <u>Referente 60% carga horária, mais 40% atividades complementares</u>	
Semana 1	Poluição da água. (EF05GE10) Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.), fazendo um paralelo com a realidade vivenciada.
Semana 2	Problemas ambientais urbanos. (EF05GE10) Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.), fazendo um paralelo com a realidade vivenciada.
Semana 3	Ações para mitigar os problemas ambientais dos municípios campo/cidade. (EF05GE10) Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.), fazendo um paralelo com a realidade vivenciada.
Semana 4	Diferentes tipos de poluição. (EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.
Semana 5	Ações para reduzir a poluição do meio ambiente. (EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.
Semana 6	Problemas ambientais em representação cartográfica. (EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Diante desses quadros conseguimos compreender que existem conteúdos que não estão relacionados ao cotidiano desses alunos e alunas e que existe uma ausência de discussões

e formações importantes quanto a COVID-19.

Assim, o próximo capítulo tem grande relevância para compreender o cotidiano escolar a partir dos conteúdos e das vivências de alunos e alunas do 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual na qual somos docentes na cidade de Uberlândia.

CAPÍTULO – 3

ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

O presente capítulo tem como objetivo dialogar com a pesquisa direta com alunas, alunos e família e compreender a pandemia que não foi muito bem-organizada pelo Estado, e não sendo organizada, trouxe o caos. Assim trabalharemos com as questões que evidenciam a negligência no processo de aprendizagem por parte do governo, as ausências no processo de aprendizagem por parte da família. Evidenciaremos, deste modo, as dificuldades e os desafios da profissão docente e a percepção que as pessoas tiveram, que ensinar não é tão simples assim: a importância da escola na sua totalidade.

Na perspectiva da construção da dissertação percebemos a espacialização da pesquisa de campo através da construção de mapas e tabelas, a partir dos dados coletados em questionários.

As decisões tomadas sempre refletiram no futuro da educação de uma nação. E o professor é um protagonista ativo deste processo, mesmo não sendo aquele que participa dos processos geradores da legislação, nem tão pouco é o principal tomador dos benefícios do seu trabalho.

A BNCC reformulada quer obrigar e engessar o que será ensinado, se o professor optar por cumprir integralmente a BNCC, ele incorrerá em transformar suas aulas conteudistas e que poderão não levar o estudante ao aprendizado, uma vez que existe um descompasso entre a obrigatoriedade da legislação e a realidade na qual os estudantes terão que lidar com provas e concursos que testarão seu processo de aprendizado a partir do conteúdo. Desta maneira, precisa decidir se o tempo da aprendizagem do estudante deve ser o objetivo da direção dele, bem como o compromisso da escola com esse processo, já a BNCC aponta um afastamento da realidade que envolve o aluno e dinamiza um sentido curricular que tem grande volume de conteúdo que é o que está proposto nessa legislação, assim, teremos que refletir sobre a possibilidade de ser avaliados externamente onde o estudante não tenha visto o que será abordado nas avaliações pelo volume de conteúdo e pela realidade escolar de cada um.

O que se observa, é que de fato, o resultado alcançado tenta culpabilizar alguém dessa contradição imposta. E se o professor opta por fazer aquilo que o governo propõe integralmente, não cumprirá na perspectiva da possibilidade de formar cidadão crítico, formador de opinião, e assim reforçará o alicerce de uma sociedade estruturalmente excludente, que pauta suas relações sob o interesse da produção e do capital.

A análise da dissertação, se justifica pelo fato de abarcar a temática educação formal e situação de pobreza, muito recorrente no território brasileiro. Nesse sentido Yannoulas (2012, p.332) traz uma análise de dados a partir do debruçar sobre artigos, dissertações e teses, se pautando em palavras chaves, sumários e leitura integral de trabalhos que arremetem a temática educação e pobreza e constatou-se que se trata de uma temática muito pouco discutida, considerando a recorrência e a realidade dos índices de aproveitamento de aprovação dos estudantes desprovidos dos aparatos necessários para o acesso, permanência e progressão na vida escolar, que em 2012 já era bastante preocupante por sua recorrência e pelos desdobramentos através dos dados apresentados no texto.

Ainda analisando Yannoulas (2012, p. 332) traz as informações de que em dez anos, ou seja, do ano de 1999 a 2009, foram produzidos apenas 69 trabalhos que discutem a temática educação e pobreza, entre estas publicações temos artigos que são oriundos das teses e dissertações que posteriormente foram concluídos. Com isso há de se constatar que o número de trabalhos é menor ainda, considerando que alguns artigos computados, estavam dentro dos trabalhos completos publicados em datas posteriores aos artigos.

Vivemos num país com elevados índices de diferenças sociais e econômicas, marcado, sobretudo, pela concentração de renda, existe, portanto, uma identificação epistemológica que organiza a própria educação, isto é, a educação brasileira é pensada a partir de um modelo ideal e não da própria realidade. A realidade que vivemos cotidianamente em todas as escolas públicas está marcada pela diferença socioeconômica e pelo distanciamento de um ritmo de vida e de consumo que garanta sempre a qualidade de vida.

A questão educação e pobreza é importante por entendermos se as condições materiais afetam o cotidiano das crianças na escola, visto que existem escolas públicas periféricas com índices elevados de pobreza e outras escolas públicas com índices menores, mesmo assim, de forma geral, a pobreza é uma realidade diária em todas as escolas públicas do Brasil.

A relação entre educação e pobreza deveria ser pensada como uma condição crítica para entender o desempenho, o fracasso ou o sucesso escolar, pois a pobreza, enquanto condição material que não permite o avanço no processo de ensino e aprendizagem tem relevância notória nesse processo. Ser pobre numa escola pública brasileira implica em ter determinações materiais que impedem o pleno gozo do conhecimento, bem como a insatisfação da própria condição da aprendizagem.

A metodologia da pesquisa se deu através das vivências experiências e os diálogos entre professores e professoras da rede pública de ensino de Uberlândia trazemos algumas informações para ampliar nosso olhar com relação as escolas centrais e o centro, e suas

características no modo de abarcar as matrículas dos estudantes.

Esse capítulo é importante porque ele constitui uma possibilidade direta de pensar a educação a partir dessa com a pobreza, pois nesse caso específico, onde pudemos perceber através dos questionários aplicados, a pobreza está vinculada a baixa adesão tecnológica e baixa adesão de dados móveis, bem como da internet nas casas.

Na análise da realidade do campo de estudo, percebeu-se uma escola de exceção, pois identificamos pouco este problema, pois esta escola de exceção em relação aos impactos sofridos durante a pandemia da COVID-19, 2020/2021, ao contrário de escolas que se localizam em locais periféricos das cidades, e em regiões mais longínquas como por exemplo as que estão localizadas na região centro-sul do Brasil. Com isso a pandemia passa a ser uma categoria de análise dessa relação de educação e pobreza.

O objetivo desse capítulo, portanto, é compreender como as questões cotidianas na escola que foi representada virtualmente teve consequências também para a realidade atual, isto é, a escola como locus do conhecimento passou a ter uma nova organização curricular adaptada para o momento de pandemia conforme trabalhamos no capítulo anterior. Desta forma, o presente capítulo buscou compreender pós-ano escolar pandêmico junto aos pais e responsáveis as motivações e as limitações desse processo educacional virtual. A metodologia que utilizamos nesse processo partiu da urgência em conhecer as questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem com suas consequências práticas para o cotidiano da escola e fora da mesma, por isso justificamos o diálogo virtual com os pais e o questionário que foi enviado posteriormente aos mesmos. Esse questionário foi de grande relevância para compreendermos não apenas as motivações e limitações da aprendizagem discente, mas, sobretudo, a compreensão também dos pais e dos responsáveis, visto que foram os mesmos que responderam.

A análise das questões, portanto, tem enorme relevância acadêmica, visto que elas foram elaboradas por docente em atividade em sala de aula virtual em plena pandemia e respondidas por pais e responsáveis também nas mesmas condições, desta forma, compreendemos que as respostas são de grande importância para efetuarmos o balanço entre o momento escolar pandêmico e pós-pandêmico.

Os temas que estão nas questões e nas respostas são diretamente vinculados a realidade escolar e ao cotidiano dessas famílias que por meio da pandemia buscaram adaptações, sentidos e motivações para que a escola continuasse mesmo que virtualmente.

É fundamental compreendermos a realidade escolar pela relação entre os conteúdos organizados pelo currículo oficial e por novas questões que foram motivadas somente durante

e após a pandemia. A análise educacional precisa ser construída a partir do cenário da contradição do sentido de ensinar e a as razões que levaram durante a pandemia a uma composição teórica para pensar a educação de forma remota.

Diante dessas condições reflexivas é de grande necessidade compreender a realidade vivida pelos sujeitos-discentes, essa realidade é motivada pela compreensão em como a pandemia vinculada as condições de vida cotidiana imprimiram um sentido no sujeito que mudou sua espacialidade escolar no processo ensino e aprendizagem.

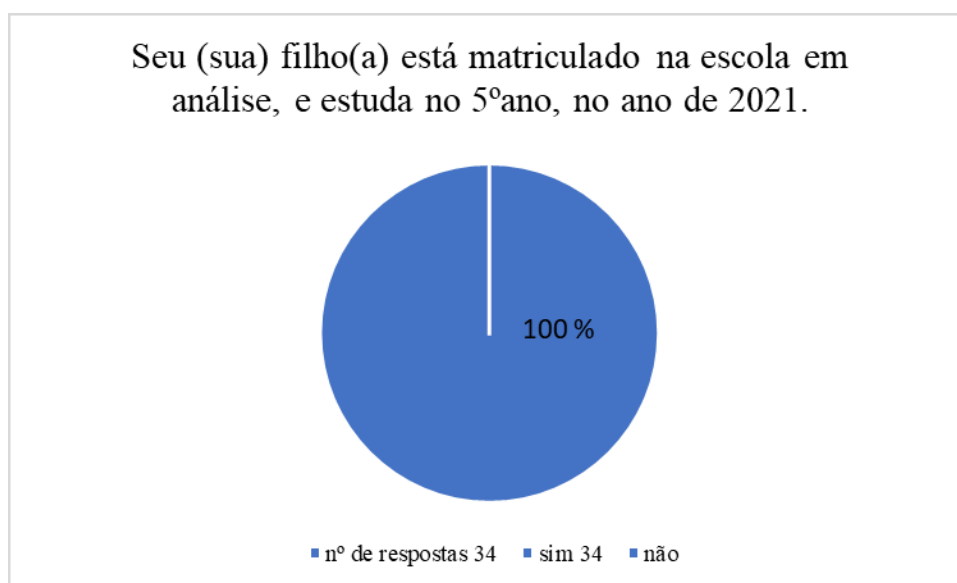
Desta maneira, as mudanças orientadas pela Secretaria de Saúde e de Educação de Minas Gerais tiveram impactos ímpares na compreensão do próprio processo de ensino e aprendizagem, visto que as mudanças espaciais de aprendizagem foram constituídas como formas virtuais durante a pandemia e isso implicou na composição de um sentido cotidiano para o aprender, enquanto discentes, e ensinar, enquanto docentes.

As relações que foram estabelecidas como crítica ao sentido escolar na pandemia e pós-pandemia podem ser compreendidas a partir das análises das questões objetivadas para a fundamentação do processo ensino e aprendizagem para entendimento das respostas e desafios da educação da Escola Estadual em análise.

3.1 – ANÁLISE DAS QUESTÕES

Nessa parte do capítulo buscaremos compreender a dinâmica escolar na pandemia e seus resultados imediatos para a construção da escola virtual e como a mesma foi organizada para constituir um caminho de ensino. Cada uma das questões foi analisada de forma que possamos compreender a pandemia na escola, a profissão docente, a relação da escola com a família e a comunidade.

Figura 41: Alunos estudantes na turma do 5º ano, escola em análise, 2021



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Apesar de o Ministério da Cidadania, através do *Informe Bolsa e Cadastro nº 783 • abril de 2021 – Comunicado*, do governo federal afirmar que 14,6 milhões de famílias são beneficiárias do bolsa família e também do auxílio emergencial, o que foi percebido neste questionário realizado durante nossa pesquisa de campo na escola em análise que chamaremos de escola A, é que apenas 14,7%, das famílias que responderam nossas perguntas, fazem parte desses programas.

A título de comparação traremos dados de outras três escolas, que poderão ser visualizadas através da figura 54, uma que fica a 150 metros lineares da escola em análise que chamaremos de escola B, segunda que fica a 1,7 km, chamaremos de escola C que fica também da região central da Uberlândia, e por último traremos os dados da escola D, essa última fica na periferia da cidade. As distâncias entre as escolas comparadas até o bairro Shopping Park variam de 5 km a 8km, linear, nesse sentido os alunos percorrerão entre 10km e 20km, pelas ruas e avenidas, levando em conta a posição mais próxima e mais distante do bairro domicílio, na periferia da cidade.

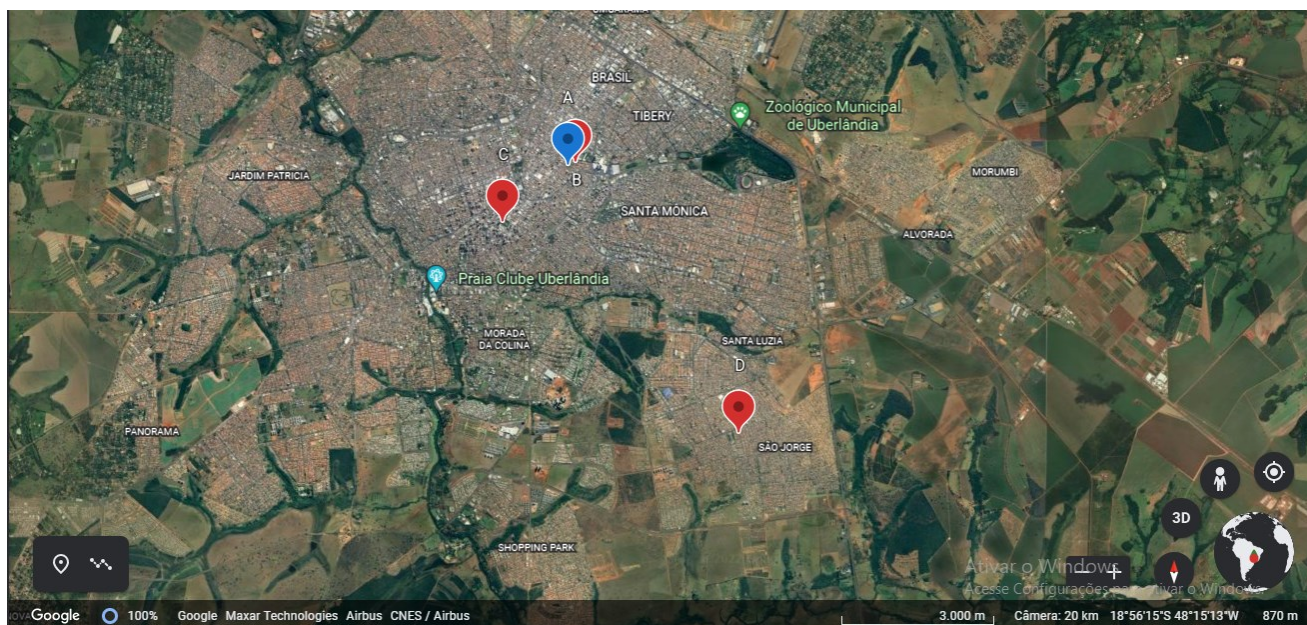
De acordo com a sondagem que fizemos a escola B, localiza na região central de Uberlândia, tem 326 alunos matriculados, sendo que 172 destes alunos são residentes no bairro Shopping Park (52,8%), que fica na periferia da cidade. Dentre os matriculados, 77 são beneficiários do Auxílio Brasil, ou seja 23,6%. Os 172 estudantes contam com o transporte

escolar subsidiado pelo poder público municipal que percorrem aproximadamente 20km até chegarem na escola, perfazendo uma viagem de 40 km, por dia.

A escola C localizada também da região central de Uberlândia, tem 520 alunos matriculados, sendo que 37 destes alunos são residentes no bairro Shopping Park, entre outros que se deslocam de outros bairros que ficam na periferia da cidade. Dentre os matriculados, 38 são beneficiários do Auxílio Brasil, ou seja 7,3%. É preciso destacar que a maioria dos alunos dessa escola utilizam transportes próprios e tem origem de diversas localizações da cidade; assim, por se tratar de uma escola central apresenta características distintas daquelas que estão localizadas nos bairros, visto que essa escola é organizada não por frequentadores da vizinhança e sim por alunos e alunas oriundos de diversos bairros, principalmente nos bairros que não tem vagas.

A escola D localizada na posição Sudeste da periferia de Uberlândia, tem 1070 alunos matriculados, sendo que 59 destes alunos são residentes no bairro Shopping Park, entre outros que se deslocam de outros bairros que ficam na periferia da cidade. Dentre os matriculados, 325 são beneficiários do Auxílio Brasil, ou seja 30,4%.

Figura 42: Mapa de Uberlândia, vista centro sul.



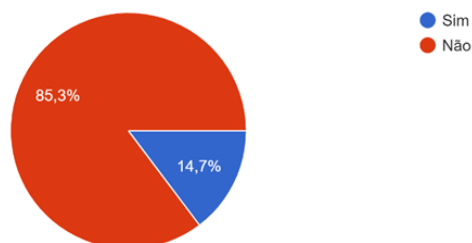
Fonte: O autor, in <https://earth.google.com/web/search> acessado em 06-01-2023

Nesse sentido observamos que mesmo que a escola em análise, que observamos no ponto A, não tenha estudantes que participam do transporte escolar municipal, observamos também que embora tenham famílias que participam do programa Auxílio Brasil, ainda é bem

menor do que a quantidade de famílias que pertencem aos bairros periféricos e vulnerabilidade alimentar.

Figura 43: Participantes em programas sociais, escola em análise, 2021.

Algun membro da família do estudante participa de algum programa assistencial do Governo Federal? (Bolsa Família, Bolsa Verde, Carteira do Id...rasil Carinhoso, Tarifa Social de Energia Elétrica)
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

De acordo com a cartilha do Bolsa Família, do Ministério do Desenvolvimento Social, desde 2015, o programa Bolsa Família transfere renda diretamente às em situação de extrema pobreza, de acordo com o novo nome dado ao órgão do governo que atua na área dos programas sociais, o Ministério de Cidadania e Combate à fome, diz que são aquelas famílias que possuem renda mensal per capita de até R\$ 105,00 (cento e cinco reais), e as em situação de pobreza com renda familiar mensal per capita entre R\$ 105,01 e R\$ 210,00 (cento e cinco reais e um centavo e duzentos e dez reais), que tem direito à receber. Ao entrarem no programa, as famílias assumem compromissos relacionados à Educação e à Saúde. Já o Auxílio Brasil, tem finalidades afins, além de garantir uma renda básica a essas famílias, o programa busca simplificar a cesta de benefícios e estimular a emancipação dessas famílias para que alcancem autonomia e superem situações de vulnerabilidade social.

Diante dessas informações que mapeiam aqueles que estão dentro do perfil do público-alvo para que recebam os benefícios sociais, pudemos perceber que a grande maioria das famílias que formam a comunidade da escola em análise, não pertencem ao grupo dos mais vulneráveis e/ou daqueles que vivem em situação de extrema pobreza.

Além dessa percepção através da análise empírica, durante as aulas que foram chamadas de Aulas Online, realizada via Plataforma do Google Meet, no REANP, a grande maioria dos estudantes da classe pesquisada participaram ativamente das vídeos-chamadas, isso nos aponta

que essa mesma maioria, disponibilizava de um equipamento exclusivo para conexão naquele momento, com acesso à internet, fazendo com que o professor, mesmo que utilizando seu equipamento e conexão própria, tivesse a oportunidade de se comunicar com os estudantes, e os mesmos pudessem interagir com o professor ou professora, pelo menos uma vez por dia, durante uma hora.

Comparando as questões apresentadas da escola em análise com outra escola da rede pública municipal de Uberlândia, escola D, localizada na periferia da cidade, que atende 1070 alunos em seus turnos, cerca de 30,4% de seus estudantes recebem benefício social, como por exemplo o Auxílio Brasil. Percentual este que representa mais que o dobro dos participantes da escola em análise, e com isso, leva-nos a questionar: Até que ponto a situação de pobreza e extrema pobreza pode interferir no processo de ensino e aprendizagem? Segundo o site Educa Mais Brasil em 19-09-2022:

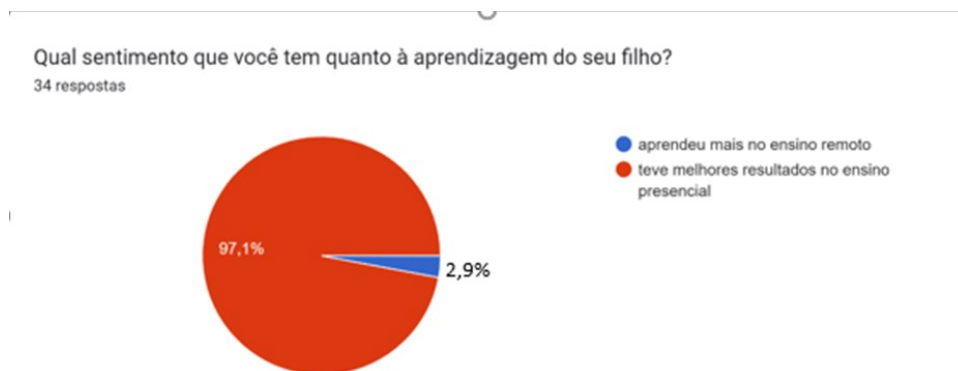
O índice de analfabetismo neste nível educacional entre estudantes que realizaram a prova passou de 15% em 2019 para 34% em 2021, entre crianças do 2º ano do ensino fundamental. O analfabetismo em crianças dessa idade indica um atraso na Política Nacional de Alfabetização (PNA). Estudiosos ainda apontam que, quando a última prova foi aplicada, muitas escolas ainda não tinham condições de ter voltado às aulas. Portanto, entende-se que a adesão ainda menor entre alunos que estavam em maior vulnerabilidade social, afastados da escola. De acordo com os resultados do último Saeb, uma em cada três crianças do 2º ano do ensino fundamental ainda não sabem ler e escrever palavras simples da língua portuguesa, como “cama, mesa, água, etc.”. Na matemática, duas em cada 10 crianças do mesmo ano não conseguiam fazer operações básicas, como soma e subtração. Em 2019 o índice era de 16%. (EDUCA MAIS BRASIL, s.p, 2022)

A escola em análise com índices menores de pobreza está também em situação não favorável, visto que ainda existem muitas crianças com dificuldade de aprendizagem e com dados econômicos que não levam a pobreza extrema, mas indicam que elas não gozam de plena materialidade na construção e apoio de sua formação. Os dados nacionais apontam um caminho no qual estudantes tem grande dificuldades na compreensão dos processos básicos de aprendizagem, logo essas questões, em menor proporção, também alcançaram a escola e fizeram com que a mesma também tenha ainda hoje as mesmas dificuldades. Conforme a análise da próxima figura entendemos que ocorreram prejuízos vinculados ao modo de construção remota da aula, bem como diversas outras questões como problemas financeiros, saúde e interação social, itens que serão analisados posteriormente.

A próxima figura apresenta os dados quanto ao sentimento da família relacionado a aprendizagem dos alunos, desta forma, entendemos que as dificuldades apresentadas

nacionalmente indicadas pelo grupo Educa Mais Brasil são justificadas também aqui pela composição do ensino remoto.

Figura 44: Sentimentos dos pais, escola em análise, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Mesmo com a possibilidade de acesso aos materiais como PETs e também ao livro didático, para além do que foi oferecido particularmente pelo professor, como a conexão virtual diária, o relato dos pais que responderam nossas perguntas, quase cem por cento, tiveram a percepção que o rendimento dos seus filhos foi inferior no ensino remoto. Fato este que pode se associar à ausência do espaço físico escolar, o contato com o professor, com a equipe pedagógica e também ao convívio com os colegas, e que também a fatores como a ausência da família no acompanhamento das aulas online e nas realizações das tarefas propostas pelo Programa de Estudo Tutorado, para além do interesse dos estudantes, e em contrapartida a oferta de entretenimentos que a própria internet traz, como jogos, aplicativos de vídeos e músicas, e as redes sociais, que foram mais interessantes para os alunos durante e depois das aulas online, podendo causar sim, consequências no aprendizado do discente.

Para trazer as informações para analisarmos o aprendizado dos discentes da escola que será nosso campo de pesquisa, observamos os resultados do Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB), neste caso específico, aplicado aos alunos do 5º ano do ensino fundamental, da rede pública de ensino, municipais e estaduais, com abordagem dos componentes curriculares Língua Portuguesa e Matemática.

A proficiência média na disciplina de Português da escola campo em 2019 era de 239,8, já na Superintendência Regional de Ensino que a mesma pertence a média das escolas nesta

mesma disciplina foi de 226,7, ainda comparando com o Estado de Minas Gerais a proficiência é ainda menor 222,4. O último resultado PROEB (2021) a proficiência média cai para 231,33.

Apresentamos agora a proficiência média na disciplina de Matemática da escola campo em 2019 era de 243,8, já na Superintendência Regional de Ensino que a mesma pertence a média das escolas nesta mesma disciplina foi de 232,5, ainda comparando com o Estado de Minas Gerais a proficiência é ainda menor 230,4. O último resultado PROEB (2021) a proficiência média cai para 239,66.

Esses dados não parecem também refletir toda a realidade, visto que foram constituídas três avaliações diagnósticas durante o ano letivo, sem termos conhecimento reais dos motivos, avaliação diagnóstica realizada em todo Estado de Minas Gerais divulgada. Essas avaliações ocorreram ambas em 2022, deste modo, essas avaliações nos permitem compreender parcialmente algumas questões ligadas ao processo ensino e aprendizagem e outras nos fazem questionar a forma da prova o que se viu, foi uma intervenção que contemplou habilidades não consolidadas nos anos em que o estudante esteve no Ensino Remoto.

A questão principal é quais motivos levaram a repetição das avaliações diagnósticas, sem pensar que o conteúdo do ano letivo em curso, deixa de ser trabalhado em sua totalidade, pois conforme a exigência da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, para que se faça a intervenção pedagógica dos conteúdos não consolidados, essa é uma questão central visto que seria importante comparar os dados das avaliações diagnósticas, já que envolvem pessoal e recursos, com isso entendemos que houve uma perda considerável quanto a compreensão do estado da arte referente aos processos educacionais em Minas Gerais e seus impactos na pandemia.

Segundo a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE/MG), no ano de 2000, com apoio técnico-pedagógico do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF), criou o Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (SIMAVE). Onde anualmente as escolas da rede estadual e das redes municipais mineiras são avaliadas em o nível de apropriação de conhecimentos e habilidades alcançado pelos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. Inicialmente, eram avaliados o 5º e 9º anos do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio, por meio do Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB) e também 2º e 3º anos do ensino fundamental passaram a integrar o SIMAVE, em 2006, originando o Programa de Avaliação da Alfabetização (PROALFA).

Segundo o Programa do SIMAVE, as avaliações são realizadas por meio de testes padronizados de desempenho, segundo a (SEE/MG), é possível verificar uma dimensão

fundamental do direito à educação: a aprendizagem adequada na idade certa. Dessa forma, a avaliação torna-se um subsídio importante para a realização de mudanças que atendam ao dever do Estado de oferecer uma educação gratuita e de qualidade, e ao direito da população de recebê-la.

Ao analisarmos a segunda avaliação diagnóstica, a única que foi divulgada os resultados, compreendemos que o aproveitamento dos estudantes da escola em análise nos evidenciou que os alunos que estavam com aproveitamento elevado no processo ensino e aprendizagem tiveram subtraídos seus desempenhos, isso significa, que houve uma queda substancial no nível avançado da referida avaliação. Também destacamos que aumentou o número de discentes nos níveis intermediário e recomendado, com altas maiores no intermediário. Com isso entendemos que o processo de alfabetização geográfica ficou mais prejudicado pelos diversos fatores postos pela pandemia, e que aumentou o número de estudantes que chegaram ao 5º ano do ensino fundamental sem saber ler com competência, e com muitas dificuldades nas quatro operações fundamentais a saber: adição, subtração, multiplicação e divisão.

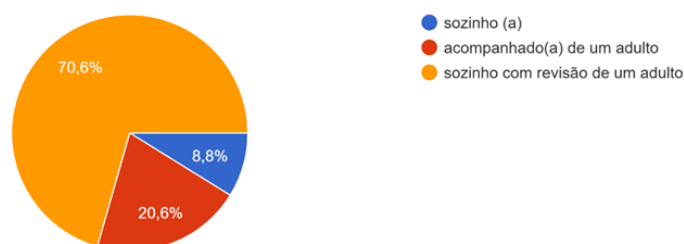
Essas dificuldades impactaram diretamente as aulas de Geografia, visto que as dificuldades básicas impedem, por exemplo, que os estudantes compreendam as diversas questões próprias na leitura de mundo e na própria organização cartográfica, uma vez que todas as operações básicas matemáticas e de leitura da língua portuguesa interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem da disciplina Geografia.

Essas dificuldades apresentadas pela Avaliação Diagnóstica de Minas Gerais devem ser somadas aos fatores subjetivos desse processo, principalmente o aspecto de interação social e aprendizado por meio da mediação social, pois esse momento de pandemia trouxe uma anulação dessa mediação social e a unilateralidade dos meios digitais trouxeram prejuízos consideráveis para esses alunos.

A questão a seguir trata do acompanhamento no processo de ensino e aprendizagem e essa nos parece uma questão fundamental quando pensamos no processo educativo integral, pois os estudantes dependem além dos conteúdos e do currículo escolar da interação social para a efetivação do processo de aprendizagem.

Figura 45: Realização de tarefas escolares, escola em análise, 2021.

Durante as aulas remotas o estudante realizava as atividades escolares:
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Os pais que responderam os questionários, tem filhos na faixa etária de 9 e 10 anos, e esse fator pode ter interferido no que chamaremos aqui de autonomia escolar, pois uma criança nessa faixa etária, poderá não ter maturidade suficiente para seguir uma rotina de estudos autônomos, sem a presença de um adulto, durante às aulas.

Fato é que enquanto o coronavírus ceifava milhões de vidas por todo mundo, muitos pais não tinham a escolha de ficar em casa, e também não contaram com auxílio de outros adultos, que pudesse auxiliar seus filhos enquanto os pais estavam trabalhando.

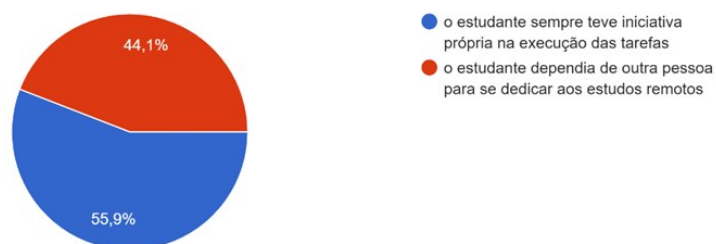
Situação é bastante evidenciada, quando o governo pressionado pelos sindicatos patronais pela volta às aulas presenciais, mesmo com médias mortes diárias elevadas, muitos pais seguiram essa ideia apoiando essas ações e o que nos parece com esse movimento, queriam a qualquer custo depositar os filhos e filhas na escola, seria uma transferência de responsabilidade para terceiros, daquilo que lhes é primeiro, “os filhos são responsabilidade da família”.

Os dados nos mostram que a maioria dos estudantes acompanharam virtualmente as aulas sem a presença de um adulto, tal situação compreendemos pela dinâmica cotidiana e pela própria tradição escolar na qual os pais não frequentam as aulas, todavia existe na sala de aula a figura mediativa docente, logo essa figura foi subtraída desse processo no trato diário das questões voltadas para a aprendizagem, visto que virtual não revela o mesmo impacto para os sujeitos que estão no processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, a ausência de uma mediação no processo levou a um distanciamento da própria concepção de escola, ou seja, os alunos não compreenderam que aquele momento era uma sala de aula, essa compreensão veio somente depois de algum tempo.

A mediação do processo ensino e aprendizagem feita diretamente por um profissional da educação tem permitido que alunos compreendam os processos cotidianos pelos conteúdos de forma dialética, isto é, os sujeitos envolvidos no processo pela mediação do professor compreendem o currículo escolar pela sua vida diária, isto é, o papel da mediação nesse processo de aprendizagem é fundamental para situar os mesmos nas suas dificuldades e solucionar tais problemas para que se efetivem um sentido para a própria aprendizagem.

Figura 46: Tempo de dedicação a realização de tarefas escolares, escola em análise, 2021.

Quanto ao horário de dedicação ao ensino remoto:
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

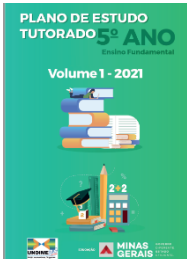
Após o REANP, a educação escolar nunca mais será a mesma, pois diante dos desafios deste novo Lugar que deveria acontecer o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, em ambiente virtual, trouxe consigo a necessidade das famílias, do professorado e também dos estudantes desenvolver habilidades ainda pouco experimentadas em tempos passados, como por exemplo a iniciativa para pesquisa, com auxílio das ferramentas de busca, nos navegadores de internet. Para além dos riscos de notícias falsas e conteúdo não confiáveis, a possibilidade de construir a autonomia foi bastante real nos anos 2020 e 2021, período que delimitamos para este estudo. E com isso vivemos mudanças que nos foram positivas, e que poderão seguir sendo usadas dentro deste processo de construção de conhecimento.

A ausência dos estudantes durante os encontros virtuais, e a necessidade ausência provocada pelos estudantes no momento da aula, foi algo que precisa ser levado em conta, pois por várias vezes durante o processo de Ensino Remoto, nas aulas online, tivemos que verificar se o estudante estava de fato presente, participando da aula. O que foi percebido é que muitos estudantes fechavam as câmeras de seus equipamentos, e se utilizava desse recurso para se ausentar e não participar das discussões que houveram, se distraiam com as possibilidades que

existiam nas residências, somadas com a ausência de um adulto no acompanhamento do discente. As conexões duravam em média uma hora e meia, e nesse período os estudantes se ausentavam por vários motivos como: beber água, ir ao banheiro por mais de uma vez, comer, conversar com outras pessoas que estavam naquele ambiente com eles, e houve situações de alunos usando outros aplicativos de bate-papo, nas redes sociais, enquanto a aula acontecia.

Analisando o material utilizado no período pandêmico, os PETs, a partir da construção do conhecimento registrado pelos estudantes vimos no PET do 5º ano, volume 1 – 2021, ainda muito ineficientes para cumprir as demandas que o componente curricular de Geografia traz como referência para a conclusão do ano escolar. Nesse sentido, observamos que mesmo organizando este conteúdo por bimestres, visualizaremos a rasura em suas abordagens, onde o material não traz uma contextualização teórica para que assim o estudante possa construir sua análise e apreenda o objeto de conhecimento apresentado, e assim compromete a consolidação das habilidades propostas pelo BNCC, que é o documento principal em que pauta o ensino oferecido pela SEE/MG.

Figura 47: Sumário PET do 5º ano, volume 1 – 2021 SEE/MG, p.46

	GEOGRAFIA	pág. 46
	Semana 1: Organização Político-administrativa do Município ...	pág. 46
	Semana 2: Paisagem Natural e Paisagem Humanizada	pág. 50
	Semana 3: Atividades econômicas: extrativismo	pág. 53
	Semana 4: Agricultura, pecuária e agropecuária.....	pág. 58

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Ainda nessa análise, observamos que tentaram sistematizar uma sequência de conteúdos e vimos que em um bimestre de trabalho teremos doze páginas a serem trabalhadas, e se descontarmos as informações como unidade temática, objetos de conhecimento, habilidades que devem ser consolidadas, os conteúdos relacionados e a possibilidade de interdisciplinaridade contidas em cada abertura semanal, teremos no máximo dez páginas de material que realmente seja utilizável para o ensino.

Nessa perspectiva as orientações que foram repassadas ao magistério da escola em análise é que para além do PET trabalhado, os professores deveriam propor atividades complementares a fim de cumprir a carga horária dos estudantes. Cabe aqui um

questionamento: Se já temos o livro didático como apoio pedagógico, e a BNCC, que regulamenta os conteúdos e a forma a ser trabalhada, por que ainda gastaram o dinheiro público na elaboração dos PETs?

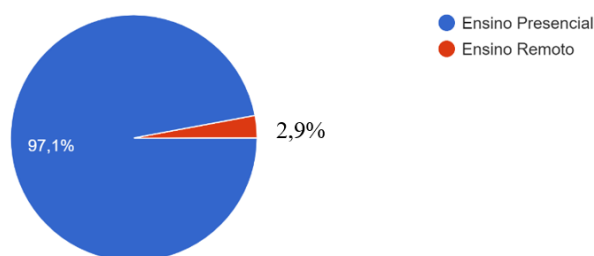
Algo que para nós é muito obscuro no sentido de quem são os autores dos PETs, quanto se pagou para que esse material fosse produzido, qual interesse que se teve ao destinar verba pública?

Segundo a própria SEE/MG, “Os Planos de Estudos Tutorados foram produzidos por professores da rede estadual de ensino, com a parceria da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação Seccional Minas Gerais (UNDIME-MG). A entidade auxiliou na elaboração do material voltado para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental”, informação esta, publicada pela própria secretaria em maio de 2021. Não conhecendo, portanto, se houve de fato uma chamada pública para todos os docentes da escola pública de Minas Gerais e com isso mapear os custos reais de processo.

Já no PET do 5º ano, volume 2 – 2021, diferente do volume anterior que trouxe um tímido mapa do Brasil, sem apresentação de gráficos e tabelas, tivemos dez páginas a mais para serem trabalhadas em dois meses de aula de Geografia, ou seja, vinte e duas páginas. Material bem tímido quando se trata de conteúdo programático a ser cumprido em cento e quarenta minutos semanais. Fazendo assim com que o professorado forneça subsídios a mais para que essa carga horária seja cumprida.

Figura 48: Estímulos dos alunos, escola em análise, 2021

Quanto aos estímulos você percebe que o estudante estava mais interessado:
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

A importância do ensino presencial como espaço de socialização permanente, ou seja, discentes estão sempre interagindo socialmente seja na sala de aula ou fora da mesma e essa

interação permite que se tenha compreensão mais ampla da realidade, por isso, responderam que o ensino presencial tem mais estímulos. Quanto ao Ensino de Geografia esses estímulos são fundamentais visto que as categorias geográficas precisam da interação entre os sujeitos e o espaço como as análises paisagísticas e as questões referentes aos lugares.

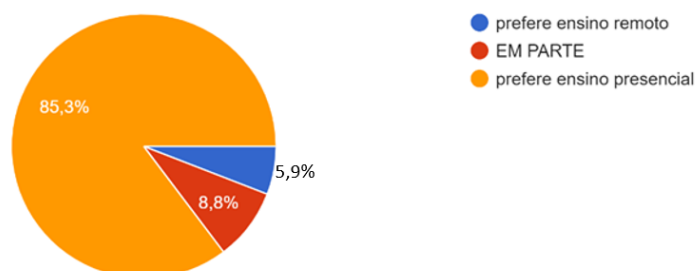
Os estímulos criados nos PETs e também aqueles que já existiam nos livros didáticos, eram muito poucos para atrair a atenção e o interesse dos alunos, assim foi observado que o material de apoio oferecido como vídeos e leituras complementares não atraíram a atenção dos estudantes como se pretendia, e o que é pior, vimos a baixa no aprendizado e também desinteresse dos discentes quando observamos a insistência no professorado para que a família fizesse a entrega dos material respondido, para computação da carga-horária obrigatória do aluno.

Diante do material coletado para análise das atividades, embora o professor tenha disponibilizado via WhatsApp, ou pela Google Classroom (ambiente este utilizado para entrega de atividades e também devolução de tarefas realizadas pelos alunos), não observamos no material impresso em cores, conforme o PDF veiculado para as famílias. Com base nessa observação há de se apontar que o material impresso em preto e branco, passa a ser um desmotivador para que o estudante de nove/dez anos de idade, sinta interesse em realizar as atividades escolares.

Não tivemos conhecimento dos motivos reais que impediram que as famílias reproduzissem o material em cores, seja desinteresse ou falta de condições financeiras, contudo entendemos que embora o Governo do Estado de Minas Gerais, tenha gráfica própria, a responsabilização da família quanto ao uso do material impresso como opcional desencadeou tudo isso, mesmo se tratando de discentes em fase de alfabetização e que o material enquanto concreto passa a ser mecanismo importante para o desenvolvimento cognitivo no processo da alfabetização Geográfica.

Figura 49: Preferências quanto a forma do ensino, escola em análise, 2021.

Você sente que o seu filho(a) gosta do ensino remoto, ou prefere o ensino presencial?
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

O desinteresse e/ou falta de acesso por parte de muitos alunos foi fator que interferiu diretamente no processo de ensino e aprendizagem em tempo de pandemia da COVID-19, pois os conteúdos foram trabalhados de forma resumida, e a partir do PETS, cada semana passou a ter um peso muito maior no que se refere ao cumprimento dos componentes curriculares no ano letivo e também das habilidades previstas e sua consolidação. Assim, no não envolvimento nas aulas, a não realização de tarefas e assim a não devolução das mesmas realizadas ocasionaram prejuízos de dimensões ainda não mensurados. Serão conhecidos no futuro.

Os estímulos que não eram encontrados nos materiais oferecidos eram em contrapartida um desafio para os professores oferecê-los, pois o despreparo pela formação docente e o não investimento patronal para trabalhar no ensino remoto, com as aulas online, dificultaram todo o processo. Salvo àqueles professores que foram na contramão dos fatos, e por seu próprio esforço buscou implementar a ludicidade em suas aulas, mesmo de forma online, como por exemplo utilizamos jogos interativos como: karrot, wordwall, matemática divertida, frive, vídeos animados para além da lousa interativa jamboard, que pudemos contar em nossa sala de aula virtual.

Figura 50: Percepção dos pais, desenvolvimento intelectual, escola em análise, 2021.

Na sua percepção houve um desenvolvimento intelectual do estudante no período da pandemia pela COVID19, nas aulas remotas?

34 respostas



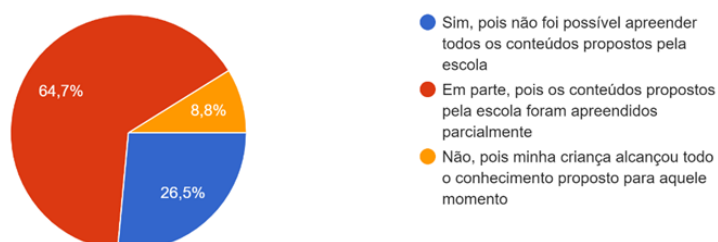
Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Embora menos de um terço dos pais que responderam nossos questionários acreditam que não houve prejuízo intelectual do estudante, o que é muito marcante nesse período escolar de 2020 e 2021, a grande maioria percebe perdas no processo de crescimento da intelectualidade dos filhos. Fatos estes que associamos aos diversos fatores que envolveram o ensino no período da pandemia da COVID-19. A começar pelos estímulos encontrados pelos estudantes na família, no material, no próprio ensino, na falta de recursos tecnológicos e também de conhecimento das ferramentas digitais utilizadas nas aulas, os impactos emocionais que atingiram os alunos como a crise econômica e que assolou a sociedade mundial, também a perda dos entes queridos e o medo.

Figura 51: Percepção dos pais, resultados alcançados pelos filhos, escola em análise, 2021.

Na sua percepção, os resultados alcançados quanto ao desenvolvimento intelectual do estudante no período da pandemia pela COVID19, teve interferência direta da modalidade de ensino remoto?

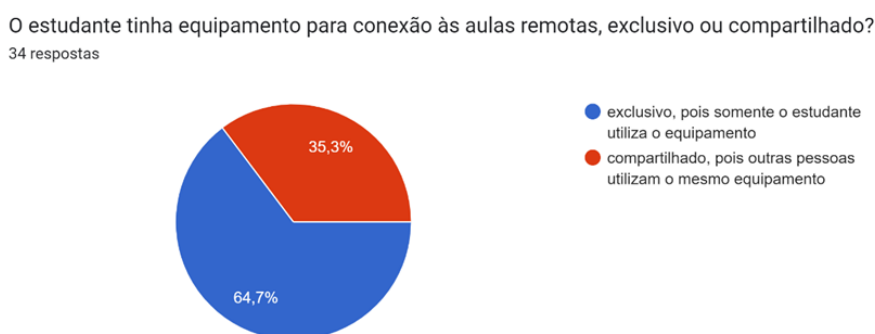
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Mesmo que algumas famílias digam que não houve prejuízos no alcance dos conteúdos propostos, observamos que mais de noventa por cento dos pais que responderam nosso questionário são conscientes que houve perdas na consolidação dos conteúdos trabalhados na forma do ensino remoto (online e híbrido). Nessa perspectiva observamos as atividades apresentadas pelos estudantes e uma quantidade bastante significativa, os alunos utilizaram de respostas simples e diretas, sem que houvesse argumentação dentro das questões propostas. Mostrando assim a rasura daquilo que foi apreendido, ou ainda o não envolvimento dos discentes e familiares no processo de construção do conhecimento em período pandêmico da COVID-19.

Figura 52: Equipamentos e conexão à internet, escola em análise, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

O poder aquisitivo, e o acesso aos equipamentos de conexão à internet da comunidade da escola em análise, embora tenha sofrido perdas em seu orçamento mensal e/ou desemprego nos anos de 2020 e 2021, foi fator que fez um diferencial na possibilidade de acesso ao ensino remoto e online. E faz que tenhamos um olhar diferenciado com essa comunidade, pois de acordo com os dados do gráfico entendemos que embora tenha equipamentos compartilhado para acesso às aulas, todos os estudantes que foram alcançados por este questionário tiveram acesso ao ensino remoto. Diferente do que mostra os dados a nível de Brasil, onde 12,6 milhões de domicílios desconectados da internet, de acordo com site Tele Síntese de abril de 2021.

Figura 53: Tipo de conexão à internet utilizada, escola em análise, 2021.

A conexão à internet mais usada pelo estudante é:
34 respostas

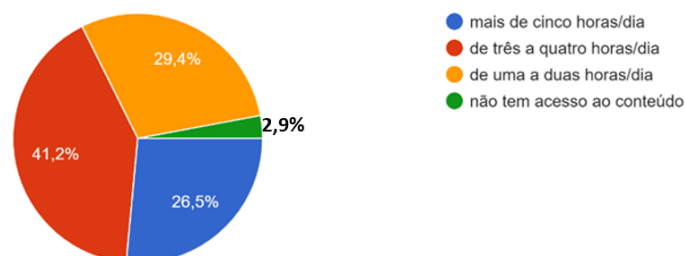


Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Quando partimos da informação que existiram famílias que não tiveram acesso à internet, e utilizaram o Pet impresso, recorremos à análise dos dados das famílias que declararam que participam dos programas sociais, subintende-se que os reflexos financeiros do período como desemprego, diminuição da renda mensal da família, podem ser fatores que tiveram relação direta com a precariedade da participação do estudante no REANP, reforçados pela ausência do governo que não deram as condições para que as aulas acontecessem.

Figura 54: Dedicção diária ao lazer digital, escola em análise, 2021.

No período dos estudos remotos, quanto tempo o estudante dedicava diariamente ao lazer com jogos (games), assistir séries, vídeos, redes sociais...pp, TikTok, Instagram, twiter, Kwai, Facebook), etc.
34 respostas



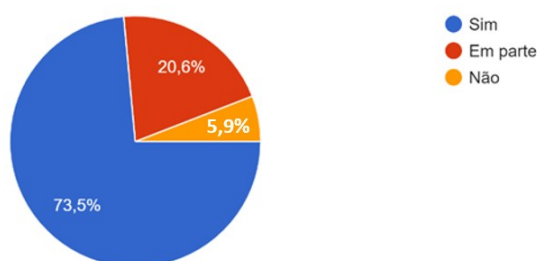
Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Quando a escola deixa o seu espaço real, e passa a funcionar o espaço virtual e à distância, ela passa a disputar a atenção dos estudantes com outros distratores, ou seja, atrativos

que potencialmente poderiam desviar a atenção dos discente durante às aulas online e no momento da realização das atividades escolares. Na nossa opinião entendemos que o tempo dedicado à escola, começa a ser dividido com outros momentos de lazer, jogos, refeições, entretenimentos em geral, passa a dificultar a atenção dos alunos no que estava sendo proposto enquanto ensino remoto. Diante do reduzido e simplificado conteúdo, já exposto nas páginas anteriores, há de se entender que o prejuízo no processo de ensino e aprendizagem tomou dimensões desastrosas quando observamos que para além da deficiência do ensino oferecido pela SEE/MG, uma quantidade representativa de estudantes, ainda no ensino remoto, e posteriormente, no ensino híbrido e também no presencial, entregaram suas atividades escolares incompletas ou por fazer.

Figura 55: Ambiente adequado para estudos, escola em análise, 2021.

Para a realização das atividades e aulas remotas, o estudante estava em um ambiente "adequado" para estudos? Exemplo: Arejado, boa iluminação, ...situações que pudessem tirar atenção da criança.
34 respostas

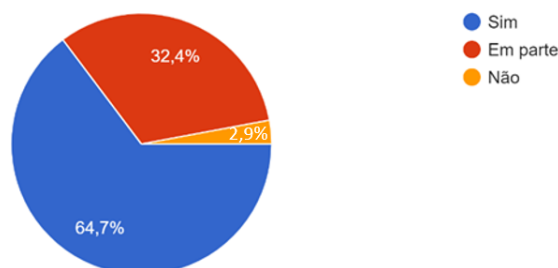


Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Embora a maioria das famílias que responderam os questionários afirmaram que tinham condições adequadas para realização das aulas em casa, vimos também que mais de 26% desse universo não tinham condições que realmente desse total possibilidade para o aprendizado dos alunos, assim associamos aos reflexos do baixo desempenho escolar e também no Ensino de Geografia às condições de moradia das famílias, ou seja, as possibilidades que os discentes tiveram, fora da sala de aula, para construir conhecimento escolar, nos anos de 2020 e 2021.

Figura 56: Dedicção e concentração para estudos, escola em análise, 2021.

No momento da realização das atividades remotas, o estudante se dedicou ao máximo, concentrando e evitando jogos (games), assistir s ...Twitter, Kwai, Facebook), etc, durante os estudos
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

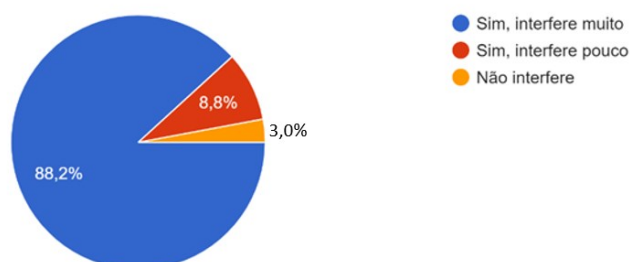
A presena de um adulto facilitador e motivador, junto dos alunos durante as aulas online, e no momento da realização das atividades propostas no REANP, foi um diferencial na entrega de atividades para computao da carga horária obrigatória do estudante. Diferente do que foi percebido durante as aulas online, aquele estudante que declarava que estava sozinho em casa, enquanto os pais saíam para trabalhar, também percebemos uma instabilidade na presena do aluno durante as aulas online, não mantendo as câmeras abertas, muitas ausências durante a aula, para realizar atividades que poderiam ser evitadas naquele momento, considerando que nossa conexão síncrona era de no máximo cem minutos por dia, na tentativa de orientar os estudantes quanto as atividades propostas nos PETs e também nas atividades complementares no livro didático. Exemplos que eram bastante frequentes, os estudantes se ausentarem entre duas e três vezes para necessidades fisiológicas, para beber água, para conversar com pessoas que estavam no ambiente onde se encontrava o aluno, entre outros, que durante esse tempo pandêmico, prejudicaram a total ateno dos estudantes durante as aulas online.

Destacamos aqui a importância do professor e da professora do Ensino de Geografia e também no processo de alfabetizao geográfica, pois diferente do ensino remoto, a presena física no professorado em sala de aula, contribui muito para que os discentes desenvolvam com melhor aproveitamento no processo de construo de conhecimento.

Figura 57: Presença da família na escola em análise, 2021.

Você acredita que a presença da família na escola interfere positivamente no aprendizado do estudante?

34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

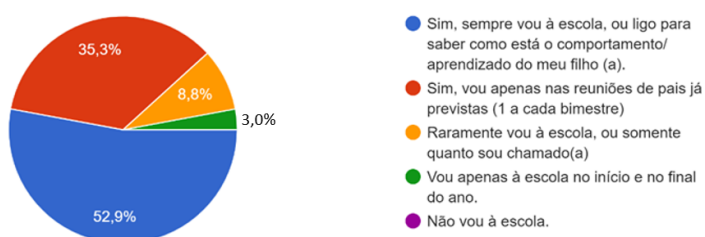
A família que se faz presente na escola, na perspectiva de somar com o docente esforços com objetivo de facilitar o processo da educação, sempre fez muita diferença no aproveitamento escolar, e nesse momento em que nos encontramos fora do espaço físico e passamos para o virtual, a figura da família passou a ter uma importância ainda maior. Pois foi através dessa parceria família e escola que compreendemos que alguns vínculos se formaram, ocasionando assim a empatia, e logo possibilidade do diálogo e a superação dos desafios que nos foram impostos pelo isolamento social, e também pelas sensações e limitações que a atuação do coronavírus trouxe à humanidade.

Diferente disso, àquelas famílias que não se fizeram presentes nesse processo de autoajuda trouxeram para seus filhos a possibilidade de um fracasso escolar, que já era anunciado pelas péssimas condições que historicamente a educação já trazia consigo e que foram acentuadas com o advento da pandemia da COVID-19.

Figura 58: Presença do responsável na escola em análise, 2021.

Você enquanto responsável é sempre presente na escola?

34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Observando a figura 63 vemos que quase 50% dos pais declaram que não são frequentes na escola, ou seja, não comparecem na vida escolar do seu filho, a menos que seja convocado pela escola. Esse gráfico mostra que mesmo se tratando de estudantes com faixa etária de 10 e 11 anos de idade, vemos um grupo, de modo geral, com pouca maturidade quanto a organização das rotinas escolares e horários de estudos, para além da realização das tarefas escolares. Com isso também entendemos que o desempenho seria mais satisfatório se houvesse essa dedicação dos responsáveis com seus filhos.

Fazemos essa análise e chamamos a atenção para a importância da escola na vida dos discentes, e a influência da escola no processo de formação cidadã do indivíduo. Para além de ser um local que as famílias depositam suas crianças enquanto estão trabalhando ou não, há famílias que não valorizam a escola como uma possibilidade de ascensão social, ou ainda como um lugar que contribui com formação intelectual da sociedade. Cabe aqui algumas indagações que nos trazem a reflexão: Para as famílias, qual seria, então, o principal papel da escola?

Figura 59: Receptividade da escola em análise, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

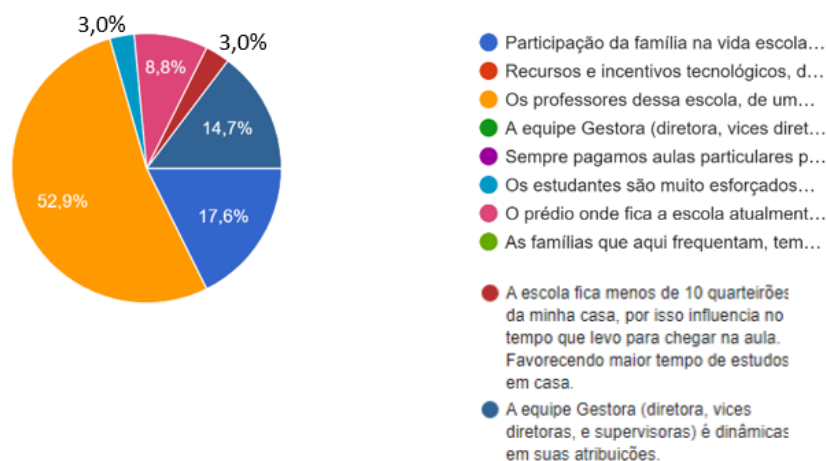
Embora existam famílias que encontram na escola um lugar acolhedor, e consideram um bom lugar para deixar os filhos e filhas, é sabido que nem todos pensam assim. Tendo por base o processo de desvalorização dos profissionais da educação, em especial, a carreira do professor e da professora. Afirmamos isso, pelo lugar de fala, e também pelas políticas públicas e as atitudes dos governantes que desfavorecem a carreira do magistério, visto com destaque também durante a pandemia, e pelas condições que nos são impostas, para que a educação aconteça.

Há de se encontrar também na comunidade escolar, pessoas que não reconhecem o

esforço e o trabalho do professorado, e que ainda entendem que aquilo que foi oferecido em tempo pandêmico, por iniciativa do professor não foi o suficiente para provar seu comprometimento com a educação, e ainda culpabilizar o profissional da educação pelo não desempenho, passou a ser atitude cômoda, para penalizar àquele que não recebeu subsídios essenciais para que a escola existisse, mesmo que precarizada, durante a pandemia da COVID-19.

Figura 60: Motivos que interferem na avaliação da escola em análise, 2021

Em sua opinião, o que faz a escola em análise, permanecer entre as melhores escolas públicas de Uberlândia, de Ensino Fundamental, de acordo com...P2021. (marque mais de uma, se for necessário)
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.⁹

Quando trazemos a possibilidade da família relatar a visão dela em relação a escola em análise, e pelas qualidades que a escola tem, vimos que 52,9% das famílias que responderam nosso questionário afirmaram que, o que faz a escola em análise se destacar entre as demais escolas, e que os professores, de um modo geral, são bem preparados e superam em fazer além das obrigações e atribuições. Com isso também visualizamos a importância do professorado na

⁹ Participação da família na vida escolar dos filhos faz grande diferença. Recursos e incentivos tecnológicos, da nossa família, que ajudam o meu filho (a) estudar em casa. Os professores dessa escola, de um modo geral, são bem-preparados e superam em fazer além das obrigações e atribuições. A equipe Gestora (diretora, vices diretoras, e supervisoras) são dinâmicas em suas atribuições. Sempre pagamos aulas particulares para nosso (a) filho (a). Os estudantes são muito esforçados e comprometidos. O prédio onde fica a escola atualmente é moderno e oferece condições acima das expectativas para uma escola pública. As famílias que aqui frequentam, tem em sua maioria bom poder aquisitivo, que favorece a vida escolar e o aproveitamento no aprendizado. A escola fica menos de 10 quarteirões da minha casa, por isso influencia no tempo que levo para chegar na aula. Favorecendo maior tempo de estudos em casa.

vida do estudante, e a importância de sua valorização para além do reconhecimento, ou seja, através da valorização profissional e da carreira docente.

A estrutura das escolas principalmente, principalmente as estruturas físicas são muito precárias, com prédios deteriorados, sucateados e sem manutenção. Essa é uma realidade da maioria das escolas públicas do Brasil. No ensino remoto não foi diferente, pois a os meios pelo quais foi disponibilizado para que o docente pudesse realizar seu trabalho também foi precário, em muitos casos não aconteceu.

Para além disso nossa vivência, que contou com o equipamento e internet do professor, e também criatividade e estratégia, pois também não houve subsídios de práticas pedagógicas de ensino que também não nos foi ofertada, fizemos dessa omissão e escassez de condições de trabalho a possibilidade de ir além do que tínhamos de recursos, com a proposição de aulas interativas, com auxílio das tecnologias do Google Workspace, foi proposto realização de atividades coletivamente através da lousa interativa, Jamboard, e também as Geotecnologias, Google Earth, Stellarium Web, entre outros, onde pudemos incentivar a participação direta dos estudantes na construção do conhecimento e na realização de tarefas.

Grande dificultador desta atuação ativa dos alunos, foi o fato que muitos não sabiam como utilizar as ferramentas, e outros utilizavam apenas smartphones, que eram ferramentas limitadas em seu campo de tela e também nas ferramentas necessárias para a utilização do recurso. Somados a isto foi percebido que o desconhecimento quanto ao uso das ferramentas, e a falta de ferramentas adequadas para o acesso e conexão às aulas, a timidez, a vergonha de mostrar o ambiente residencial com as câmeras abertas, também inibiu muitos estudantes a participarem das aulas interativas.

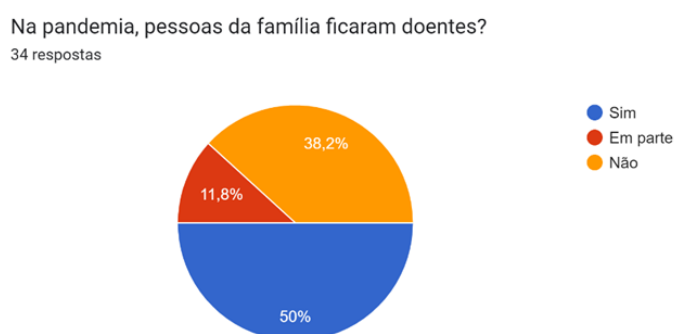
Lembramos de propostas de aulas que tiveram um maior envolvimento da classe, quando estávamos falando sobre as vivências das famílias, e também sobre relato de memória, a cultura oral, e que pudemos convidar o avô de um dos estudantes da classe, para dar seu depoimento sobre a sua infância, e suas vivências e como foram suas experiências até se tornar um engenheiro, e a conquista da aposentadoria. Aquela aula foi bastante envolvente, onde pude perceber a satisfação da família que acompanhava de perto a aula, e o desejo dos demais que se conectavam àquele ambiente virtual para a realização da aula. Em tempos de pandemia, sempre fizemos questão de trazer a participação dos familiares que se encontravam próximos dos estudantes do 5º ano, para interagirem com a classe, e assim trazer mais proximidade. Atividades estas que ao nosso ver, foram fundamentais naquele momento de solidão e na falta de calor humano.

O adoecimento das pessoas, para além dos casos confirmados pelo contágio do

coronavírus, era bastante notório, quando se pensava na possibilidade de encontrar as pessoas, os familiares, os amigos, os colegas, os alunos. Pois era latente a todo momento, e a saudade, pois com o passar dos dias em isolamento, muitas pessoas se arriscaram, infringindo as regras do distanciamento social, e o pedido para que se ficasse em casa, e além disso se evitasse aglomerações. Nunca se sentiu com tanta ênfase, a falta do outro ser humano. Enfim, a pandemia também serviu para que se pudesse valorizar as relações humanas do presente, as pessoas do nosso convívio e àquelas que estão longe.

Seria essa o reflexo de um adoecimento psicológico ocasionado por uma situação de estresse, de perda e isolamento social? Não temos notícias em nossa trajetória de cenário semelhante em nossa sociedade.

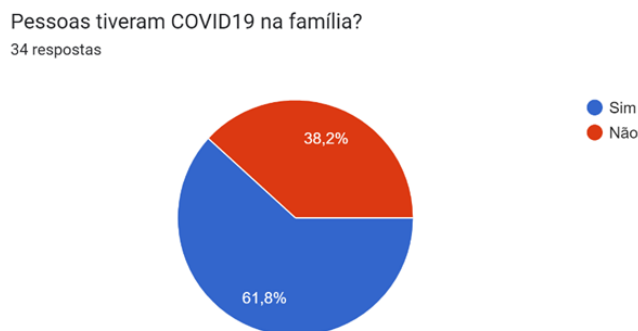
Figura 61: Adoecimentos de familiares na pandemia da COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

O adoecimento populacional em tempos pandêmico refletiu diretamente no modo em que se organiza a família, e como ela se relaciona com a escola. O fato de 61,8% das famílias que responderam voluntariamente nosso questionário afirmaram que as pessoas da família ficaram doentes durante a pandemia da COVID-19. Com isso percebemos o modo em que os discentes lidavam com as aulas online, as atividades do Ensino Remoto, e as questões emocionais que influenciavam no aprendizado. Neste sentido, o adoecimento foi uma condição permanente para muitas famílias, assim, docentes e discentes foram impactados diretamente pela organização do cotidiano voltado para a composição das questões de saúde, logo a relação entre ensino e doença tem revelado impactos consideráveis na promoção do conhecimento, visto que a doença trouxe consequências negativas para o ambiente de aprendizado virtual causando em muitos momentos uma condição de desânimo ou mesmo depressão.

Figura 62: Contaminados com COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Como é estar em uma casa convivendo com pessoas doentes com COVID-19?

Embora os questionários não tragam que as crianças não ficaram doentes mentalmente, o pudemos observar através dos números das avaliações externas como por exemplo o PROEB, exame este realizado com os estudantes do 5º ano do ensino fundamental, antes e depois da pandemia da COVID-19, aponta que houve uma perda no processo de ensino e aprendizagem nesse período, ou seja, houve interferências diretas no processo de alfabetização geográfica e também da consolidação das habilidades previstas para a etapa.

Durante as atividades desenvolvidas pelos alunos em casa com ou sem a supervisão de um adulto, o que observamos que na elaboração dos PETs não houve o cuidado de se manter uma sequência didática (ou seja, a forma que o conteúdo é organizado didaticamente tendo como sentido a continuidade de temas, questões e problemas sem subtrair a atenção científica e pedagógica tornando o conteúdo necessariamente como sequência e consequência do outro; assim, a sequência didática revela a necessidade de pensar os conteúdos como uma condição de aprendizagem que não faça formas de distanciamento da relação cotidiana, científica e pedagógica) em que o estudante pudesse construir com coerência o raciocínio lógico e também crítico da atual situação que todas as famílias que viveram na pandemia da COVID-19, pois na proposta do PET do 5º ano, volume 3 – 2021, p. 75, percebemos atividades que não exigiam nenhuma formação da criticidade do discente, e ainda foi composto por perguntas diretas, e que muitas vezes induziam às respostas curtas, sem justificativas.

Figura 63: ATIVIDADES PET do 5º ano, volume 3 – 2021 SEE/MG, p.75

Nas cidades temos a arte no cinema, galerias, teatros, museus e em nosso estado o que não faltam são cidades maravilhosas. Pode-se concluir que há interações sociais entre as pessoas que vivem no campo e nas cidades.

PARA SABER MAIS: Chico Bento em: "Na roça é diferente" disponível em <https://youtu.be/Bfx_E3zvnjc> Acesso em 10 de maio de 2021.

ATIVIDADES

1 - Você reside em qual município?
Marlândia

2 - Se um amigo chegasse em sua casa, onde você o levaria para conhecer? Lembre-se que é depois que passar a pandemia.
no Xefim

3 - A afirmação é falsa ou verdadeira? "A cidade oferece tudo que precisamos para o nosso bem estar, desde o plantio do feijão até o carro comercializado".
sim

4 - Leia com atenção e responda o que se pede:

A família de Ana

Ana é casada e está grávida do seu primeiro bebê. Seu marido, Pedro, é agricultor. Ele planta milho. Eles moram na área rural, Brejo Alegre, no município de Itaúna, Minas Gerais. Ana tem uma preocupação. "Tenho que chegar à cidade de Itaúna antes do meu bebê nascer.

O que a deixou mais tranquila foi que na última consulta médica, em uma UPA, a Dra. Aline disse que o bebê nasceria em duas semanas.

Ana já sabia que se sentisse algo diferente eles deveriam ir ao hospital, que fica na cidade. O marido dela foi à cidade, três dias antes do dia previsto, e encheu o tanque do carro de gasolina.

Em uma noite, Ana acordou sentindo dores, e não pensarem muito, saíram rumo à cidade. O bebê nasceu no dia seguinte, uma linda menina!

75

MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE ESTADO EFICIENTE

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Na construção do diálogo entre o conceito e a prática, onde os fatos vão conversar e permear o referencial teórico e vice-versa, já exposto nos capítulos anteriores, não perdemos de vista que a o Ensino de Geografia, enquanto componente curricular que tem por finalidade principal a construção de uma visão de mundo, não existiu na pandemia. Isto fica visível quando se traz a afirmativa "A cidade oferece tudo que precisamos para nosso bem-estar, desde o plantio do feijão até o carro comercializado", e que mesmo com o texto de apoio que antecedeu a atividade proposta, o vídeo de apoio proposto, somados às vivências que as famílias trazem de como se organiza o trabalho, o estudante não se dá o trabalho de responder com palavra adequada de acordo com a proposta do exercício e ainda, deixa claro que sua visão de mundo, e da realidade está muito limitada.

Para tentar entender como ocorreu o ensino e a aprendizagem no período pandêmico da COVID-19, além disso subtendemos que houveram outras variáveis que impediram que este

discente alcançasse a compressão de uma visão crítica do espaço no qual ele está inserido, como por exemplo: o analfabetismo mesmo cursando o segundo semestre, do último ano em que se busca consolidar a leitura e escrita, e a capacidade de se executar as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão), pode-se observar que o estudante não compreendeu o que foi proposto na atividade, escreveu uma palavra de origem inglesa como por exemplo: “shopping”, de forma inadequada, e ainda começa as frases utilizando letra minúsculas não utilizando pontuações.

Figura 64: ATIVIDADES PET do 5º ano, volume 3 – 2021 SEE/MG, p.76

O pai, pensou em tudo:

Tenho que registrar essa criança, preciso ir ao cartório. Tenho que comprar mais roupinhas, as que compramos vão ficar muito grandes, vou aproveitar e comprar o carrinho de bebê, e ainda tem mais o bebê conforto para colocar no carro. Sei também que tem uma babá eletrônica, vou comprar. O pai foi ao cartório e registrou o bebê como Maria Cecília Souza da Silva.

Tudo deu certo, porque a estrada estava boa e o hospital a atendeu muito bem. Voltaram felizes para casa. O tempo passou, Maria Cecília cresceu, e chegou o dia de ir para escola.

Que bom! Porque a Escola Municipal "Eduardo Gomes" não fica muito longe da sua casa.

Texto escrito por Márcia Ana, redatora deste PET.

A) Cite os serviços públicos que a família de Ana precisou utilizar e que são encontrados somente na zona urbana:

carro

B) Cite os serviços não públicos que há na cidade, que na zona rural não são encontrados e que o marido de Ana necessitou.

farinha

C) O marido de Ana é agricultor e planta milho. Marque no quadro abaixo, 5 (cinco) alimentos que consumimos que tem o milho como matéria prima.

Angu	Farinha de trigo	Sopa de farinha de milho	Broa de fubá
Pão francês	Rosca	Pamonha	Mingau de milho verde

D) Cite 3 características do campo e 3 características da cidade.

76

EDUCAÇÃO **MINAS GERAIS** GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Fonte: REANP/PET, 2021. <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>

Na análise do material que nos foi cedido pelas próprias famílias dos estudantes, observamos muitas atividades incompletas ou não realizadas, para além disso, muitas atividades foram realizadas pelos alunos sem qualquer responsabilidade e/ou prejuízo de avaliação, ou realização com capricho, como é observado na figura acima.

Chamamos à atenção a questão das atividades incompletas e/ou não realizadas em si tratando de um ensino resumido, oferecido por uma escola precarizada na forma de oferecer

esse ensino, e que a não realização das atividades propostas acabaram tendo consequências mais comprometedoras do que em tempos do ensino presencial, ofereceria outras formas e oportunidades para que o estudante cumprisse as atividades e alcançasse as habilidades previstas na BNCC, até o final do processo e/ou ciclo.

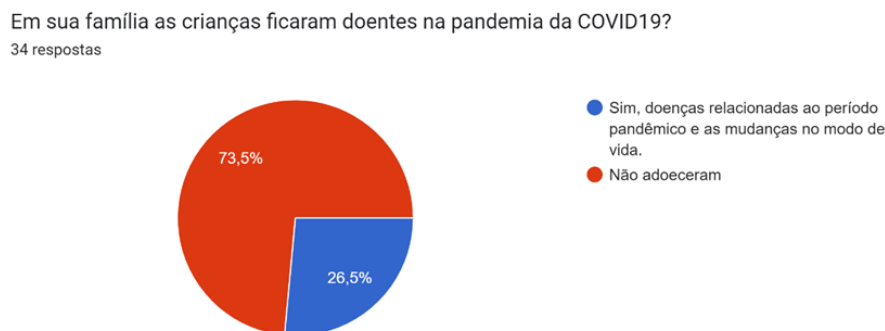
Figura 65: Perda de familiares para COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

O falecimento das pessoas vítimas do Sarscov2 e também por outras variantes do novo coronavírus, ou por complicações da doença, influenciaram no modo de vida das pessoas, que desde o aumento do número de infectados, em 2020, e também de mortos, os protocolos sanitários passaram a ser obrigatórios à todas as pessoas. Para além das consequências psicológicas que afetaram diretamente às crianças e também os funcionários da escola, voltar em agosto de 2021, para o ensino presencial híbrido e por último totalmente presencial, nos trouxe muito medo.

Figura 66: Crianças adoecidas na pandemia da COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Com relação a esse dado importante que é o fato do adoecimento dos estudantes, há algo importante a ser levado em conta, pois mesmo que a família não tenha declarado, o envolvimento dos discentes nas aulas online, e nas entregas de atividades não tiveram a mesma frequência do que em tempos não pandêmicos e que durante as aulas online a interação com o professor e entre os outros colegas foi tímida. E quando se tratava a possibilidade de interação como por exemplo durante as explicações e comentários que fazíamos referente a assuntos relacionados às aulas, os discentes interagiam muito pouco, e se limitam a um pequeno grupo, que ao nosso ver, tinham mais habilidade com as ferramentas utilizadas no ambiente virtual e/ou eram menos tímidos.

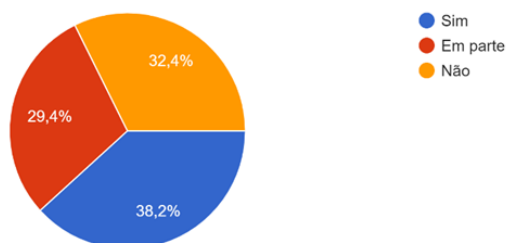
Outras questões que nos levam a refletir são pelo fato dos 52,9% dos pais terem respondido que houve desemprego e/ou também perda de rendimento na família, ou seja, até que ponto essas perdas financeiras influenciaram no ambiente familiar? Como foi a relação entre família com a possibilidade de não poder manter o padrão de vida do grupo familiar, nesse novo cenário pandêmico que se instalou? Como as crianças reagiram diante dessas questões que influenciaram diretamente os adultos? O ambiente doméstico, a partir das perdas financeiras ainda tinha condições para que o estudante sentisse à vontade para interagir nas aulas online, e também motivação para realizar as atividades dos PETs?

O que observamos é que as perdas maiores se dão a partir do não envolvimento da família no processo de ensino e aprendizado, e da inversão da concepção da importância da escola para as famílias e para a sociedade. Daí vemos sobressair a ideia da escola com um depósito de crianças, ou ainda da escola como mecanismo de seleção social, onde a educação pública seja excludente ou que ainda, a sociedade não reconheça seu papel no processo de

ensino e aprendizagem, e assim como o governo do Estado de Minas Gerais, não cumpre seu papel e suas responsabilidades.

Figura 67: Adoecimento mental dos adultos, na pandemia da COVID-19, 2021.

Nessa pandemia da COVID19, você percebe adoecimento mental dos adultos de sua família?
34 respostas



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Outro fator que queremos chamar a atenção aqui nesta análise é o aumento da violência doméstica durante o distanciamento social. Onde muitos membros das famílias ficaram confinados, juntos, e somados com as consequências financeiras da pandemia que atingiu a maioria da população mundial. Foram combustível para que o aumento da violência doméstica e também a violência sexual contra mulheres e crianças ganhasse destaque nos canais de notícias e nas páginas policiais.

De acordo com o site Politize, traz um artigo falando sobre a violência doméstica na pandemia, onde Instituto Norberto Bobbio afirma que:

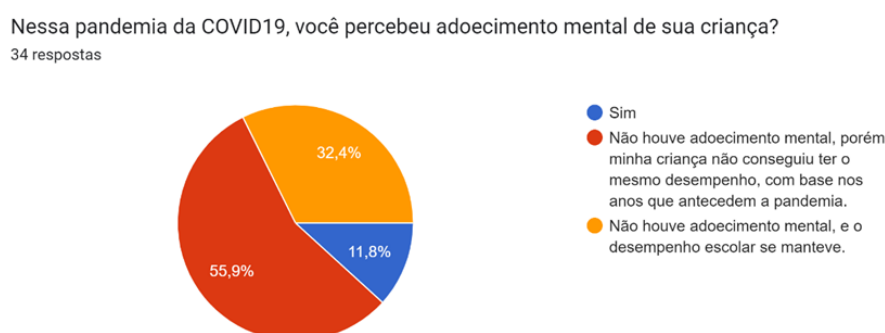
De acordo com a terceira edição do relatório “Visível e Invisível: A vitimização das mulheres no Brasil” (2021), elaborado pelo Fórum de Segurança Pública em parceria com o Datafolha, 73, 5% da população acredita que este tipo de violência aumentou durante a pandemia. Este é um dado nada casual. Cotidianamente, mulheres e meninas sofrem agressões que variam desde o assédio moral ao feminicídio, de tal modo que as vítimas têm de arcar com o peso de consequências psicológicas, físicas e, lamentavelmente, até fatais. (POLITIZE, 2022, s/p).
POLITIZE, 2022. <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/>

O aumento da violência doméstica pode ter interferido no desempenho dos estudantes, inclusive no processo de alfabetização geográfica?

Sabemos que através dos noticiários que no confinamento da pandemia da COVID-19 o número de casos de violência doméstica aumentou significativamente, contudo na escola em

análise não houve formalmente casos de violência.

Figura 68: Adoecimento mental das crianças, na pandemia da COVID-19, 2021.

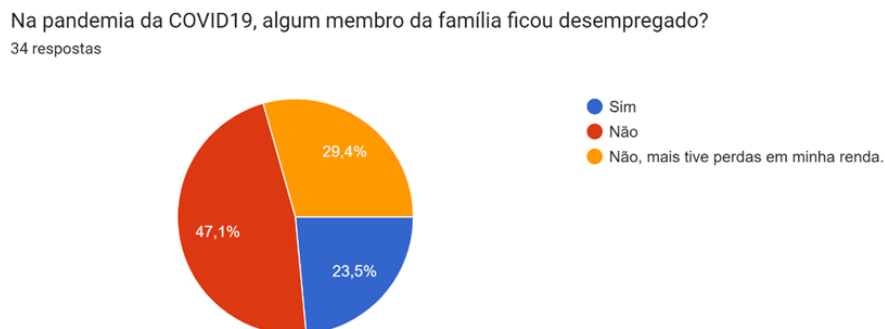


Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Nossa vivência dos deu a possibilidade de perceber muitas crianças entristecidas com as situações em que seus familiares sem encontraram no cenário pandêmico. A perda dos seus entes queridos, pessoas próximas foram ceifadas brutalmente, sem que houvesse se que a oportunidade para despedidas e, para além disso, muitas famílias perderam seus postos de trabalho, ou parte de sua renda mensal. Com isso pudemos perceber que o desempenho, associado a motivação para que a educação aconteça estavam comprometidos naquele momento.

Com a imersão de todos no caos social, a percepção quanto a presença de doenças que pudessem comprometer o desenvolvimento cognitivo, nos parecia algo secundário, no que se refere às prioridades daquele momento, pois a sobrevivência, seria o trunfo diário dos seres humanos. Tanto que após o arrefecimento do número de casos e de morte pela doença COVID-19, pudemos perceber, já no ensino híbrido, casos de estudantes que desenvolveram síndromes que hora não se manifestavam com frequência no ambiente escolar, como o pânico, depressão infantil e aumento no número de casos de suicídio, de acordo com a Revista Crescer (2022) e com o Departamento Científico de Saúde Escolar de São Paulo.

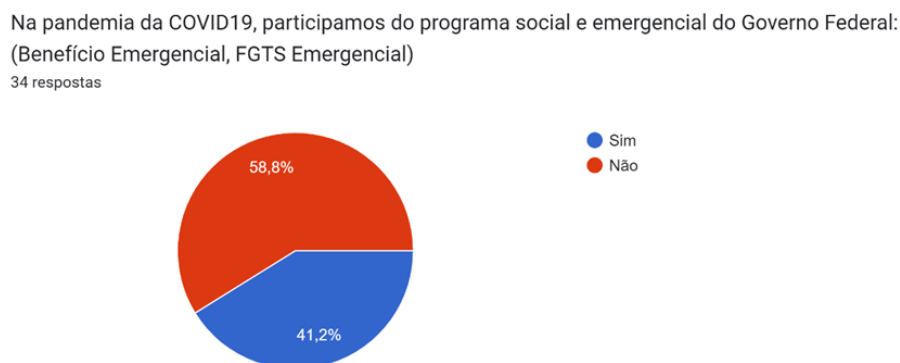
Figura 69: Desempregados, durante a pandemia da COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

As consequências econômicas, ocasionadas pelas influências provocadas pelo isolamento social, e prejuízos de alguns setores, passaram a fazer parte da realidade da maioria das famílias. Fator este que influenciou diretamente no modo de vida das pessoas, e também na readequação do orçamento e da renda familiar.

Figura 70: Participação nos programas emergenciais do Governo Federal, reflexo da pandemia da COVID-19, 2021.



Fonte: O autor, questionário realizado com auxílio da ferramenta Google Workspace, Google Forms, 2021.

Para muitos, os programas emergenciais criados pelo governo federal como por exemplo: Benefício Emergencial, saque do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço Emergencial para o trabalhador formal, foram alternativas viável para o momento, na tentativa

de se garantir as necessidades básicas de sobrevivência ou ainda, fazer que não se tivesse mais prejuízos no patrimônio da família.

Para finalizar nosso questionário aos responsáveis pelos estudantes, quanto ao bairro que a família morava, no ano de 2021: *Qual é o CEP e/ou nome da rua onde reside, atualmente, a família do estudante? 34 respostas*

Dentro das respostas oferecidas pelas famílias dos alunos vimos que a escola em análise atende estudantes que residem em diversos bairros da cidade como: Aparecida, Santa Mônica, Segismundo Pereira, Centro, Ipanema, Morumbi, Saraiva, Jardim Brasília, Cidade Jardim, Bom Jesus, Cazeca, Aparecida, Santa Mônica, Aparecida, Tibery, Santa Mônica, Laranjeiras, Não Declarou, Segismundo de Freitas, Aclimação, Santa Mônica, Tibery, Umuarama, Segismundo Pereira, Aparecida, Jardim das Palmeiras, Santa Luzia, Segismundo Pereira, Presidente Roosevelt, Centro, Santa Mônica, Pampulha, Cazeca, Minas Gerais.

Embora exista algumas questões que diferenciam os estudantes e famílias da escola em análise, comparando com as demais famílias do Brasil, entendemos que a pandemia da COVID-19 influenciou no aproveitamento dos estudantes e também no modo de vida de todos os brasileiros. De um modo geral visualizamos como a pandemia da COVID-19 afetou o modo de vida das pessoas brasileiras, e especificamente as famílias dos estudantes que responderam nosso questionário.

O cenário de pandemia e pobreza, que já existia antes do ano de 2019, visualizamos também no Capítulo 3 da dissertação, e se evidenciou com as novas condições impostas para que a escola e o ensino existissem, potencializados pela omissão dos governantes em promover ações eficientes para que minimizasse os impactos que as condições dos protocolos sanitários praticados pudessem ser cumpridos, que as vidas da comunidade escolar pudessem ser preservadas e que a escola continuasse funcionando de forma igualitária para todos e todas.

Captamos nas respostas dos questionários e nas vivências que nos ocorreram durante a pandemia e da construção dessa dissertação nos anos 2020 e 2021, que muito ficou por fazer para que a escola funcionasse de forma a cumprir seus desafios, e que de um modo geral o desdobrar dos profissionais da educação como professores, equipe da direção, e também auxiliares como aqueles que trabalham nos serviços administrativos da escola como: vice-diretora, supervisora pedagógica, auxiliares de secretaria, merendeiras e auxiliares de serviços gerais e familiares dos alunos e de todos que participaram da escola, foram determinantes naquilo que pudemos alcançar enquanto escola.

Compreendemos que a luta pela vida, a luta pela família e pelo bem estar dos filhos na escola, foi muito determinante naquilo que pudemos colher nos questionários e também diante

do resultado do processo ensino-aprendizado em tempo pandêmico da COVID-19, e do que não foi alcançado, também vimos, para além das limitações que muitos não tiveram opção de escolha, vemos também uma escola pública desvalorizada, sucateada, desatualizada, e que seus mantenedores não investem em seu maior bem, que são os seus trabalhadores, e que a sociedade replica tudo isto, quando não se apropria dela, da escola, se fazendo presente no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, e que ainda culpabilizam os professores pelo resultado final dos estudantes, que é a reprovação e o fracasso escolar.

A construção da dissertação em tempo de pandemia da COVID-19, vai além da escrita acadêmica, os desafios que embora intrínsecos, deram o acabamento importante para que pudéssemos caminhar até este momento. O cotidiano do professor pesquisador, trabalhador que em tripla jornada se desdobrou para o debruçar diante deste desafio, que se tornara mais improvável de se experienciar, e ao mesmo tempo, diante do ensino remoto, com as aulas online do programa da pós-graduação, somados à realidade da escola, deixou de ser improvável e ganha fôlego, e que serviu para análise dos dados que foram pedestais para esta construção.

O cotidiano com os estudantes e seus familiares no primeiro momento de forma online, e, posteriormente, no ensino híbrido e logo depois presencialmente, nutriram a dissertação com informações que somente na *práxis* fora possível conhecer, e por isso há de se entender a importância deste trabalho acadêmico na construção da compreensão da educação brasileira, e do Ensino de Geografia, antes, durante e também depois do ensino remoto.

Nesse contexto de vivências foi possível perceber o esforço desta investigação e também da didática aplicada pelo professor pesquisador no sentido de fazer que a educação pudesse acontecer, embora não tenha recebido formação, equipamentos, e incentivos financeiros que pudessem custear e manter o esforço empreendido. O que foi percebido foi o contrário, o esforço do governo mineiro para que o trabalhador da educação voltasse ao trabalho, a qualquer custo. Através de decretos que obrigaram o docente a reassumir de forma presencial a sala de aula, conforme o documento Comunidade Escolar, SEE/MG (2021, p.5)

Por outro lado pudemos constatar como a educação brasileira é frágil, e o quanto carecia e carece de investimentos, pois as políticas educacionais empregadas durante a pandemia, não foram eficazes em resolver problemas que já são crônicos na educação brasileira, como por exemplo o analfabetismo, a desigualdade social, e o descumprimento das leis de acesso e garantia dos estudantes na escola, de forma efetiva, pois o que observamos que as ações governamentais em tempo de pandemia foram paliativas, e que não resolveram os problemas geradores da fragilidade educacional existente. E ainda com o aumento do desemprego, falta de alimentos, e crescimento do grupo daqueles que vivem abaixo da linha da pobreza. Educar-

se passa a não ser prioridade para uma grande maioria, diante da necessidade de sobreviver.

Captar as consequências dessa educação que não se faz existir em tempo de pandemia da COVID-19, é uma tarefa que nos instiga, na construção e na análise do trabalho acadêmico, e revela um legado para as gerações futuras de pesquisadores, docentes e discentes, registro de situações que apontam para uma realidade atual (2020, 2021) de uma educação que se omite de seu papel principal que é a formação crítica e cidadã, e pela negligência dos governantes brasileiros e seus interesses políticos, capitalista e neoliberais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir esta dissertação tínhamos vários desafios e o mais importante deles era sobreviver, em meio a um cenário de calamidade mundial nunca visto.

Os recursos tecnológicos embora sejam próprios, foram imprescindíveis para que o Curso de Mestrado em Geografia ocorresse de forma síncrona e assíncrona e que assim fosse quesito importante para a construção das discussões que ocorreram nesse trabalho, desde o acesso aos acervos de informações públicos oficiais e também das mídias digitais, as leituras para fundamentação teórica, o acesso ao referencial teórico através de livros digitalizados e impressos, e também através dos recursos que tínhamos para se relacionar virtualmente com alunos e familiares da escola analisada, bem como as orientações e os diálogos que foram realizadas de forma programada e sistemática.

Na perspectiva de o professor pesquisador estudar na pandemia, foi necessário se reinventar, pois as demandas do chão da escola crescem na medida em que o que não se sabia. Fomos forçados a aprender uma nova didática às duras penas, na medida em que o distanciamento social acontecia. Por outro lado, no trabalho home office, ou seja, na docência feita a partir de casa e para além do horário a ser cumprido no extraclasse, tivemos que nos reinventar e estudar para ministrar as aulas no ensino remoto, para isso foi necessário extrapolar o horário de trabalho semanal para cumprir as demandas da escola e também as demandas das disciplinas, leituras e tarefas do programa de pós-graduação, tudo isso também sofrendo os impactos diretos da pandemia com grandes questões profissionais em aberto, pois mesmo com a falta de incentivo dos governantes para que se tenha valorização profissional e também liberação para qualificação remunerada, na pandemia, tivemos às duras penas, possibilidade para que essa qualificação acontecesse.

O modo de vida mudou, com o isolamento social a escola deixa de acontecer presencialmente e passa a ocorrer virtualmente (pelo menos era essa a ideia docente, pelo menos foram esses esforços que empreendi).

Esse movimento do espaço real para o virtual para muitos não foi assimilado e nessa análise, as novas tensões, rupturas e ranhuras não conseguiram alcançar renovo, ou seja, reconstrução, o reinventar, retomada da escolarização, no modo que era possível para o momento de distanciamento entre alunos e professores. Infelizmente, no modo virtual e online, muitos brasileiros não tiveram as garantias de igualdade de acesso e permanência na escola e tiveram seus direitos básicos negados. A educação deixa de acontecer, pela precarização da escola, e também pela ausência de ações que tivessem efeitos diretos na vida

daqueles que compõe o processo ensino e aprendizagem, ou seja, professores e alunos, escola e família.

O medo, as incertezas, a falta de garantias e de ações eficazes por parte de governantes brasileiros nas esferas federal, estaduais e municipais ventilaram ideias negacionistas e que colocaram a ciência em check, na qual as orientações dos órgãos responsáveis por buscar medidas de segurança sanitárias, como por exemplo Organização Mundial de Saúde (OMS), e o Ministério da Saúde e outros comitês que são formados em esferas menores, deixaram por ser cumpridas, pela instabilidade do próprio governo federal brasileiro, com mudanças de 4 ministros, no período pandêmico, e das informações desencontradas com relação ao que veiculava na imprensa internacional e pela OMS.

No novo espaço da sala de aula, agora as aulas aconteciam da casa do professor e da professora direto para a casa do aluno e da aluna, ou outro lugar que cada pessoa pode se isolar, salvo aqueles que não tiveram acesso aos equipamentos tecnológicos e conexão garantida para comparecer aos encontros online.

A escola que foi simplesmente implementada para um novo formato de transmissão, no qual o ensino remoto, passa a disputar espaço e concorrer aos interesses dos estudantes, crianças e adolescentes, como por exemplo: Netflix, Spotify, Whatsapp, Facebook, Telegram, Instagram, TikTok, KawAii, Jogos interativos, todos os tipos de mídias sociais, e as atrações e distrações que um ambiente fora da escola convencional possa oferecer. Está posto o desafio do professor que seria transformar o modo de ensinar aprendido nos cursos de licenciatura, naquilo que seria como ensinar nos modos tecnológicos atuais impostos.

Para a alfabetização geográfica, evidenciamos desafios que foram intransponíveis, como por exemplo, se tratando daquele estudante que não teve a oportunidade de se conectar para aulas online, ou ainda não disponibilizava de equipamentos para acessar os vídeos de apoio, e leituras complementares, em sites da internet, ou apenas o PET impresso em preto e branco sem ajuda do professor, e por fim, aquelas famílias que perderam entes queridos, perderam fontes de renda, e passaram a sobreviver de ajudas emergenciais, e que para conseguir se alimentar, deixaram seus filhos e filhas sozinhos em casa.

Pensando na perspectiva da maioria das famílias brasileiras, são compostas da classe trabalhadora, e que nela não detém a maior parte da riqueza do Brasil, encontramos facilmente no cenário pandêmico da COVID-19, famílias que tiveram que optar por sobreviver, ou seja, se alimentar e priorizar questões básicas de sobrevivência, em detrimento de investir na educação dos filhos em tempo de pandemia. Com isso compreenderemos o aumento do número de analfabetos no Brasil e de alfabetos funcionais, ou seja, aqueles que sabem ler, contudo não

sabem interpretar o que lê. A pobreza trouxe consequências que se ampliaram na pandemia e que o analfabetismo que historicamente veio sendo subtraído não teve a mesma sequência, por causa das razões apresentadas nessa dissertação.

Compreendemos que o Ensino de Geografia, não alcança entre as suas missões a de motivar para que o estudantes construam sua criticidade e tenham sua visão de mundo ampliada, quando observamos que o ensino geográfico, seja ele em todos os níveis, mas aqui em nossa análise, no ensino fundamental, e nos anos iniciais, quando o acesso às aulas síncronas não são garantidos a todos os estudantes, e mesmo que de forma precária o discente não consegue permanecer conectado para que então possa construir junto com o professor e/ou a professora, uma análise que possa dialogar com o mundo real e o mundo virtual.

Verificamos que o Ensino de Geografia ocorre de forma precarizada, quando analisamos o material utilizado pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, no REANP, os PETs, que inicialmente não trouxeram a pandemia em seus cadernos, ou seja, o governo se omite e não permitiu que o discente fizesse a discussão de sua realidade e assim se tornasse um cidadão crítico.

Temos como análise do material utilizado que sua impressão passa a ser facultativa à família, e que o estudante em fase de alfabetização, se relaciona com esse material, PET, na sua maioria em preto em branco, e não consegue se enxergar como parte daquilo que as apostilas trazem em seus conteúdos. As propostas trazidas por parte do Estado, sem que dialogassem com a realidade dos estudantes em cada município mineiro, reforçam um fracasso reproduzido historicamente a agora com mais intensidade.

O papel da família na escola é um comportamento que destacamos nessa dissertação, e por entender que nesse lugar de fala, enquanto docentes que atuaram com alunos e familiares durante a pandemia da COVID-19, foi fator, que em nossa compreensão muito somou do processo de adaptação nas aulas online, quanto a realização do Ensino Remoto, e minimizaram as dificuldades que enfrentaríamos longe da família. Pois a empatia, e o altruísmo foram exercícios feitos por nós diariamente, e o se permitir desafiar pelo desconhecido, a valorização da vida. Também destacamos o compromisso docente com os seres humanos que estavam no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, nosso compromisso foi além desses processos educacionais e entraram na seara do afeto e da compreensão máxima com os mesmos, bem como com toda a família.

A aproximação da família, e a presença dela, no processo de ensino e aprendizagem, trouxeram a possibilidade de mais leveza no processo, pois enquanto professores, assim como os estudantes estamos em processo de constante aprendizado.

A empatia se fortaleceu também diante dos desafios psicológicos que começaram eclodir na comunidade escolar, onde muitos professores e alunos adoeceram pela pressão que sofreram, seja por perdas de familiares, desajustes financeiros, e/ou no caso dos trabalhadores e trabalhadoras da educação pela pressão que os mantenedores das escolas e da sociedade como um todo fizeram para que o docente desempenhasse seu papel, mesmo que não tenha em seu currículo acadêmico as metodologias e didática que contemplariam o Ensino Remoto, e também a pressão patronal de muitos setores da economia, a volta às aulas presenciais, sem que houvesse vacinação ampla, e segurança do não contágio com as variantes do Sarscov2.

A educação tem se afastado de temáticas como a discussão crítica e política da sociedade, fato este que se reforça por ações de governos que se hegemonizam no poder utilizando da estratégias de silenciamento da grande massa popular, fazendo que sirvam de massas de manobra dos interesses do capital internacional, dentro de um perspectiva neoliberal, e muitas vezes religiosas, onde o poder, o domínio, a exploração e opressão dos mais simples, se faz constante, em manutenção de uma pequena minoria dominante, que se mantém dentro de uma perspectiva exploratória a qualquer custo.

O papel do professor e da professora em tempo de pandemia, foi determinante para que a educação acontecesse. E por mais que não houve investimentos que de fato tornasse a educação uma realidade a todos os cidadãos. O esforço de reinventar, fez com que a escola não “fechasse”, no sentido literal da palavra, quando observamos que a escola se abre virtualmente em tempo da COVID-19, 2020 e 2021, utilizando seu próprio aparelho celular, a internet, a energia elétrica, a casa, o mobiliário, e a força de vontade do brasileiro, explorado, desvalorizado, criticado, marginalizado, culpabilizado pelas mazelas da educação. Entre esses e outros atributos, características e adjetivos, destacamos os professores.

O desafio continua...

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MINAS. **Ano letivo 2022 começa para 1,7 mi alunos da rede estadual**. 07-02-2022. Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/ano-letivo-2022-comeca-para-1-7-mi-alunos-da-rede-estadual> . Acessado em 16-03-2022.

BRASIL. Decreto 19.980 de 18 de abril de 1931: Dispõe sobre a organização do ensino secundário. **Câmara Legislativa**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-republicacao-141247-pe.html> Acessado em 24-04-2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Auxílio Brasil. Brasília: **Ministério da Cidadania**, 2021. Disponível in: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/auxilio-brasil#:~:text=A1%C3%A9m%20de%20garantir%20uma%20renda,superem%20situa%C3%A7%C3%B5es%20de%20vulnerabilidade%20social> . Acessado em 27-12-2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Informe Bolsa e Cadastro – Comunicado. Brasília: **Ministério da Cidadania**, abril de 2021. n° 783. Disponível in: https://www.mds.gov.br/webarquivos/sala_de_imprensa/boletins/boletim_bolsa_familia/2021/abril/Boletim_BFInforma783.html#:~:text=14%2C6%20milh%C3%B5es%20de%20fam%C3%ADlias,pagamentos%20para%20as%20fam%C3%ADlias%20benefici%C3%A1rias. Acessado em 27-12-2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Guia de retorno das Atividades Presenciais na Educação Básica, Brasília: **MEC**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/GuiaderetornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf> . Acessado em 27-12-2021.

BRASIL. Ministério da Educação. História do MEC, Brasília: **MEC**, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia> . Acessado em 24-04-2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório de Atividades: ações do MEC me resposta a Pandemia de COVID-19, de março/2020 a março/2021. Brasília: **MEC**, 2021. Disponível in: <https://www.gov.br/mec/pt-br> . Acessado em 27-12-2021.

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial**: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS. Tradução Juliane Bianchi Leão. São Paulo. Zazie Edições, 2018. Disponível in: https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Pequena_Biblioteca_de_Ensaios_Wendy_Brown_Zazie2018.pdf. Acessado em 14-01-2022.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível in <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 14-04-2022. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>

CÂMARA MUNICIPAL UBERLÂNDIA. Retorno às aulas marca início das audiências públicas na Câmara Municipal. 20-01-2021. Disponível em: <https://www.camarauberlandia.mg.gov.br/retorno-as-aulas-marca-inicio-das-audiencias-publicas-na-camara-municipal> . Acessado em 16-09-2022.

CONTÁBEIS. Auxílio Emergencial: governo apresenta perfil dos beneficiários em 2020: 55% são mulheres. 09-03-2021. Disponível em: <https://www.contabeis.com.br/noticias/46336/auxilio-emergencial-governo-apresenta-perfil-dos-beneficiarios-em-2020-55-sao-mulheres/#:~:text=Nesta%20data%2C%20os%20registros%20indicavam,de%20acordo%20com%20o%20IBGE>. Acessado em 22-05-2022.

CNN BRASIL. Quase 28 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. 07-10-2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/quase-28-milhoes-de-pessoas-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-no-brasil/> . Acessado em 22-05-2022.

CPP. Bolsonaro pede aula presencial e diz que professor não quer trabalhar. 18-09-2020. Disponível em: <https://www.cpp.org.br/informacao/noticias/item/15869-bolsonaro-pede-aula-presencial-e-diz-que-professor-nao-quer-trabalhar> . Acessado em 27-02-2022.

CSSEGIS. Dados da COVID-19. 23-01-2021. Disponível em <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19> . Acessado em 24-01-2022.

DE FATO ONLINE. Secretaria de Educação detalha regime de aulas online na rede estadual. 13-05-2020. Disponível em: <https://defatoonline.com.br/secretaria-de-educacao-detalha-regime-de-aulas-online-da-rede-estadual/> . Acessado em: 24-01-2022.

DIEESE. Número de desligamentos por mortes na educação mais do que dobra em 2021. 20-06-2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf> . Acessado em 16-03-2022.

EDUCA MAIS BRASIL. Analfabetismo em crianças aumenta durante a pandemia. 19-09-2022. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/analfabetismo-em-criancas-aumenta-durante-pandemia> . Acessado em 01-12-2022.

EXAME. IBGE - um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet. 14-04-2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/> . Acessado em 24-01-2022.

EXPRESSO ESTADÃO. Pandemia afeta trabalho e saúde mental dos professores. 18-10-2021. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/pandemia-afeta-trabalho-e-saude-mental-dos-professores/> . Acessado em 16-09-2022.

FREIRE. Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GESTRADO/UFMG. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia: Relatório Técnico.** Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 701-717, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde> . Acessado em 12-01-2022.

G1. Pedidos de afastamento de profissionais da educação municipal crescem 120% neste ano, no Alto Tietê. 10-12-2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2022/12/10/pedidos-de-afastamento-de-profissionais-da-educacao-municipal-crescem-120percent-neste-ano-no-alto-tiete.ghtml> . Acessado em 12-12-2022.

G1. 1 em cada 4 mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil. 07-06-2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>. Acessado em 16-03-2022.

G1. Prefeitura de Uberlândia confirma primeiro caso de coronavírus na cidade. 17-03-2020. Disponível in: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/03/17/prefeitura-de-uberlandia-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-na-cidade.ghtml>. Acessado 05-08-2022.

G1. COVID-19: justiça atende pedido da Prefeitura de Uberlândia e permite volta das aulas presenciais. 01-06-2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/06/01/covid-19-justica-atende-pedido-da-prefeitura-de-uberlandia-e-permite-volta-das-aulas-presenciais.ghtml>. Acessado em 16-09-2022.

G1. Retorno às aulas presenciais passa a ser obrigatório na rede pública estadual de MG a partir desta quarta-feira. 03-11-2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/11/03/retorno-as-aulas-presenciais-passa-a-ser-obrigatorio-na-rede-estadual-de-mg-a-partir-desta-quarta-feira.ghtml> . Acessado em 16-03-2022.

KIRCHNER, E. A. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. MAYER, J.(org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia.** Cruz Alta: Ilustração, 2020. P. 45-54.

MEC RED. **Plataforma digital de aprendizagem.** 10-02-2022. Disponível em: <https://plataformaintegrada.mec.gov.br/>. Acessado em 23-01-2023.

MIDIA NINJA. **É fake que professor/a não quer trabalhar.** 01-05-2021. <https://midianinja.org/jorgetaniaferreira/e-fake-que-professora-nao-quer-trabalhar/>. Acessado em 27-02-2022.

MINAS GERAIS. O grupo de Trabalho Intersetorial Municipal (GTI-M) no contexto da pandemia de COVID-19 - Comunidade Escolar, **SEE/MG**, 2021. Disponível in: www.educacao.mg.gov.br. Acessado em 06-01-2022.

MINAS GERAIS. **Plano de Estudo Tutorado.** 13-05-2020. Disponível em: <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/reanp-2020/ens-fund-anos-iniciais>. Acessado em 06-01-2022.

MINAS GERAIS. **Plano de Estudo Tutorado.** Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/REANP-2021>. Acessado em 06-01-2022.

MINAS GERAIS. Protocolo sanitário de retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia - Comunidade Escolar, **SEE/MG**, 2021. Disponível in: www.educacao.mg.gov.br. Acessado em 06-01-2022.

MINAS GERAIS. **Regime Especial de Atividades Não Presenciais**, e institui o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia coronavírus (COVID-19). Resolução SEE/MG nº 4310/2020, Belo Horizonte, 17 de abril de 2020. Disponível in: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Resolucao%20SEE_N__4310.pdf , Acessado em 06-01-2022.

MINAS GERAIS. **Programa Saúde na Escola/MG**, institui os Grupos de Trabalho Intersetoriais Municipais (GTIM) do Programa Saúde na Escola (PSE), no âmbito do Estado de Minas Gerais. RESOLUÇÃO CONJUNTA SES-MG/SEE-MG 202, Belo Horizonte, 14 de junho de 2016. Disponível em: https://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Conjunta%20202%20SES-SEE_GTI-M.pdf. Acessado em: 16-09-2022.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo. Editora Contexto, 1987.

SENADO NOTÍCIAS. Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE. 13-11-2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>. Acessado em 12-01-2022.

POLITIZE. **Violência doméstica na pandemia**. 28-04-2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20terceira,%C3%A9%20um%20dado%20nada%20casual>. Acessado em:16-09-2022.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **Vacinação contra COVID-19 em crianças de 0 e 5 anos**. 14-01-2022. <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/01/14/vacinacao-contra-a-covid-19-em-criancas-entre-5-e-11-anos/>. Acessado em 16-03-2022.

RADIO SENADO. **A cada e professores do Brasil já pediram afastamento por motivo de saúde**. 01-11-2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/11/01/2-a-cada-3-professores-do-brasil-ja-pediram-afastamento-por-motivo-de-saude> . Acessado em 16-09-2022.

SRE CAXAMBU/MG. **Apostilas do PET são gratuitas e disponíveis para todos os alunos da rede estadual de Minas**. 09-06-2020. Disponível em: <https://srecaxambu.educacao.mg.gov.br/index.php/9-noticias/128-apostilas-do-pet-sao-gratuitas-e-disponiveis-para-todos-os-alunos-da-rede-estadual-de-minas> . Acessado em 10-05-2022.

SINTRIAL. **Crise econômica e desemprego já eram realidade antes da pandemia**. Disponível em: <https://www.sintrialdoisvizinhos.com.br/crise-economica-e-desemprego-ja-eram-realidade-antes-da-pandemia-no-brasil/>. Acesso em 15/01/2023.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo. Editora Contexto. 1991.

UOL. **COVID: 1º caso em Wuhan foi de vendedora de mercado de animais**. 19-11-2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/rfi/2021/11/19/covid-1-caso-em-wuhan-foi-de-vendedora-de-mercado-de-animais-diz-estudo.htm> . Acessado 05-08-2022.

UOL. **Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar: diz Bolsonaro sobre coronavírus**. 20-03-2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml> . Acessado em 06-01-2022.

UOL. **Só professor não quer trabalhar na pandemia, diz Ricardo Barros**. 20-04-2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/20/ricardo-barros-governo-critica-professores.htm?cmpid=copiaecola> . Acessado em 27-02-2022.

YANNOULAS, Silvia Cristina; *et all*. **Educação e pobreza: 11miaries de um campo em (re)definição**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 50 maio-ago. 2012. Disponível in: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/RHbjpsvktbyd8sPCrVGj7KM/?lang=pt&format=pdf> , Acessado em 03-10-2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200005>